

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Afetividade da Família Migrante: Um Estudo Sociodramático

Susana Kramer de Mesquita Oliveira

Brasília – DF

2008



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Afetividade da Família Migrante: Um Estudo Sociodramático

Susana Kramer de Mesquita Oliveira

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição

Brasília – DF

2008

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª. Maria Inês Gandolfo Conceição

Universidade de Brasília

Presidente

Profª. Drª. Célia Ferreira Teixeira

Universidade Federal de Goiás

Membro

Profª. Drª. Júlia Bucher

Universidade de Brasília

Membro

Profª. Drª. Gláucia Diniz

Universidade de Brasília

Membro

Profª Drª Maria Alexina Ribeiro

Universidade Católica de Brasília

Membro

Prof. Dr. Ileno Izídio

Universidade de Brasília

Membro (Suplente)

Dedicatória

“O Amor e a Verdade se encontrarão; a Justiça e a Paz se beijarão”.

Salmos 85:10

Aos meus filhos Danielle, Samuel e Aline, aos quais amo e abençôo na busca de seus lugares na História da Humanidade;

Ao meu companheiro de mais de duas décadas e meu melhor amigo Isael, incansável em transformar nossas diferenças em amor;

Aos meus pais Elfrida e Mesquita que me ensinam com o seu amor e união de mais de cinco décadas a jamais negar a minha mais autêntica vocação;

Aos meus irmãos Cláudio e Clélio que me inspiram à comunhão e à expansão de nossas famílias na Terra;

À minha amiga Eliza, que não me deixou rir, e nem chorar, sozinha; que fez de seus irmãos, os meus, e dos meus, os seus;

Ao meu Criador e Deus e ao meu Redentor Jesus Cristo, minha inspiração para amar a Criação e a Humanidade, para criar e produzir conhecimento com a liberdade de me relacionar com a Verdade não como uma idéia, mas como Sua Pessoa.

“A liberdade da graça divina constitui a graça da liberdade humana”.

Brevard S. Childs

Agradecimentos

À professora Inês, pela confiança, disponibilidade e direcionamentos fundamentais à conclusão deste trabalho.

À professora Liana, pelo importante acolhimento e orientação inicial.

À “minha família em Brasília” – Ivete, Bernadete, Adalberto, Camila e Evilásio (e aos “parentes” que ganhei) –, pela disponibilidade de partilhar, apoiar, cuidar... em tempos de tão grandes desafios.

Às famílias que participaram deste estudo, cuja *afetividade* foi mais que um objeto de estudo, mas um gesto raro e precioso de envolvimento, compromisso e doação.

Aos meus colegas auxiliares de pesquisa, Penha e Fábio, pela colaboração indispensável e pelo modo criativo, cooperativo, interativo, voluntário e dedicado com que se comprometeram com a tarefa e com as pessoas.

Aos meus amigos Daniela e Saulo pelo suporte técnico e pelo auxílio no trabalho árduo da compilação de dados, tornados mais acessíveis, legíveis e prazerosos à análise.

À UnB, representada na pessoa da professora Gláucia Diniz, pela confiança, incentivo e apoio fundamentais à conclusão do curso e deste trabalho.

Aos meus colegas, alunos, estagiárias da UFC, por tornarem pessoal uma relação de 25 anos, e por me manterem desafiada ao conhecimento e ao diálogo.

A uma inumerável rede de “amigos, mais que irmãos”, os quais, cotidianamente, acompanharam-me, abençoaram-me, esperaram e brigaram por mim, choraram e se alegraram comigo, fazendo-me encarnar, pela cooperação e pela comunhão, a minha vocação.

Sumário

Dedicatória	
Agradecimentos	
Sumário	
Lista de Figuras	
Lista de Quadros	
Resumo	009
Abstract	011
Introdução	012
CAPÍTULO I – Bases Epistemológicas da Pesquisa	
1. Concepção de Ciência	020
2. Visão de Homem na Abordagem Socionômica	025
CAPÍTULO II – Contribuições de Moreno ao Estudo da Afetividade da Família Migrante	
1. Sociometria: Afetividade e Realidade Social	034
2. Matriz de Identidade: Desenvolvimento de Pessoas e Grupos	037
3. Pertencimento e Expansividade Social	044
CAPÍTULO III – Construção do Objeto de Estudo	
1. Categoria <i>Família</i>	050
2. Categoria <i>Migração</i>	061
3. Categoria <i>Afetividade</i>	075
4. Objetivos	091
5. Questões Norteadoras	092
6. Hipóteses	093
CAPÍTULO IV – Metodologia Sociodramática	

1. Bases Metodológicas da Pesquisa	095
2. Contexto Social e Sujeitos da Pesquisa	102
3. Coleta de Dados: As Sessões Sociodramáticas	108

CAPÍTULO V – Análise dos Dados

1. Sessão Sociodramática I: “Dinâmicas de Pertencimentos e Imagens Idealizadas de Família”	123
2. Sessão Sociodramática II: “Historiodrama da Migração”	129
3. Sessão Sociodramática III: “Sociometria da Migração”	135
4. Sessão Sociodramática IV: “Perspectivas Futuras da Família Migrante”	144
5. Processamento das Análises:	153
<i>Familidade</i> e Concepções de Família	154
Diferenciações do Pertencimento e Concepções de Mundo	157

CAPÍTULO VI – Considerações Finais

1. A <i>familidade</i> na compreensão do pertencimento-diferenciação de famílias migrantes	175
2. O significado histórico e contextual da migração contemporânea	179
3. As contribuições da Socionomia no estudo da afetividade de famílias migrantes	184
Referências Bibliográficas	193

Lista de Figuras

Figura 1 – Circularidade das Categorias de Análise do Objeto de Estudo	48
Figura 2 – Contextos Relacionais da Pesquisa	102
Figura 3 – Escolhas Sociométricas das Famílias	137

Lista de Quadros

Quadro 1 – Sujeitos: Idade e Ocupação na Migração e na Pesquisa	107
Quadro 2 – Histórias Dramatizadas da Migração	129
Quadro 3 – Aspectos Afetivos e Sociométricos nas Diferentes Pertencas Sociais	167
Quadro 4 – Análise do Pertencimento	170

Resumo

Trata-se de um estudo de caso, com orientação clínico-qualitativa e com destaque em questões sócio-culturais, elementos estes que encontraram ressonância no modelo sociodramático de Moreno (1992b, 1994a, 1994b). O objetivo do estudo foi discutir teórica e metodologicamente os processos emergentes de reinserção social de famílias migrantes, combinando questões clínicas e sócio-culturais relativas ao estudo da afetividade familiar.

A constituição do objeto de estudo (“a afetividade da família migrante”) se deu através da interação entre as categorias *família*, *migração* e *afetividade*, em que a *afetividade* é considerada em sua condição relacional/mediacional, evidenciando-se os aspectos sócio-culturais da *migração*, postulando-se a *família* a partir de suas características constitutivas enquanto grupo social com história e identidade específicas. Assim, os processos de grupalização (*familidade*) de duas famílias nordestinas residentes em Brasília foram analisados, tomando-as como protagonista de suas histórias de migração, a partir de trabalho sociodramático realizado com as duas famílias ao mesmo tempo e como um só grupo.

A Socionomia contribuiu com conceitos como “Átomo Social” e “Matriz de Identidade” estabelecidos a partir de uma visão de homem fundada, ao mesmo tempo, em amplas forças sociais e culturais e, ainda, na microgenética de relações afetivas específicas, o que confere ao projeto moreniano grande aplicação nos chamados tempos pós-modernos.

O método do Sociodrama favoreceu a percepção/compreensão dos modos de pertencimento sócio-familiar, sendo identificadas suas condições específicas tanto na dimensão micro do núcleo familiar, como na pertença social amplificada, com as quais os sujeitos interagiram afetiva, social e culturalmente.

Os sujeitos participaram, como um só grupo, de quatro sessões sociodramáticas que visaram a identificação: das dinâmicas de pertencimentos, das imagens idealizadas de família, do processo dramático migração, das escolhas sociométricas por parte da família em relação ao duplo-pertencimento (lugar de origem e de moradia atual), e das perspectivas futuras como família que se coloca no mundo.

A pesquisa forneceu discussões sobre *familidade*, diferenciações do pertencimento e concepções de mundo da família migrante, organizando teórico e metodologicamente

conceitos e dinâmicas de natureza clínico-social na investigação da condição afetiva de famílias migrantes, sugerindo-se a sua continuação a partir da indicação de vários aspectos temáticos e técnicos iniciados. Também se tornou central uma discussão sobre o lugar do pesquisador no acesso ao dado, a respeito do que a Socionomia indica a inserção do pesquisador ao próprio grupo de pesquisa.

Palavras-chave: *Afetividade, Família, Migração, Sociodrama.*

Abstract

This is a case study with clinical-qualitative orientation? and in prominence (especially) socio-cultural questions, these elements found resonance in Moreno's sociodramatic model (1992b, 1994a, 1994b). The purpose of this study was to theoretically? and methodologically argue the emerging processes of social reinsertion of migrant families, combining clinical and socio-cultural questions relating to the study of familiar affectivity.

The formation creation of the object in study ("the affectivity of the migrant family") came about through the interaction among the *family*, *migration*, and *affectivity* categories, in which *affectivity* is considered in its relational/mediatorial situation, which evidences the socio-cultural aspects of *migration*, and postulates the *family* from its constituent characteristics while social group with history and a specific identity. In this way, the grouping processes (*familiarity*) of two northwestern families which reside in Brasília were analyzed, primarily taking into account, their history of migration, from the sociodramatic work done with these two families at the same time and as one single group.

The Socionomy contributed concepts such as "Social Atom" and "Matriarch of Identity," established because of the vision of founded man, and at the same time, in ample social and cultural forces and, still, in the microgenetic of specific affective relations, which confers great application to the "Morenian" project in these so called postmodern times.

The Sociodrama method favored perception/comprehension of of the socio-familiar relating (pertaining) modes. Its specific conditions were identified as much on the familiar nucleus's micro dimension, as in the amplified social domain, in which the subjects interacted affectively, socially, and culturally.

The subjects participated as one group, in four socio-dramatic sessions which aimed (sought) to identify: the dynamic of participancy, the idealized images of family,

Key words: *Affectivity, Family, Migration, Sociodrama.*

Introdução

“A ligação dos povos entre si se estende a tal ponto sobre o globo terrestre que quase se pode dizer que o mundo inteiro se tornou uma única cidade, onde se celebra uma perpétua feira de todas as mercadorias e em que qualquer pessoa, mediante dinheiro em sua casa, pode se suprir e desfrutar de tudo o que produzem a terra, os animais e o esforço humano”.

Montanari. Della Moneta

As histórias de migração sempre estiveram presentes na humanidade, remontando-se à pré-história em que o homem era essencialmente nômade. Hoje, porém, com a influência da globalização, apresentam-se em padrões relacionais mais complexos, despertando novas condições afetivo-sociais e novas identidades.

Na busca de compreender o homem em suas relações, Moreno (1984) propõe que este seja considerado protagonista tanto na concepção de ser humano como no *modus operandi* de produzir conhecimento a seu próprio respeito.

Os aspectos sociais nas experiências de vinculação e re-vinculação sócio-afetivas chamam a atenção pelo fato de que os lugares diferenciados de pertença social indicam valor de *divisores de águas* no desenvolvimento de pessoas e famílias. A desterritorialização e a vinculação a um novo território impõem novas práticas afetivas no contato e distanciamento das antigas e frente às novas relações. As redes relacionais em jogo se recolocam por suas dinâmicas constitutivas e pelos processos de referenciação de sentido diante dos diversos pertencimentos territoriais/sociais.

Há milênios, as famílias vêm se espalhando pela Terra, deflagrando uma miscigenação contínua em diversos aspectos da realidade sócio-cultural. Neste sentido, o ser humano é cada vez mais pertencente, por consangüinidade ou por adoção, a contextos multiculturais.

Vários fatores têm intensificado e modificado o modo de contato entre pessoas no intercâmbio sócio-cultural na Era Tecnológica. Neste contexto, Lèvy (2000) discute o futuro da

cognição humana – suas percepções e a construção do conhecimento e da cultura – nos seguintes termos:

A ascensão do conhecimento por simulação deve ser entendida de acordo com uma modalidade aberta, plurívoca e distribuída. (...) Este poder de manejar e de remanejar o ambiente irá mostrar-se crucial para a construção da cultura. (...) Por exemplo, nossa percepção da cidade onde vivemos muda dependendo se costumamos ou não consultar seus mapas (Lèvy, 2000, p. 133).

Neste sentido, Lèvy (2000) identifica alterações no modo de se pensar, perceber, apreender, etc, advindas da revolução tecnológica e que significam uma nova relação entre a dimensão “local” e as “redes heterogêneas”. Para o referido autor, os “efeitos de subjetividade emergem de processos locais e transitórios”, o que significa dizer que “estamos sempre diante do devir de redes heterogêneas” (p. 152).

Além do aspecto transitório das relações humanas, Morin (2000) também discute a abrangência do Planeta nas representações humanas, em que, de um contexto micro de relações (como por exemplo, a família), redes sociais cada vez mais diversas vão se configurando cognitivamente e afetivamente, desafiando, assim, a convivência com aspectos globais, multidimensionais e complexos.

Vive-se, portanto, uma nova forma de se conceber vinculações e relações sociais, impondo, em alguma medida, uma dimensão multicultural vincular, alterando os modos do “pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais (...) (fazendo emergir novas) identidades culturais” (Hall, 2005, p. 8). Neste sentido, fala-se de um novo homem, de uma nova sociedade e são diversos os aspectos relacionados à “mudança estrutural (que) está transformando as sociedades modernas (...) fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (pp. 8-9).

A transição e a transformação das identidades encontram especial contexto de análise nos movimentos migratórios, em que se observa, por um lado, a desconstrução de antigos “quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”

(Hall, 2005, p. 8); e, por outro, a abertura de novas possibilidades de comunicação e contato entre o velho e o novo lugares de pertença, bem como de suas relações reais ou potenciais.

A migração – enquanto experiência de desenraizamento e reenraizamento sócio-afetiva – implica tanto em novos contatos, *status* e referências sócio-culturais, como em novos modos de relacionamento, de expressão pessoal, de percepção sobre as potencialidades pessoais e de construção de relações amorosas, afetivas, sociais e, portanto, novas concepções de si mesmo, do próximo e do mundo.

A *afetividade* tem sido adotada como uma categoria de análise fundamental na análise dos processos de transformação do homem em suas vinculações sócio-históricas (González-Rey, 2000), sendo entendida como um aspecto mediacional da relação homem-sociedade, que permite perceber as nuances do redimensionando do sentido de *se ser no mundo*.

A conservação da realidade afetiva/interpessoal – como um mecanismo de auto-proteção – visa a tentativa de sobrevivência emocional (Cuckier, 1998) diante de realidades sofridas que o sujeito enfrentou ou enfrenta. Por esta razão, este passa a oferecer resistência às mudanças relacionais, mantendo, mesmo diante de mudanças profundas sócio-culturais, condutas e lógicas afetivas¹.

Para Moreno (1992b), todavia, estes mecanismos implicam no aprisionamento das condições básicas de expressão da subjetividade e das vinculações que a possibilitam, pois a sobrevivência do homem depende do exercício da espontaneidade e da criatividade. Estas possibilitam a liberação de condicionamentos vinculares e emocionais, tornando, o homem, sujeito de sua história. Estabelece-se, assim, uma nova demanda: a da inovação e co-criação das respostas, do desempenho complementar de papéis e do aprendizado emocional e relacional contínuo e co-construído. A capacidade relacional é, então, considerada por Moreno (1992b) um aspecto da co-criação².

Além disso, Moreno (1983) estabelece que a capacidade de reorganização emocional/vincular desenvolve-se em meio à experiência paradoxal de, por um lado, manter um modo específico de vinculação (que permita a identidade e o sentimento de pertença sócio-

¹ Lógicas afetivas de conduta “são as marcas afetivas que influenciam a cognição e a conduta (...) (derivadas) de várias experiências vinculares” (Nery, 2003, p. 25). Estas estão relacionadas tanto à constituição de subjetividades como de identidades.

² Nery (2003) explicita-a como “a capacidade de as pessoas, nos vínculos, complementarem papéis que atualizam lógicas afetivas de conduta favorecedoras do crescimento psicossocial dos envolvidos” (p. 26).

afetiva); e, por outro, a reconstrução dessa ordem, a qual permite a expressão das diferenciações da experiência subjetiva que se vai ganhando na própria caminhada afetiva da vida.

O redimensionamento subjetivo e social evidenciado pelos processos de transição sócio-afetiva ganha novos parâmetros de análise quando se investiga a família migrante, uma vez que a experiência de redimensionar suas raízes afetivo-sociais acontece, conjuntamente, transformando o próprio núcleo básico de pertença. O êxodo da família da terra natal implica, afetivamente, na partida de pessoas com uma diversidade de vínculos (de filhos, netos, amigos, etc.) e também na diversidade das buscas de sentido histórico representada na constituição identitária de cada membro da família e do grupo familiar como um todo. Em outras palavras, são vários atores no palco da migração familiar, protagonizando, concomitantemente, histórias interconectadas.

Várias famílias (Carvalho & Almeida, 2003) têm vivenciado nessa realidade de, em conjunto, separarem-se de suas primeiras pertenças sociais, e de se estabelecerem, como grupo, em novos contextos de pertencimento. A partir disso se pergunta sobre o que acontece na relação familiar, e com suas referências sócio-culturais quando todo o conjunto familiar deixa seus contextos relacionais, sociais e culturais e enfrenta o ingresso em um novo lugar. Que significados a própria família migrante atribui ao novo e ao antigo pertencimento social, e que concepções de família perpassam a sua experiência?

O contexto de análise da presente pesquisa formou-se do quadro de transformações frente às vinculações afetivas promovidas pelo processo da migração na dimensão do conjunto familiar, tomando-se como referência famílias que deixaram, conjuntamente, sua terra natal em busca de melhores condições de vida. O foco da investigação repousou sobre os processos afetivos intrafamiliares e sócio-culturais na reinserção social da família como grupo, isto é, nas experiências referentes tanto aos vínculos reconstruídos no núcleo, diante do novo lugar de pertença, como na concomitância de pertencimento às duas referências de lugar de pertença. Os contextos culturais não foram tomados como foco, mas considerados, dentro do modelo investigativo adotado, como reflexos nas dimensões interpessoais recortadas no estudo, a saber, a afetividade das famílias migrantes.

Bauman (2003) discute a condição ambivalente da família (e de outras comunidades) enquanto lugar de segurança e/ou lugar de perda da liberdade, frente à sua fragmentação provocada pela aceleração do pluralismo cultural, o que corrobora com a referência de Moreno (1983) à reorganização relacional como uma experiência paradoxal de, ao mesmo tempo, manter e transformar vinculações. A manutenção dos vínculos permite a noção de identidade e de pertença sócio-afetiva, e a sua transformação, a manifestação das diferenciações subjetivas. Neste sentido, pode-se dizer que a dinâmica básica nas transições vinculares repousa sobre o paradoxo *pertencimento-diferenciação*.

A migração como uma experiência de pertencimento em transição, implica em questões de reintegração do grupo familiar consigo mesmo e com seus lugares de pertença, tanto em relação aos vínculos intrafamiliares, quanto nas relações da família com seu *locus* social (mutante). Os aspectos ambivalentes, paradoxais e conflituosos do processo indicam que a experiência de migração pode resultar na ampliação ou na fragmentação da noção de pertencimentos em jogo.

A intensificação do intercâmbio entre culturas no cenário cotidiano da vida social contemporânea tem promovido novos aspectos comunicacionais e relacionais (Hall, 2005), evidenciando, no âmbito familiar, um contexto multicultural nas trocas interpessoais, nas escolhas relacionais, na expressão da afetividade e em outros aspectos da vida familiar e comunitária. O pesquisador das ciências humanas enfrenta, pois, o desafio da ampliação do espectro de sua análise sobre a condição de pertencimento social a contextos cada vez mais amplos, mais plurais, podendo configurar, ao mesmo tempo, em algum recorte social específico, a singularidade pessoal ou grupal que permita identidade própria a pessoas ou grupos que vivenciam tais processos. Moreno (1992b) indica, no entanto, que o paradoxo *pertencimento-diferenciação* alcança tanto o contexto das interações entre grupos/comunidades culturalmente diversas, como o da experiência de pertencimento global (ao Planeta), ao conjunto da humanidade.

Também estão presentes, neste contexto, as questões de marginalização, violência e exclusão social, em dimensões cada vez mais macro, o que envolve as relações entre povos e nações (Castro, 2005). Os processos psicossociais da exclusão são explicados como superação da dualidade “incluído-excluído”, entendendo-se os processos de exclusão como

“inclusões perversas” (Sawaia, 1999), referindo-se aos modos de constituição subjetiva e intersubjetiva por meio de condições relacionais vivenciadas nas periferias dos contextos relacionais culturalmente valorizados. Tais considerações frente à temática da migração de famílias podem ressaltar questões de exclusão e marginalidade em uma dimensão social bastante ampla, sabendo-se que os migrantes ao se envolverem em relações “nós *versus* eles” (Bauman, 2003), assumem uma condição de minoria marginal (Moscovici, 1991).

O que se percebe é que a problematização da migração – e especificamente da migração familiar – se reorganiza diante de uma nova leitura sobre condições culturais derivadas de processos sociais emergentes. No presente estudo, optou-se por trazer à luz a história de famílias nordestinas migrantes, recortando a afetividade intrafamiliar como campo conceitual com valor sócio-cultural, traduzida enquanto ordenação vincular. Duas famílias migrantes narraram, mediadas pela interação dramática, suas histórias de reinserção social, a saber, nordestinos que migraram para o centro-oeste brasileiro (especificamente, do Ceará ao Distrito Federal), regiões bastante diferenciadas nas suas conotações de territorialidade sócio-cultural e modos afetivos de pertencimento.

O referencial teórico e metodológico fundamentou-se nas contribuições de Jacob Levy Moreno (1983, 1984, 1992a, 1992b, 1993a, 1993b, 1994a, 1994b), as quais foram sistematizadas enquanto ciência (Socionomia) subdividida em três ramos: 1) a Sociometria (que pesquisou a composição dos grupos), 2) a Sociodinâmica e, especificamente, o Psicodrama e o Sociodrama (que intervêm/investigam transformações grupais), e 3) a Sociatria (que trata os sistemas sociais). Assim, para Moreno (1993a), compreender, avaliar e intervir são processos interdependentes na busca de conhecer e transformar o ser humano e suas relações.

Segundo Moreno (1992b), todo grupo humano é formado por uma intrincada rede de átomos sociais engendrada por critérios de escolhas comuns (critérios sociométricos), explicando a vida social, grupal e relacional por meio de “*dinâmicos agrupamentos sociais de crescimento histórico*” (p. 183). As configurações que cercam o indivíduo e os grupos nucleares como a família vão se alternando nas relações interpessoais e nas trocas intergrupais, podendo-se discernir nesta um padrão afetivo de “*atração, repulsa e indiferença no limite entre indivíduos e grupo*” (Moreno, 1992, p. 173).

Moreno enfatiza a singularidade de pessoas e grupos³ através dos conceitos “espontaneidade-criatividade” e “tele-transferência” no contexto dos papéis sociais (que tendem a ser conservados na cultura). O primeiro refere-se à recriação destes, e o segundo, à sua co-criação. Ambos os conceitos respaldam-se também na concepção de homem proposta por Moreno (1992a), a saber, um homem vocacionado à expressão e realização do novo em si e no mundo (espontâneo e criativo), bem como no encontro *eu-tu* (implicado no paradoxo da reciprocidade/tele ou repetição/transferência de suas percepções interpessoais). No contexto dos conceitos básicos da teoria moreniana coadunado com a sua concepção de homem, pode-se derivar o paradoxo *pertencimento-diferenciação*, indicando que, ao mesmo tempo o ser humano se singulariza e se insere em relações específicas, e que estas duas dimensões se intercambiam na constituição de suas identidades (da pessoa e das configurações grupais). A evolução e identidade do grupo são, portanto, compreendidas como o desenvolvimento da capacidade deste grupo relacionar-se telicamente (com recriações e co-criações atualizadas) nas dimensões intra e intergrupo.

A pesquisa com famílias migrantes pode se favorecer deste parâmetro de análise, evidenciando a construção da nova pertença social e também da própria reconstrução da família, a partir de suas características constitutivas enquanto grupo social. A categoria central de análise da pesquisa, a afetividade da família, foi definida a partir do parâmetro da “circularidade afetiva” (estágio final da evolução grupal, segundo Moreno, 1994a), identificando-se como *familidade* (“ser família”) o contexto relacional télico (recíproco) nas relações familiares.

Assim, interessam para a presente pesquisa, especialmente, os processos de pertencimento na migração vivenciadas em família e as referências sociais de se “ser família” antes e da experiência migratória. Esta, entendida pelo modelo sicionômico, ressalta as buscas concomitantes de pertencer a um (novo) lugar e de diferenciar-se como família – a primeira referindo-se aos aspectos *sócio-culturais* e, a segunda, aos aspectos *intragrupais* da afetividade da família migrante (i.é., *familidade*).

Além disso, as concepções morenianas forneceram o suporte técnico-metodológico (através do método sociodramático), que permitiram o dimensionamento e a avaliação das

³ O desenvolvimento da pessoa e dos grupos, bem como da capacidade destes se relacionarem em novas realidades relacionais e sociais é proposta por Moreno (1993b) na teoria da Matriz de Identidade.

dinâmicas grupais e a configuração do grupo familiar em estudo, considerando-se o favorecimento da expressão da história de migração familiar em sua natureza vincular, social e cultural.

Nesta perspectiva, o estudo visa à ampliação do quadro teórico-metodológico comumente adotado nas pesquisas com famílias a partir de conceitos inspirados na Socionomia moreniana e relacionados ao contexto sócio-cultural, relativo ao estudo da afetividade grupal, oferecendo uma discussão teórico-metodológica sobre a pesquisa com famílias e sobre os processos emergentes de mudança do grupo familiar, tornando-se central também a discussão sobre o lugar do pesquisador no acesso ao dado.

Capítulo I

Bases Epistemológicas da Pesquisa

“As ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas igualmente revelaram, ao longo do século XX, inúmeras zonas de incerteza”.

Edgar Morin

1. Concepção de Ciência

A ciência tem sido pensada enquanto “(...) *uma ferramenta ready made*’, que pode ser utilizada sem que sua natureza seja examinada” (Morin, 2000, p. 14). Assim, discute-se sobre como se devem estabelecer a cientificidade dos conceitos, evitando, por um lado, a perda do processo de construção epistêmica que a fundamenta e, por outro, a cristalização das compreensões, a qual bloquearia o acesso às condições de sentido do ser humano e da sua vida em sociedade. Neste parâmetro, Habermas (citado por Bauer & Gaskell, 2002) advoga:

(...) é através de um processo auto-reflexivo que as ciências críticas podem chegar a identificar estruturas condicionadoras de poder que, acriticamente, se mostram como naturais mas são, de fato, o resultado de uma comunicação sistematicamente distorcida e de uma repressão sutilmente legitimada (Bauer & Gaskell, 2002, p. 33).

Observa-se, assim, a importância de “(...) *enfrentar os riscos permanentes de erro e de ilusão, que não cessam de parasitar a mente humana. Trata-se de armar cada mente no combate vital rumo à lucidez*” (Morin, 2000, p. 14). Para Wittgenstein (citado por Houston, 2003) trata-se de uma “(...) *luta contra o enfeitiçamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem*” (p. 71).

Especificamente, o objeto do presente estudo (“afetividade da família migrante”) desafia a conjugação das categorias *indivíduo* e *sociedade* e a articulação das mesmas com

vistas a uma melhor compreensão da dimensão psicossocial da vida e da sua expressão enquanto conhecimento científico.

Faz-se oportuna a busca de uma ideologia e técnica legitimamente científicas de pesquisa no campo das relações sociais (Bauer & Gaskell, 2002), bem como de uma compreensão clara do significado das relações do homem para que se possa defini-lo como ser relacional. Neste contexto, a presente discussão corrobora com Turato (2003) sobre a importância de “(...) *entender como, também do ponto de vista psicossocial, a consciência e o conhecimento formam-se, mantêm-se e alteram-se*” (p. 495). Para este autor, “*existem relações concretas entre o pensamento e suas situações históricas e, por dever acadêmico, devemos tomar para nós as reflexões sobre como toda a erudição se difunde entre os seres sociais e as comunidades*” (Turato, 2003, p. 495).

Assim, para enfrentar a temática “família e pertença social”, tão fortemente imersa em elementos sociais, faz-se necessária uma revisão teórica que ressalte o nascedouro das proposições referentes à mesma. Para tanto, recorreu-se à história da pesquisa científica em interação social, narrada por Munnè (1995) em seu livro “La interacción social: teorías y ámbitos”, no qual o autor registra a história dos conceitos psicossociais, associando-a à das sociedades como um todo.

Até a primeira metade do século XX, os conceitos psicossociais apontam condições individuais, comportamentais de interação entre indivíduo e sociedade, concebidas enquanto relações entre cultura e personalidade. Depois disto, as articulações temáticas passaram a ser estabelecidas em nome das grandes escolas psicológicas representativas de concepções específicas de homem, articulando as categorias psicossociais referendadas na história das ciências e das sociedades a novas questões, novas formas de propô-las e de se buscar as articulações teórico-conceituais derivadas. Neste campo, foram ganhando destaque concepções como: processos intra e intergrupais e relacionamento entre maioria e minoria sociais (Moscovici, 1991).

O tecnicismo e o impessoalismo marcantes na ciência em geral foram, a partir do final dos anos 1950, combatidos pelo pressuposto de que o ser humano é fonte de energia, amor e criatividade (abordagem Humanista), imprimindo-se às Ciências Humanas, um caráter transcendental e transpessoal. No entanto, Munnè (1995) avalia que tais características,

comumente associadas à natureza interpessoal do homem, não resolvem a questão do individualismo nas ciências do homem, uma vez que a concepção humanista “(...) vê a sociedade como uma limitação ao desenvolvimento do ser humano (...) e as condições culturais como um impedimento para sua auto-construção” (Munnè, 1995, p. 92).

No citado trabalho, o autor associa ainda fatos históricos e idéias filosóficas/ científicas em campos diversos, ao tema da interação social, bem como a institucionalização dessas idéias, ao modo de explicar o homem no mundo. No desenrolar da história, formas de pontuar os acontecimentos foram sendo estabelecidas e também um modo considerado legítimo de processar a sua leitura, dirigindo, por fim, o sentido da ação científica no campo das interações humanas. Imbricaram-se aos acontecimentos, as idéias, gerando as escolas psicológicas, e estas, por sua vez, estabeleceram recortes e caminhos específicos, configurando seus contextos e objetos de estudo. Seguindo-se as construções do século passado percebe-se que os posicionamentos de Hegel, Darwin e Marx, na opinião de Munnè (1995), estabelecem claras concepções de mundo.

Em termos gerais, Hegel associa categorias como Razão, Idéia, Espírito, Verdade, Deus, com o devir histórico, sugerindo que o Espírito Universal, hoje alienado do mundo, se manifestará no decorrer da História, como ordem, liberdade e consciência. Pode-se dizer que Hegel estabelece um Panteísmo que identifica Deus à própria História, divinizando a História e estabelecendo a superação da realidade em momentos de verdade. Marx, por sua vez, materializou a História como contexto em que a realidade se superaria através da luta entre as classes sociais, advogando que não é a consciência dos homens que delinea o seu ser, e, sim, o ser social (e a produção da vida material) que determina sua consciência e o conjunto total da vida social, política e espiritual.

A concepção dialética do homem em sociedade (como as concepções de Hegel e de Marx) tem sido questionada quanto à designação de oposições que tal abordagem propõe, demandando a criação de mediações para que se mantenha a visão de conjunto (Berger & Luckmann, 2003). Neste contexto, considera-se que a polarização das realidades que a própria concepção dialética cria, projeta e reproduz pode, em nome de uma única realidade, apagar a multiplicidade da vida em suas facetas de realidades distintas.

A influência do pensamento de Darwin (citado por Gould, 1987), por sua vez, foi trazer para o debate dos processos humanos e das sociedades, princípios de adaptação e adaptabilidade que alimentaram as idéias sobre padrões e variações histórico-evolutivas, instaurando a noção de que a humanidade está inserida na História Natural. Assim, a busca de leis gerais do devir da História tornou-se a expressão maior de cientificidade durante todo o século XIX, a partir da qual emergiram três grandes eixos na concepção do ser humano (Foucault, 2000): 1) o homem definido pelo seu perfil evolutivo, com suas formas próprias de ajustamento ao meio (concepção darwiniana); 2) o homem definido por suas atividades singularmente humanas (a linguagem e o trabalho) que deteriam em si mesmas o sentido de sua historicidade (concepção marxista); e 3) o homem definido pelo próprio devir histórico (concepção hegeliana).

Em outras palavras, estabeleceram-se os grandes planos para a compreensão da história do homem (o biológico e sócio-cultural), acirrando o debate sobre a sua natureza social, metafísica e fisiológica. Deste ponto de vista, entende-se que, no campo específico da interação social, as fundamentações teórico-metodológicas seguem dois grandes pressupostos. Partindo-se das proposições dialéticas de Hegel e de Marx, primeiramente, tem-se o pressuposto da *superção de dualidades* específicas que se confrontam na constituição do homem em sociedade; depois, seguindo-se o modelo evolucionista de Darwin, chega-se ao pressuposto *teleológico*, em que o processo constitutivo humano segue um fim pré-determinado.

Tais parâmetros ajudam a evitar extremos nas ciências, mas as condições que os mesmos impõem não se resolvem por uma simples escolha. Como advoga Foucault (2000), na construção do saber sobre o homem, os parâmetros sócio-históricos, paradoxalmente, promovem, de um lado, a determinação da “(...) *área cultural (...) em que se pode reconhecer, para este saber, sua validade*” e, de outro, a derrocada de “(...) *sua pretensão de valerem no elemento da universalidade*” (p. 513). Neste sentido, a retrospectiva histórica pode pontuar, no debate das idéias, o *locus nascendi* dos conceitos e o berço epistemológico dos argumentos, desmistificando sua pseudo-pré-existência e, conseqüentemente, o absolutismo científico (Alves, 2000).

González-Rey (1999), discutindo sobre a diversidade das fontes de produção de conhecimento (especialmente no campo da ciência psicológica), chama a atenção para o processo de construção do conhecimento na investigação qualitativa, propondo, em nome da sua legitimação, diferentes formas de análise e processamento da informação. Neste caminho, o autor firma a importância de se estabelecer um processo permanente de construção e reconstrução do conhecimento, considerando-se os infinitos caminhos de relações e processos que cada dado abre, conferindo ao problema inicial uma multiplicação de sentidos, especialmente quando se necessita “(...) *desenvolver novas epistemologias capazes de sustentar mudanças profundas*” (p. 14).

Entende-se que, no tema da migração, está em jogo a compreensão sobre a apropriação (*aceitação*), ou não (*rejeição*), ou ainda a pseudo-apropriação (*indiferença*) do novo lugar de pertença por parte do grupo familiar migrante, campo em que se estabelecem também as dinâmicas reconstrutivas dos laços de filiação, bem como do sentimento de “ser família” (*familidade*). Como se tem visto, este processo se dá em um contexto paradoxal de construção de uma afetividade ambivalente que media os interditos típicos da experiência de transição do pertencimento social. Assim, a temática aqui proposta contextualiza-se em transições sociais significativas.

Dinicola (1994) constata tais mudanças observando o uso de termos diversos na literatura científica corrente que denotam *dinamicidade*, *fronteira* e *integração*, na intervenção e pesquisa com grupos em geral, e com famílias em particular. Neste campo, Morin (2000) indica que a construção do conhecimento reflete as formas de “*relações e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo*” (p. 14) e, que, a “(...) *supremacia do conhecimento fragmentado (...) deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto (...)*” (p. 14).

A Socionomia também tem proposto métodos de investigar a vivência humana pela dramatização por parte dos protagonistas e atores complementares participantes das histórias em jogo. Este espaço de co-criação abre as portas para um processo de “multiplicação dramática ampliada e revista” (Mascarenhas, 1997), fundamental ao conhecimento do sentido da vida, do homem e de suas relações.

Diante do desafio de identificar os modos de vinculação de famílias nordestinas migrantes no espaço social que ocupam, entende-se que o foco deva recair sobre as conexões entre a vinculação social e a *familidade* (o ser família) manifestas na história de seus dramas de migração. O alvo principal da pesquisa foi, pois, discutir o pertencimento das famílias migrantes nas dimensões intrafamiliar e social, a partir dos aspectos constitutivos da afetividade manifesta nos processos de reconstrução dos laços sociais.

Considerando-se o estudo das pessoas em sociedade numa perspectiva microssociológica, Moreno (1993a) partiu da avaliação das escolhas relacionais e do significado afetivo dos vínculos estabelecidos enquanto experiências de pertencimento social, concomitante à experiência de se constituir (se diferenciar) como pessoa e como grupo. Além disso, Moreno visou à compreensão do funcionamento dos grupos humanos (Sociodinâmica), bem como o tratamento dos sistemas sociais (Sociatria). Nesta perspectiva a amplitude do trabalho de Moreno se expressa como método de avaliação, compreensão e tratamento das relações enquanto ações complementares e interdependentes do sociopsicodramatista, o que vale tanto em seu papel de psicoterapeuta, como em suas interações de pesquisador.

Assim, a proposta moreniana está hoje numa posição de emergência diante da visão de homem que vem sendo erguida pelo *zeit-geist* (i.e., o “espírito da época”) pós-moderno, situando-se como uma proposta potencialmente rica no debate científico atual (Costa, 2001; Monteiro, Merengue & Brito, 2006), particularmente no estudo da afetividade familiar em contexto multicultural. A riqueza de seu método, especialmente no estudo de grupos diversos, já vem sendo indicada em pesquisas recentes (Nery, Costa e Conceição, 2006).

2. Visão de Homem na Abordagem Socionômica

A marca da filosofia de Moreno é o encontro da condição singular, interpessoal e transcendente do homem. O objetivo de Moreno (citado por Fox, 2002):

(...) era, desde o início, construir um espaço terapêutico que utilizasse a vida como modelo e integrar nele todas as modalidades de vida,

começando pelas universais – tempo, espaço, realidade e cosmos – e passando por todos os seus detalhes e suas nuances (p. 31).

A premissa moreniana foi o valor e a possibilidade de um encontro vivo, *no aqui-e-agora* entre as pessoas, e em que se expressam tanto o valor subjetivo da realidade e vivência por meio da ação, como a forma de acesso à mesma. Desta forma, o ponto unificador do encontro indivíduo-sociedade proposto pelo autor, se expressa enquanto um “*continuum sócio-emocional de relações*” (Moreno, 1994, p. 120).

Seguindo-se a seqüência histórica da vida de Moreno percebe-se não só a sua dedicação à consolidação de suas idéias nas ciências, na psicologia, como também sua vivência intensa e espontânea na busca pelo sentido de sua própria existência, encontrando no teatro, o espaço adequado para ver sua concepção de homem expressar-se criativamente. Sua visão de um homem caracterizado pela “espontaneidade” e “criatividade”, e a sua proposta de ação dirigida à recriação humana e sócio-cultural (das “conservas culturais”), foram assumidas em sua concepção e prática de vida, tornando-se também princípios motores de sua proposta teórica e de intervenção.

Os autores em geral (Cuschnir, 1997; Fonseca Filho, 1980; Fox, 2002; Marineau, 1992; Martin, 1978) identificam quatro fases seqüenciadas na vida e obra de Moreno, a saber:

- 1) Até os 31 anos, em Viena, *a fase teológica e filosófica*, em que se destaca o seu interesse pelo Hassidismo e pelas idéias fenomenológicas de Kierkegaard e Bergson;
- 2) Até os 35 anos, *a fase teatral e terapêutica*, em que cria o Teatro da Espontaneidade e o Teatro Terapêutico, ampliando a ação do ator enquanto autor e criador de seu drama, e a concepção de catarse aristotélica enquanto “catarse de integração⁴”;

⁴ Moreno (1983) amplia o conceito aristotélico de catarse (que se refere à experiência do espectador), tomando-o como vivência coletiva (integrada) do drama em que “chorem, riam, praguejem, exorcizem juntos, atores, personagens e espectadores” (Aguiar, 1990, p. 19), instaurando, assim, o poder transformador do próprio grupo.

- 3) Até os 52 anos, já nos Estados Unidos, *a fase sociológica e grupal*, em que cria o Teatro Terapêutico e sistematiza a Psicoterapia de Grupo e a Sociometria, e se vincula às universidades de Columbia e Nova York;
- 4) Até o fim de sua vida, com 85 anos, *a fase de organização e consolidação da sua obra*, em que Moreno centraliza seu interesse na psicoterapia e estrutura suas idéias em um corpo de doutrinas que denomina de Socionomia.

A respeito do início de sua trajetória em Viena, Moreno mesmo, em entrevista, declara (Sachs, 2000):

Meus primeiros interesses eram descrever (...) meu relacionamento com o mundo todo. Naquele tempo costumávamos falar sobre Deus (...). Agora o substituímos por cosmos (...). Escrevi diálogos filosóficos. Fui um precursor do existencialismo em Viena e introduzi o conceito de encontro (...) que (...) tornou-se (...) um dos conceitos básicos na abordagem psicológica das relações humanas (pp. 12-13).

A visão teológica de Moreno foi representada em seu primeiro livro “As Palavras do Pai”, o qual ele próprio considera um livro do “psicodrama de Deus”. A Bíblia e o Hassidismo (movimento religioso judaico do século XVIII) o inspiraram na compreensão de um Deus criador e relacional, complementada pela figura messiânica de Jesus, a partir do que se interessou em entender o seu “*relacionamento com o mundo todo*” (Sachs, 2000, p. 12), estabelecendo nestas relações suas primeiras concepções sobre a humanidade. Moreno cita e assume a Bíblia como influência, mas, do Hassidismo, apenas demonstra admiração pelo seu criador, Baal Shem Tow (Fonseca Filho, 1980).

Em seus últimos livros – “Psicodrama” (1946; 1993a), “Psicoterapia de Grupo e Psicodrama” (1959; 1993b) e “Fundamentos do Psicodrama (1959; 1983)” – observam-se claramente as raízes fenomenológico-existenciais e germano-européias de Moreno, em que ele assume influências de Kierkegaard, Bergson e Martin Buber. Na proposição de sua ciência

socionômica, a migração de Moreno para os Estados Unidos (onde lecionou em universidades) possibilitou uma maior interlocução do Psicodrama com as abordagens psicológicas da época, dentre as quais, as correntes psicodinâmicas da psicologia americana. Segundo Fonseca Filho (1996), este foi, inclusive, um dos motivos pelo qual Moreno elaborou uma teoria de desenvolvimento humano, o que, de fato, representou um passo fundamental no diálogo com outras abordagens, ressaltando a marca de sua visão relacional.

Assim, a partir de suas próprias vivências, de sua compreensão de mundo e do modo como se coloca frente às criações culturais e científicas de sua época (ou seja, através de sua protagonização na vida e no mundo), Moreno vai delimitando o seu construto sobre o Homem, tendo como marca central nesta construção a sua própria força criadora e re-criadora frente aos modelos e as instituições da época, e ainda a combinação de elementos vivenciais, religiosos e científicos com os quais interage. Em seu projeto, Moreno integrou aspectos como espontaneidade, reciprocidade (complementaridade), criação, tomando-os elementos-pilares da sua ação e pensamento, coadunando sua visão de homem e sua proposta de intervenção e avaliação de pessoas e grupos.

Jacob Levy Moreno é filho primogênito de uma prole de seis filhos. Segundo Marineau (1992), o casamento dos pais se deu por critérios sociométricos operacionais, sendo organizado pelos irmãos de sua mãe como solução ao seu confinamento em um convento após a morte dos pais. A mãe, chamada Paulina, era uma jovem de 15 anos, judia, pobre e migrante, quando se casou com Moreno Níssin, um caixeiro viajante de 32 anos. Aos 16 anos, Moreno deixou a casa dos pais, no momento exato em que recebeu a notícia da separação dos mesmos e, diante de sua família dividida tornou-se um “cidadão do mundo”, declarando a humanidade como sua família (Motta, 1998).

Moreno trocou seu nome duas vezes: primeiro de “Jacques” para “Jacob Levy” (talvez pela lealdade ao judaísmo, herança simbólica familiar) e, depois, acrescentou o pré-nome do pai (Moreno) ao seu sobrenome, tendo sido seguido pelos seus outros irmãos neste ato. A última alteração do nome se deu em 1925, ano em que seu pai morreria e também o ano em que migrou para os Estados Unidos. Neste contexto, Marineau (1992) interpreta a mudança como uma tentativa simbólica de se tornar seu próprio pai, lembrando a declaração do próprio Moreno em “As Palavras do Pai”: *“como pode um pai gerar um filho sem que o filho também*

gere o pai?" (Moreno, 1992a, p. 16). Além disso, percebe-se neste fato tanto uma demonstração de diferenciação pessoal (escolha de seu próprio nome), como de filiação/pertencimento paterno (o mesmo nome do pai), tendo-se na dinâmica *pertencimento-diferenciação*, não só a base de seu construto teórico sobre a existência do homem, mas também de sua própria experiência de vida.

Além das idéias de Deus e de cosmos e das suas buscas para entender os relacionamentos no mundo, Moreno foi marcado por experiências de deslocamento geográfico, distanciamentos sócio-afetivos e migração (tema da presente pesquisa). Em uma entrevista concedida a Sachs (2000), Moreno declara a respeito de seu nascimento:

Nasci num navio no Mar Negro e sempre pensei que (...) eu seria internacional toda a minha vida. Eu estaria viajando de uma parte do mundo a outra para me encontrar. (...) nasci no navio e fui levado para Constanza e permanecemos uns quatro, cinco anos na Romênia, onde aprendi espanhol e romeno. De lá vim para Viena (...). Eles não sabiam qual era a bandeira. Poderia ser uma bandeira turca, (...) grega, (...) espanhola, (...) russa, e assim tive muita dificuldade para conseguir uma certidão de nascimento (...). Sou certamente internacional porque tive muita dificuldade para ter uma cidadania: primeiro tive a cidadania austríaca e, finalmente (...) tornei-me um cidadão americano (Sachs, 2000, pp. 11-12).

Assim, percebe-se que o paradoxo pertencer/se diferenciar foram marcantes em fatos da vida de Moreno, desde o seu nascimento: nascimento (nacionalidade turca ou grega ou espanhola ou russa), mudanças de nome (adotar o nome do pai x aceitar seu próprio nome), saída de casa quando sua mãe anunciou a separação de seu pai (protagonizar sua própria história ou protagonizar a história de sua família, agora dividida), cidadanias (cidadão vienense ou cidadão americano). Este paradoxo ganhou, em sua teoria, o lugar de princípio fundamental (notadamente na teoria da Matriz de Identidade), que foi organizado enquanto princípios sociométricos de avaliação e compreensão das relações humanas, considerando a família

como grupo, a humanidade como família, o grande pertencimento como cósmico, bem além do nuclear/familiar.

Sua primeira grande ação criadora foi o “Teatro da Espontaneidade”, um meta-teatro que define como “o teatro da comunidade”, em que “toda comunidade está presente” e no qual “*as pessoas possuem tanto poder quanto o que conseguem demonstrar*” (Moreno, 1984, p. 45). Através deste, Moreno refez o sentido original do teatro e, então, pôde definir espontaneidade em relação à criatividade, explorar as possibilidades de avaliação interpessoal e, ainda, experimentar as interações espontâneas de grupos pequenos (Moreno, 1984, 1992b).

Moreno intervém sobre a cultura da época como espaço de ação e de pesquisa, tomando da interação, que se estabelece entre sua ação criadora e as ações daqueles que participam destes espaços (co-criação), o significado e o direcionamento de sua obra. Segundo Fox (2002), Moreno vai consolidando o *setting* terapêutico ao delinear “(...) *o homem do processo terapêutico que se revela através da ação dramática*” (p. 32). Neste contexto, o *setting* representa um espaço simbólico “(...) *localizado no tempo de sua própria vivência*” (Fox 2002, p. 32) e, no qual, as técnicas ativas e terapêuticas propostas por Moreno permitem ao homem emergir como ator-protagonista e recriador de sua própria história e relações. Moreno propõe, assim, “(...) *contextos terapêuticos, operações e instrumentos suplementares*” (Moreno citado por Fox, 2002, p. 37), que ele denomina de “realidade suplementar” e que utiliza para revelar e possibilitar novas ações criadoras sobre “(...) *dimensões invisíveis na realidade da vida, não totalmente experimentadas ou expressas*” (Moreno citado por Fox, 2002, p. 37). Isto quer dizer que Moreno não criou apenas uma teoria, mas também recriou os contextos sócio-culturais (Teatros Espontâneo e Terapêutico, *setting* terapêutico) para compreender os seus princípios intrínsecos. De fato, Moreno (1984) declara que o conjunto de sua criação foi coroado no “Teatro Terapêutico”, no qual “*o caráter fictício do mundo do dramaturgo é substituído pela verdadeira estrutura do mundo do paciente*” (p. 53).

Percebe-se uma interdependência entre os elementos constitutivos do projeto epistêmico, metodológico e terapêutico de Moreno, evidenciada de modo especial na dinâmica *pertencimento-diferenciação*, a qual estabelece níveis integrados e co-constitutivos entre processo de subjetivação e de intersubjetivação. Esclarecer esta dinâmica é o objetivo maior

desta pesquisa, possibilitando, através do estudo empírico, sociodramático, maior visibilidade dos processos em jogo, no contexto específico da família re-enraizada socialmente.

Por outro lado, ainda a respeito de questões de limites entre os diversos sistemas humanos, Moreno (1992a) sugere – através de sua proposição “somos deuses” – a noção de um homem ilimitado. De fato, “*além da psicodinâmica e da sociodinâmica*” (Moreno citado por Fox, 2002, p. 41), os processos de intersubjetivação/grupalização referem-se à dimensão *cosmodinâmica* da sociedade humana, à qual Moreno considera fundamental na análise do homem:

Desde que entramos na era da bomba atômica e do computador, as concepções de homem vêm mudando radicalmente (...) Um método que não se interessa por essas enormes implicações cósmicas, pelo verdadeiro destino do homem, é inadequado e incompleto (Moreno citado por Fox, 2002, p. 42).

A *cosmodinâmica* de Moreno aplicada ao contexto terapêutico o levou a visualizar o Homem criador da sua própria realidade, concebendo-o como um ser “(...) *livre dos grilhões dos fatos e da realidade*” (p. 42), estabelecendo que a “(...) *fé que o homem tem na criatividade infinita do cosmo e que (...) ele incorpora no mundo psicodramático pode um dia tornar-se concretamente verdadeiro*” (Moreno citado por Fox, 2002, pp. 42-43).

Ao estabelecer o Homem universal como o homem da Psicologia, e mais precisamente como o homem do Psicodrama, Moreno valida o tempo, o espaço e a realidade pelo *setting* psicodramático (Fox, 2002). Desta forma, o autor socionômico encontra um novo equilíbrio para a condição paradoxal humana de ilimitado-limitado. Configurando-a, por um lado, na concretude dos papéis sociais do protagonista como representante social (com todos os reflexos e implicações sociais em jogo), e por outro lado, na maximização da liberdade criativa e espontânea do ator-criador.

Ao identificar a terapia à vida e designar o Homem a partir do homem da Psicoterapia psicodramática, Moreno termina por identificar também *Homem, Deus e Cosmos* (Fox, 2002), concluindo que “somos Deus”. No entanto, examinando-se a base da constituição do homem

enquanto tal, proposta por Moreno (1983), tem-se que a criança vivencia, no nascimento, processos relacionais que a diferenciam e que, ao mesmo tempo, transformam sua própria inserção (pertencimento) relacional. Na teoria da Matriz de Identidade, Moreno explicita o desenvolvimento humano enquanto evolução da pessoa, do grupo e da capacidade relacional, identificando processos de superação da criança em relação às suas vivências (cósmica, simbiótica, centrada no *eu*, centrada no *tu*, triangulação, etc.). Entende-se que o sentido de pertencimento cósmico do homem dado pela Socionomia não se refere à identidade (igualdade) entre as categorias *Homem* e *Cosmos*, pois são básicos os processos de diferenciação entre o cosmos e o homem, na constituição deste. Desta forma, conforme os pressupostos da teoria da Matriz de Identidade e, segundo a compreensão da dinâmica tese-antítese que se estabelece nos processos pertencimento-diferenciação, estas categorias (e mais a categoria *Deus*) estão diferenciadas, mas participam (pela dialética pertencimento-diferenciação) da construção da identidade humana.

Por outro lado, a visão de um homem fantástico, divino (talvez, um pouco menor do que Deus) marca a socionomia moreniana quando caracteriza o bebê recém-nascido como um gênio, uma vez que sua vida se apresenta por atos inéditos de contato no mundo e em uma seqüência incomparavelmente intensa. Moreno descreve tal ineditismo como capacidade de realizar coisas novas no mundo e o conceitua como “espontaneidade”, a qual, ao lado da criatividade, promove o ser humano em sua singularidade. Sabendo-se do legado bíblico de Moreno, a singularidade do homem pode ser entendida no contexto de um homem feito “à *imagem e semelhança de Deus*” (Bíblia Sagrada, Livro de Gênesis 1:27) sendo, ao mesmo tempo considerado “*um pouco menor do que Deus*” (Bíblia Sagrada, Livro de Salmos 8:5), uma vez que a Deus, o homem pertenceria, e dEle, se diferenciaria.

Ressalta-se que o homem concebido por Moreno reveste-se de singularidade, espontaneidade, criatividade e capacidade de encontro, sendo a sua dinâmica paradoxal pertencer /se diferenciar, a marca maior de sua expressão em todas as suas relações: com os outros homens, com Deus, com o cosmos. Corroborando com estas idéias, Marineau (1992) conclui a biografia de Moreno, a respeito da descoberta deste sobre seus próprios limites, considerando que:

(...) esse aspecto de sua estória pode ser a parte mais preciosa de seu legado. Moreno não era um super-homem, um super-Deus, era um ser humano (e, neste sentido,) um deus para quem o desafio era permanecer criador, deixando para o restante de nós a responsabilidade de sermos co-criadores do universo (Marineau, 1992, pp. 162-163).

Houston (2003), conceituado teólogo da atualidade, advoga que é necessária a analogia teológica para se ter uma antropologia de um ser relacional. Considera que conceber o ser humano como questão ética apenas promove distinções entre ser humano, feto ou outro conceito material, mantendo em aberto a definição da pessoa, “*como um tema problemático, cientificamente inacessível e indefinível*” (p. 134). O autor conclui que:

É somente a partir da analogia teológica feita entre pessoas, humanas e divinas, que a Antropologia teológica faz algum sentido, ao nos definir como pessoas-em-relação-a-Deus. (...) Sem Deus, a humanidade é um mistério. Por outro lado, sem a humanidade, Deus não pode ser conhecido (Houston, 2003, p. 134).

Nesta questão, a visão moreniana, a sua vida e obra puseram o homem em contato com uma visão existencial e identitária que, ao mesmo tempo, se refere às suas relações com o cosmos e com a concretude de seus sentimentos e escolhas interpessoais. Para compreender este legado, Marineau (1992) sugere que os desdobramentos científicos propostos pelo criador do Psicodrama sejam pensados “*(...) pela redescoberta de Moreno como um todo, como um filósofo que fincou sua filosofia na existência concreta de cada ser humano*” (p. 162), concluindo que “*o grande desafio vindouro é epistemológico: construir e reconstruir sobre as bases de Moreno, de forma coerente, sistemática e que tudo abarque*” (p. 162).

Capítulo II

Contribuições de Moreno ao Estudo da Afetividade da Família Migrante

“O verdadeiro símbolo do teatro terapêutico é o lar”.

Jacob L. Moreno

1. Sociometria: Afetividade e Realidade Social

A Sociometria visa determinar as afinidades mútuas dos indivíduos nos vários grupos aos quais pertencem e “(...) *em relação aos quais (...) se sente espontaneamente atraído ou que são por ele atraídos*” (Moreno, 1993a, p. 299).

Para Moreno (1992b), a Sociometria era “(...) *a sociologia do povo, pelo povo e para o povo*” (p. 166), aplicando este axioma à pesquisa social. Considera ainda que “(...) *Sociometria tanto deve ser Sociatria aplicada, quanto a Sociatria deve ser Sociometria aplicada*” (p. 216). Seu objetivo maior é determinar “(...) *o número e a extensão das correntes psicossociais e como se desenrolam na população*” (Moreno, 1993b, p. 33), permitindo tanto a revelação da estrutura psicológica das relações interpessoais, como a sua transformação. Assim, a forma moreniana de adentrar à dinâmica das relações inter e intrapessoais é através do sistema sociométrico, do teatro espontâneo e da teoria dos papéis.

O parâmetro sociodinâmico da Socionomia de Moreno estuda e trabalha com a estrutura, a evolução e o funcionamento dos grupos. Para tanto, emprega como método o desempenho de papéis ou *role playing*, conferindo uma perspectiva dinâmica aos processos de investigação sociométricos e à intervenção sociátrica.

A análise moreniana expande-se por grupos: a sociedade, a humanidade, os sistemas de governo, etc. Moreno (1994b) acredita inclusive, que, “(...) *através de análise sociométrica das relações humanas, a verdadeira e efetiva organização comunitária teria expressão política no sistema de governo*” (p. 121), estabelecendo que “(...) *esta expressão só seria modificada na superfície se as transformações também se realizassem nas estruturas subjacentes*” (p. 121).

Moreno (1992b) apresenta a realidade social estratificada em três dimensões (conjunto ao qual denomina de “tricotomia social”):

- 1) A **realidade social externa** observada naturalmente, na qual se inserem “(...) *todos os agrupamentos palpáveis e visíveis, grandes ou pequenos, formais ou informais que compõem a sociedade humana*” (p. 181);
- 2) A **matriz sociométrica**, interna, identificada através de processo sociométrico de análise e constituída por processos afetivos, que se espalham em redes psico-sócio-afetivas;
- 3) A **realidade social propriamente dita**, a qual fornece os contornos que constituem os códigos comuns ao grupo (da *realidade social externa*) e as leis afetivas (que geram a *matriz sociométrica*), possibilitando a interpenetração e transformação mútua destas duas dimensões, e conseqüentemente, a sua síntese dinâmica que dá expressão à *realidade social propriamente dita*.

No estudo do ser humano (e social), o desafio de Moreno (1992b) foi integrar vida afetiva, relacional, social e grupal em dimensões amplas da sociedade, do mundo, da humanidade, e é somente neste conjunto integrado que concebe a realidade social propriamente dita. Na Tricotomia Social, o autor estabelece um movimento dialético de (re)organização de todos os agrupamentos concretos visíveis da sociedade humana e os processos afetivos nela vivenciados, possibilitando a expressão afetivo-sócio-cultural do homem. A vivência humana deve ser acessada, portanto, a partir de uma “totalidade sociométrica da realidade”.

Moreno propõe essa estrutura como forma de evidenciar as dinâmicas invisíveis à macroscopia social, e segue identificando várias configurações grupais que também se interpenetram e se transformam mutuamente. Define os seus limites, as suas dinâmicas sociais e a experiência afetiva nelas vivenciadas acreditando que “(...) *do contato entre dois estados*

de espontaneidade que se centram, naturalmente, em duas pessoas diferentes, resulta uma situação interpessoal (Moreno, 1993a, p. 464).

A “(...) *menor unidade funcional dentro do grupo social*” (Moreno, 1992b, p. 173) é denominada de *átomo social* (sendo o seu núcleo, o indivíduo); trata-se de um núcleo de relações que se estabelecem em torno de cada indivíduo, em que se dá a movimentação espontânea dos atores sociais, sendo a base para a compreensão dos processos interativos. Enquanto este se refere ao contexto vincular concreto do homem, o *átomo cultural* é “*a menor unidade funcional dentro de um padrão cultural*” (Moreno, 1992b, p. 173), sendo configurado pelo intercâmbio entre os papéis sociais. Moreno define, assim, o posicionamento sócio-cultural e a realidade afetivo-relacional da pessoa. Os contornos do átomo social são constantemente alterados e formam cadeias complexas de inter-relações, denominadas redes sociométricas ou psicossociais, as quais variam quanto à sua composição, extensão, estabilidade e duração. Tanto o átomo social, como as redes sociométricas têm origem nas correntes afetivas e nos processos de atração e repulsão estabelecidas entre dois ou mais indivíduos. As redes sociométricas também se combinam formando geografias sociais próprias.

Assim, o homem se torna afetivamente regulado no circuito de suas relações e vai se constituindo como ser diferenciado, dinamicamente, nas diversas redes relacionais interligadas: famílias, grupos sociais, comunidades, sociedades, cidades, etc.

Para Moreno (1993a), os acontecimentos fundantes da vida humana, são compreendidos como atos interiorizados que emergem em “matrizes” específicas, que circunscrevem uma zona de ações e interações fundamentais e constituintes. O autor explicita que “(...) *um continuum sócio-emocional de relações intermitentemente interagentes com a sociedade externa encontra-se subjacente a todos os padrões de vida comunitária – unidades familiares, clubes, unidades de trabalho*” (Moreno, 1994a, p. 120).

Desde o nascimento, a criança ingressa em matrizes. Primeiro na matriz materna e, depois disso, na matriz de identidade, na matriz familiar e na matriz social (Moreno, 1993a). Estas se imbricam para formar a rica rede complementar que permitirá a vinculação da pessoa ao mundo e a emergência de novos atos co-criadores fundamentais ao ser. Os modos de se vincular de uma pessoa sempre apresentam todas e cada uma de suas matrizes.

A passagem da matriz materna para a matriz de identidade se dá mediante a inserção da criança em uma “placenta social”, a qual é formada pelo seu núcleo familiar e por outras pessoas significativas que estão ao seu redor, que funcionam como “egos-auxiliares” naturais (Moreno, 1993a), isto é, como complementares do protagonista, na sua emergência como um ser singular. Inicialmente a criança funciona como um todo inseparável, vivenciado no vínculo mãe-filho e, depois, uma série de novas percepções vai permitindo à criança estabelecer diferenciações de distância, de tempo e de interioridade/ exterioridade que permite à criança começar a se relacionar à distância (capacidade télica) e incrementar as diferenciações necessárias entre *eu-tu*, e outras.

Moreno (1993a) evidencia que a capacidade de discernir entre o real e o imaginário permite a passagem da criança da fase mágica da matriz de identidade para as fases mítica e ideológica da matriz familiar. Neste processo, cada papel complementar de cada ego-auxiliar natural começa a ser estruturado gestalticamente no átomo social perceptivo da criança, como início da vivência relacional “eu-tu”, completando-se no limiar triádico *filho-mãe-pai*. As relações vão sendo estabelecidas por um jogo de inversão de papéis através do qual a criança tenta conquistar a identidade única e absoluta perdida, depois do que, passa a enfrentar os seus limites, tornando-se orientada por ordens axiológicas na sociometria de suas interações vinculares. A criança segue avançando na sua capacidade relacional de inserir-se na matriz sociométrica, composta por diversas configurações e, na qual, tramas específicas vão se evidenciando em sua riqueza e complexidade vinculares.

2. Matriz de Identidade: Desenvolvimento de Pessoas e Grupos

A proposta moreniana de análise sociométrica de pessoas e grupos concebe que a constituição dos mesmos não se dá somente na dimensão diádica (entre duas pessoas), mas na multiplicidade de inserções e desafios de entregas a pertencimentos diádicos, triádicos, circulares.

A matriz de identidade, conceito básico da teoria moreniana, evidencia um movimento paradoxal de desenvolvimento humano e relacional conhecido como *pertencer x se diferenciar*. Este processo pode se polarizar, ou massificando a identidade em torno de “tribos” de pertença

social, ou isolando socialmente a pessoa em atitudes exacerbadas de individualismo (Freire, 2002). No primeiro extremo, o homem se torna refém de outros e, no segundo, nega sua condição de ser relacional. As comunidades em geral e, de um modo particular as famílias, representam este paradoxo, em que se questiona a dupla condição: de os laços afetivos prenderem ou darem segurança (Bauman, 2003). A resolução do paradoxo *pertencer x se diferenciar*, segue um movimento básico (Oliveira, 2003). Primeiramente, o movimento diádico (*eu-tu*) que implica em três diferenciações específicas: 1) do *eu*, 2) do *tu* e 3) da relação *eu-tu* que se estabelece. Depois, o movimento triádico, que parte de uma relação diádica desafiada pela inserção de uma terceira pessoa (*ele*), e cuja *convergência* ao *tu*, possibilitará o novo arranjo relacional (a tríade), implicando na inserção dos *eus* e *tus* possíveis envolvidos. Outras dimensões circulares (envolvendo três ou mais integrantes) podem ser pensadas a partir dessa explicação.

Neste sentido, as transformações que uma pessoa ou um grupo experimenta em sua capacidade de se relacionar, se dão nos modos de organização dos relacionamentos e de evolução dos grupos na construção de uma dinâmica tipicamente grupal (afetividade circular). Isto quer dizer que, um grupo de pessoas que está fisicamente ligado, pode não apresentar características de grupalidade em sua afetividade, e também suas ações interpessoais ou intergrupais podem não estar dirigidas à relação em si. Assim, mesmo que a família seja sempre um grupo no sentido de sua constituição visível (caracterizada por sua agregação, seus hábitos em comum, comunicação, etc.), poderá não vivenciar a afetividade em sua condição tipicamente grupal, condição que a *circularidade afetiva* denota.

Assim, compreende-se que o ser humano está sempre em desenvolvimento, não só em sua capacidade física ou cognitiva, mas também em sua capacidade para se relacionar. Os afetos interpessoais (como as pessoas são *afetadas* nas suas relações) são dimensões importantes nesses estudos, diferenciados de outras dimensões, como os aspectos corporais (emoções experimentadas), egóicos (desejos subjetivos) e culturais (sentimentos nomeados pela cultura). Mas, além disso, entende-se, pela concepção sociométrica de Moreno (1993b), que a capacidade de se relacionar não é somente uma característica pessoal, mas grupal. Moreno (1992b) estabelece que grupos com maior capacidade relacional, são grupos télicos, ou seja, com reciprocidade na comunicação dos afetos.

No contexto destas dinâmicas sócio-afetivas, a “tele” se expressa como um “*complexo de sentimentos*” (Moreno, 1994a, p. 182) compreendido no eixo da interação, como uma região não-estruturada, marcada por escolhas vivenciais, simbólicas, em que “(...) *o nível de conscientização é grande, a gama de possibilidades de escolhas é vasta e a percepção de inter-relacionamentos, precisa*” (Moreno, 1994a, p. 190). Assim, os relacionamentos podem estar estruturados em experiências vinculares reais e concretas (quando se dão no campo do encontro interpessoal no aqui-e-agora), ou não (quando se referem aos relacionamentos transferenciais, no sentido de que são vivenciados com base em outras relações e não em seus próprios conteúdos afetivos).

Deste modo, a Socionomia moreniana se dispõe a enfrentar questões internas ao processo interacional, em que o desempenho mútuo de papéis se refere a uma manifestação do ser em dimensões sócio-culturais e afetivas. Ao nascer, o bebê transfere-se para um conjunto totalmente estranho de relações, que Moreno denomina de “placenta social”. Esta o provê em suas necessidades fisiológicas básicas, à qual o recém-nascido responde a partir de *papéis psicossomáticos*, os quais são esboços para os *papéis sociais* que desempenhará mais tarde, em complementação a posicionamentos sócio-culturais específicos. Moreno (1983) esclarece que:

(...) *da divisão do universo (da criança) em fenômenos reais e fantasiosos, surgem gradualmente um mundo social e um mundo da fantasia, separados do mundo psicossomático da matriz de identidade (...). Denominam-se respectivamente papéis sociais e papéis psicodramáticos* (p. 116).

Os *papéis psicodramáticos* representam modos particulares, idiossincrásicos, de vinculação a papéis complementares específicos, cujo desempenho é respaldado em fatores relacionais promovidos pela espontaneidade e criatividade. Tais fatores indicam tanto a possibilidade de agir de modo singular diante de situações novas, como de recriar as padronizações propostas pela cultura no que diz respeito ao desempenho de papéis e aos relacionamentos sociais.

Assim, a Socionomia moreniana visa promover relações construídas pelo encontro (co-criadas), pela reciprocidade entre pessoas que expressam e se percebem sem a distorção de características essenciais particulares de cada um – o que corresponde a um terceiro fator fundamental às relações: o Fator Tele. *Espontaneidade* representa a dimensão individual da proposta moreniana, e *Tele*, sua projeção social (Martin, 1978). Assim, para Moreno (1993a), de acordo com a teoria da espontaneidade:

(...)pode haver, no desenvolvimento de uma pessoa, momentos originais, começos verdadeiramente criadores e decisivos, sem qualquer horror vacui, isto é, um temor de que não exista atrás dele um confortável passado donde promana. Não é necessário e, na verdade, é indesejável conferir a todos os momentos do desenvolvimento de uma pessoa o crédito de espontaneidade. De tempos em tempos, surgem momentos que se convertem em locii nascendi, os quais lançam essa pessoa numa trilha de experiência ou, como digo freqüentemente, num novo 'papel'(pp. 153-154).

De fato, Perazzo (1994) considera que o núcleo central da Socionomia é constituído pela articulação entre Sociometria, Teoria de Papéis e Teoria da Espontaneidade-Criatividade. Assim, a co-criação de papéis é aspecto central na manifestação dos fatores no desenvolvimento das relações interpessoais, fundamentado no processo de “inversão de papéis”, o qual permite a quebra de resistências (de transferências) em relação a reconhecer e complementar conteúdos expressos pelo papel complementar. Para tanto, Moreno (1992b) propôs três etapas: 1) a “tomada do papel” (*role taking*), ou seja, do papel estabelecido culturalmente e no qual o indivíduo quase não tem liberdade de modificá-lo; 2) o “jogo do papel” (*role playing*) que permite ao indivíduo pôr o seu papel em interação com o seu complementar, dentro dos limites de atuação que essa relação permita, favorecendo a “inversão de papéis”; 3) a “criação do papel” (*role creating*) que permite ao indivíduo ser um ator espontâneo e criativo, conferindo aos papéis em jogo peculiaridades idiossincrásicas combinadas, criativamente, às demandas sociais.

Assim, para este autor (Moreno, 1992b, 1983), as esferas de desempenho de papéis (*role taking, role playing e role creating*) implicam em novas dimensões do acontecimento interativo, referindo-se a aspectos interpessoais, que vão além das interações inter-papéis no cumprimento de pautas sociais entre duas pessoas ou mais. Isto quer dizer que, para Moreno (1993a), o universo social de uma pessoa é definido a partir da multiplicidade de papéis complementares, cujo desempenho opera em tramas afetivas que permite sua diferenciação das dimensões padronizadas ou quase-padronizadas dos papéis dados socialmente e conservados na cultura.

Na Teoria da Matriz de Identidade, Moreno (1993b) reafirma a dimensão vincular e relacional do ser humano e esboça uma teoria de desenvolvimento e personalidade, associada à Teoria de Papéis; além disso, trata da formação da identidade, como o próprio nome indica.

Em Moreno (1977), a matriz de identidade é representada como “*o mais precoce estágio da assimilação de papéis (quando a vivência) é, estritamente, uma vida de atos*” (p. 173); esta condição pré-vincular, no início do nascimento, “*(...) estabelece o fundamento do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança*” (p. 61), lançando as bases para todos os processos de desempenho de papéis, e para fenômenos como imitação, identificação, projeção e transferência (Moreno, 1983). Moreno identifica ainda a distinção entre proximidade e distância como uma das primeiras aprendizagens, na qual, gradualmente, a criança

(...) começa a ser atraída por pessoas e objetos, ou a afastar-se deles. Este é o primeiro reflexo social que indica a emergência do fator tele, e constitui o núcleo de pautas posteriores de atração e rechaço e de emoções especializadas; em outras palavras, das forças sociais que posteriormente rodeiam o indivíduo (Moreno, 1983, p. 110).

Para Moreno (citado por Fonseca Filho, 1996), é uma referência, uma auto-referência: “*(...) o centralismo do olhar humano, sua auto-referência, quer dizer, a referência à sua matriz de identidade, não cessa nunca de atuar*” (p. 230). Fonseca Filho (1996) complementa: “*A matriz de identidade é o berço (...) da consciência de quem somos e da consciência de quanto valem, ou seja, da capacidade auto-avaliativa que possuímos*” (p. 24). Para este autor, a

Matriz de Identidade oferece um esquema compreensivo (e não explicativo causal) do desenvolvimento humano e, como tal, não deve ser utilizada para explicar atitudes e sintomas das pessoas e grupos, mas para compreender suas vivências. Nesta mesma linha, Fonseca Filho (1996) sugere que a matriz de identidade não apresenta o desenvolvimento humano como etapas lineares, mas como fases móveis, em espiral. As quais são: 1) simbiose, 2) triangulação, 3) reconhecimento do *eu*, 4) reconhecimento do *tu*, 5) circularidade. O autor lembra que a fase de triangulação inicia-se antes do reconhecimento do *eu* e do *tu* (porque o terceiro ajuda a desfundir a simbiose) e conclui depois das fases citadas.

Moreno não deixou clara a possibilidade de vincular ou não, os estágios de integração grupal à Matriz de Identidade Infantil, embora muitos psicodramatistas considerem procedente articular os estudos sociométricos de Moreno aos seus estudos sobre a evolução da sociabilidade individual e grupal (Fonseca Filho, 1980).

De qualquer forma, sabe-se que os grupos evoluem de estruturas individuais mais simples para estruturas mais complexas, formando díades, triângulos e cadeias, de acordo com os níveis alcançados de diferenciação sócio-afetiva (Moreno, 1992b). Após um tempo de isolamento das pessoas dentro do próprio grupo, este tende a evoluir para diferenciação horizontal e vertical, quando passam a interagir social e afetivamente segundo critérios próprios (Fleury & Marra, 2006). Os grupos tendem à formação de díades, sendo estas estruturas grupais que oferecem maior estabilidade e coesão. Além disso, quando conseguem enfrentar o estágio de fracionamento, os grupos ganham nova organização e novos níveis de socialização.

Os níveis de desenvolvimento e socialização individual interferem diretamente nos processos de organização grupal e na sua dinâmica, a qual, uma vez estabelecida, exerce forte influência sobre as estruturas individuais. A circularidade afetiva do grupo depende do amadurecimento sócio-afetivo dos seus membros; inclusive a socialização pode se desenvolver apenas na aparência exterior mediante, por exemplo, o estabelecimento de comportamentos acordados pelo grupo, sem a implicação sócio-afetiva de seus membros.

Moreno (1993a) analisa o desenvolvimento da estrutura grupal, através de gráficos, propondo “quatro fases de interação e integração progressivas”, conhecidos como estágios de organização da sociabilidade individual e grupal, e que ocorrem independentemente do amadurecimento biológico do indivíduo ou do grupo. São elas: 1) a *fase amorfa*, indiferenciada

(pré-socialização), 2) a *fase de conhecimento recíproco*, de reconhecimento grupal, de interação em díades (primeira socialização), 3) a *fase de ação*, de triangulação, de fracionamento e organização de subgrupos (segunda socialização), 4) a *fase de relações mútuas*, de circularização-inversão, de integração grupal e sócio-afetiva (socialização propriamente dita).

Na primeira fase, há um “isolamento orgânico”, em que a tele é insipiente, não há capacidade de organização grupal e de realização de escolhas sociométricas, nem o sentimento de pertença, nem a consciência das relações sociais, mesmo havendo proximidade física ou espacial. Muitos grupos, inclusive familiares convivem sob um embotamento da vivência interpessoal, como desconhecidos, sem estabelecer vínculos afetivos ou sociais, estabelecendo preconceitos socioculturais, etnocentrismos, egocentrismos e até grupos de psicóticos.

Após esta, Moreno (1992b) considera a fase de ação e de conhecimento recíproco. São etapas de socialização, em que as relações do grupo evoluem para diferenciação horizontal e vertical, mediante *role-taking*, *role-playing*, *role-creating* dos papéis em cena. Os contatos ainda são superficiais e passageiros, não havendo diferenciação para o contato e as escolhas sociométricas propriamente grupais, mas apenas para estabelecer relações em díades, mesmo assim, o grupo se fortalece, tornando-se mais uniforme e coeso, concentrando-se em um objetivo comum, mas baseados em critérios socioculturais pouco diferenciados, o que é importante para que possa enfrentar o seu fracionamento em subgrupos.

Quando o grupo alcança o estágio de socialização, busca manter o processo de diferenciação horizontal e vertical, e segue em direção à estabilidade do grupo, mediante vivências de integração grupal e de consciência sociométrica, expandindo as relações sócio-afetivas (a tele grupal). Neste processo, ocorrem diferenciações de afeto e socioculturais, as quais proporcionam ao grupo tanto uniformidade, como fracionamento (verticalização), o que permite ao grupo a identificação de classes sociais, papéis, interesses e afetos, e também a criação de diferentes redes sociométricas.

Portanto, no isolamento orgânico, há uma sensação de uniformidade sem sentimento de pertença. Em um segundo momento, é a estrutura sociométrica em díades que gera a uniformidade.

No fracionamento em subgrupos emerge o sentimento de pertença propriamente dito, caracterizando a sociodinâmica grupal e definindo o *status* sociométrico de cada elemento do grupo. Nesta fase, a sociodinâmica do grupo se dá em termos de papéis complementares, possibilitando a mutualidade interativa.

Na vivência grupal, inicialmente, as pessoas não se conhecem, estão ansiosas e, muitas vezes, temem a vida grupal. Depois, começam a perceber-se e aos outros, no grupo, possibilitando, então, o aparecimento de triângulos grupais, freqüentemente, em relação ao diretor/facilitador. Por fim surge uma identidade grupal, em que a relação *eu-eles* dá lugar à relação *eu-nós*. Esta evolução acontece em um movimento tipo espiral, com progressos e regressos constantes.

A fase indiferenciada é precursora do isolamento sócio-afetivo, em que os indivíduos estão voltados para si mesmos, incapazes de organização grupal e de escolha sociométrica. A interação em díades é uma forma inicial de relação grupal por proximidade física, em que há, por um lado, o isolamento psicológico, mas também, por outro, um progressivo contato por díades. A formação de díades e subgrupos promove o movimento espontâneo e a inclusão de emoções e preferências, fracionando o grupo por diferenças socioculturais, de liderança e outros papéis que vão sendo assumidos. Neste momento, o grupo aprende a utilizar seus critérios na interação social e afetiva, o que é importante para que possa experimentar sua integração grupal e sócio-afetiva de forma diferenciada (Moreno, 1993b).

3. Pertencimento e Expansividade Social

O interesse moreniano não está na família propriamente dita, mas na sociometria como um todo, o que confere dois sentidos ao construto de família nesta abordagem: 1) a família como matriz recebedora do bebê que nasce (“Matriz de Identidade”) e, 2) a família como um núcleo de pertença constituído por escolhas livres (que Moreno denomina de “Família Sociométrica”). Na presente pesquisa, evidencia-se uma terceira possibilidade de aplicação do modelo moreniano às questões de pertença nuclear/ familiar: a família reconstruída após migração. Todas têm funções nucleares específicas na troca com os contextos sociais mais

amplos. Em qualquer caso, pode-se dizer que o olhar de Moreno está sobre a relação núcleo-comunidade, como sugere a sua afirmativa seguinte:

Ao olhar a estrutura detalhada de uma comunidade, vemos a posição concreta de cada indivíduo nesta estrutura e, também, o núcleo de relações em torno de todos os indivíduos, mais “espessos” em torno de uns e mais “finos” em torno de outros. Este núcleo de relações é a pequena estrutura social em uma comunidade, um átomo social (Moreno, 1992b, p. 158).

Assim, a experiência humana transcende à pura dimensão comportamental, pois é, antes de tudo, uma experiência relacional, marcada pela história desses relacionamentos, considerada tanto em suas transformações vinculares, como em seus reposicionamentos sociais e institucionais.

Neste contexto, a desterritorialização e reterritorialização vivenciadas por famílias migrantes revestem-se de novos aspectos psicossociais, com seus significados estruturantes, relacionados tanto aos processos de subjetivação, como de intersubjetivação e de *famíliação*. Neste âmbito, a afetividade – e, mais especificamente, a *circularidade afetividade* (afetividade típica de grupos) – tem sido aqui apresentada como categoria mediadora de análise (González-Rey, 2000; Oliveira, 2003; Sawaia, 1999).

Seguindo a lógica de contigüidade psicossocial da Socionomia (vários níveis sociais contíguos enquanto espaço relacional configurado sociometricamente) pode-se entender a condição de famílias pertencentes (ou não), de famílias diferenciadas (ou não), socializadas (ou isoladas em si mesmas) no que diz respeito às suas experiências de inserção sócio-cultural e à sua construção de uma afetividade circular, grupal, familiar. Assim, a protagonização do ator é a lógica que sustenta a formulação socionômica, e foi aqui aplicada às esferas paradoxais do *pertencimento-diferenciação*, em que o ator tanto pode protagonizar em nome de si, em nome da relação diádica, ou em nome do grupo (por ex., o grupo familiar). Estas são protagonizações e co-criações em níveis cada vez mais circulares. Assim, indaga-se aqui sobre

o lugar dos protagonistas das famílias migrantes em suas histórias de migração, tendo-se na emergência da *familidade* o foco para a compreensão do problema em pauta.

Moreno se indagou “(...) sobre a evolução e organização de grupos e a posição dos indivíduos nos mesmos” (Moreno, 1992b, p. 157), integrando uma visão objetiva e subjetiva do homem em contexto relacional, para a compreensão das relações humanas. Neste contexto, Martin (1978) pontua que é possível matizar o átomo social “(...) *através de qualidades que o afetam mais diretamente*” (p. 167), como: a intensidade com que o indivíduo é aceito ou rejeitado, o equilíbrio entre as escolhas e rejeições que o indivíduo faz e recebe, a dinamicidade e transformações nas respostas de atração e rejeição, a expansividade social (avaliada pelo número de indivíduos com quem a pessoa se relaciona), dentre outras.

Moreno mesmo costumava utilizar-se de diagrama (Sociograma) composto de “(...) *círculos concêntricos, desenhado para objetivar as redes relacionais de um determinado grupo*” (Menegazzo, Tomasini & Zuretti, 1995 p. 199), que também significa uma “(...) *representação gráfica dos fatos relacionais, que possibilita a compreensão e a exploração detalhada deles*” (Knobel, 2004, p. 128), e que “(...) *torna possível a exploração de fatos sociométricos*” (Moreno, 1992b, p. 196), ou seja: do lugar ocupado no grupo, da qualidade das relações, da estrutura de funcionamento do grupo.

O que se percebe é que o interesse de análise e intervenção social de Moreno segue da micro à macro estrutura, envolvendo agrupamentos em vários níveis que compreendem todas as estruturas vinculares de um determinado grupo, o qual é concebido como estando em mudança permanente devido à emergência contínua de novas constelações sociais. Na sua evolução e organização dos grupos, de configurações mais simples para configurações mais complexas, os grupos se apresentam sob a forma de díades, triângulos e cadeias, de acordo com os diversos níveis de diferenciação sócio-afetiva alcançada.

As diversas configurações sociais indicadas por Moreno (1992b) evidenciam a contigüidade, dialeticidade e circularidade dos processos relacionais, sendo as dinâmicas de pertencimento e diferenciação o fundamento destes, as quais revelam as dimensões subjetiva e intersubjetiva das pessoas (em suas relações). Isto significa que há níveis concêntricos de pertencimento desde a díade mãe-filho e outras dimensões nucleares de pertença, chegando até as dimensões sociais mais expandidas referentes a diversos agrupamentos sociais,

territoriais, e mesmo o planeta e a humanidade, nos quais o ser humano vai se inserindo e sendo transformado, pertencendo e se diferenciando.

Entende-se, assim, e de acordo com os princípios sacionômicos aqui expressos, que a interação social na visão moreniana se desenrola a partir de recortes de pertença territorial, relacional e vincular, em que dramas interpessoais, em permanente transformação, se expressam por diferentes modos de escolher e de implementar projetos dramáticos, bem como de protagonizar histórias que são, ao mesmo tempo, pessoais, relacionais e culturais. A avaliação de grupos pela Sociometria moreniana permite, segundo Knobel (2001), evidenciar um conjunto de relações afetivas, mapear estas relações a partir de papéis, e definir, qualitativamente, a menor unidade social viva, tendo sempre duas direções de análise – do indivíduo para o grupo e do grupo para o indivíduo.

Capítulo III

Construção do Objeto de Estudo

O psicodramatista é “um conectador, pois sua intervenção ocorre nas intercessões”.

Ana Paula de Freitas

O objeto de estudo desta pesquisa é a “afetividade da família migrante”, compreendido na circularidade que existe entre as três categorias “Família”, “Migração” e “Afetividade”, uma vez que a “afetividade” da “família” (*familidade*) em “migração” se revela em seu *duplo pertencimento* e em contexto de forte pluralismo cultural. Confere-se, assim, à família migrante uma *identidade intercultural*, bem como a cada categoria uma nova condição, conforme se pode visualizar na Figura 1, abaixo.

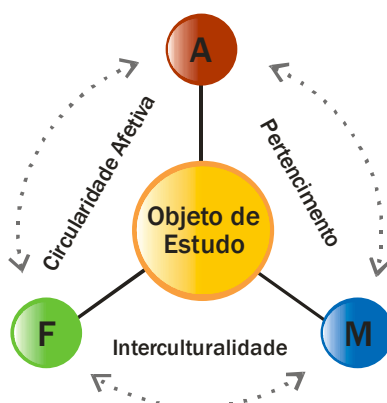


Figura 1. Circularidade das Categorias de Análise do Objeto de Estudo.

Especificamente, a *família* é vista enquanto grupo social protagonista proveniente do contexto da migração, o que a desafia em sua dinâmica *pertencer x diferenciar*, exige diversificação e a elasticidade de seus vínculos, maximiza os processos intrafamiliares constitutivos de sua dupla condição, de incluidora e de incluída, em outros conjuntos relacionais/sociais.

A *migração* é considerada acontecimento que movimenta e recombina as forças sociais, as redes sociométricas, o próprio grupo familiar, maximizando tensões, fazendo emergir questões de fronteira e de transitoriedade das vinculações sociais (Sawaia, 1999) em

jogo e amplificando, na dinâmica familiar, processos de negociação de significados, redistribuição de poderes, convergência afetivo-relacional e redefinição de identidades.

A *afetividade* se caracteriza como: 1) mediadora (constituída e constituidora da subjetividade e da intersubjetividade), 2) dinâmica (que transforma e é transformada, e se revela na dialeticidade *pertencimento-diferenciação*), 3) circular (includora e que leva à apropriação de um sentido de “nós”), 4) que põe em jogo a reciprocidade de relacionamentos inéditos (“tele”), a liberdade de escolha vincular e os processos de transformação/convergência relacional nestas escolhas, pela dialética “espontaneidade-criatividade” (Moreno, 1992b).

Considerando-se a interdependência entre as três categorias, evidencia-se a importância da problematização da *afetividade* enquanto conceitualização e da *migração* enquanto contextualização da pesquisa, buscando-se a partir destes o sentido de *família*, ou seja, da familiaridade, o que confirma a condição mediadora da categoria *afetividade*.

1. Categoria *Família*

Roudinesco (2003) considera a família uma instituição humana duplamente universal por envolver tanto um fato de cultura, como um fato da natureza. A autora enfatiza a passagem da natureza à cultura, e a conseqüente diferenciação dos mundos humano e animal, decorrente da existência quase invariável da proibição do incesto na família.

Em sentido restrito, o conceito de *família* refere-se ao núcleo familiar básico, e, em sentido mais amplo, ao grupo de indivíduos vinculados, por laços consangüíneos, consensuais ou jurídicos – considerando-se o “princípio de adoção” como fator de filiação (Valter, 1998). Assim, os indivíduos, vinculados entre si, estão inseridos em complexas redes de parentesco atualizadas por intercâmbios, cooperação e solidariedade, e com delimitações culturais, regionais, de classe social, etc. (Salles & Tuirán citados por Carvalho & Almeida, 2003). A família, portanto, se constitui com base nestas relações de parentesco, cultural e historicamente determinadas, envolvendo uma dimensão vertical de filiações e gerações (com dinâmicas de continuidade, lealdade e transmissão de conteúdos diversos), bem como uma dimensão horizontal de alianças entre famílias (Cervený, 2006).

As funções básicas da família nuclear são a sobrevivência, proteção e socialização de seus componentes, a transmissão do capital cultural e econômico e das relações de gênero e de solidariedade entre gerações, sendo um grupo com o qual os membros se identificam e mantêm envolvimento emocional (Carvalho & Almeida, 2003). Na sua constituição, são determinantes os fatores culturais, ideológicos e políticos (e.g.: a afirmação do feminismo no Ocidente e dos valores fundamentalistas no mundo árabe), além dos fatores econômicos ou demográficos (e.g.: a urbanização, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a queda das taxas de fecundidade, etc.).

São diversas as configurações do grupo familiar, extrapolando, inclusive, a delimitação geográfica da residência comum (Carvalho & Almeida, 2003). Nas sociedades modernas ocidentais o arquétipo familiar é o modelo constituído pelo casal heterossexual, com os filhos não-emancipados, residindo todos em um mesmo domicílio. Hoje, se vive uma brecha entre este modelo e uma realidade plural crescente, em que uma proporção progressiva de famílias não se enquadra nesse padrão.

Roudinesco (2003) argumenta que o modelo nuclear do Ocidente chegou ao seu formato final após longa evolução, do século XVI ao século XVIII, e menciona três grandes períodos em que a família assumiu formas mais distintas: a *família tradicional*, submetida à autoridade patriarcal, a *família moderna*, de lógica afetiva, sob poderes divididos entre os pais e o Estado, e a *família contemporânea ou pós-moderna*, que tem a autoridade exercida e transmitida de forma complexa.

A autora analisa várias alterações se observam no valor das figuras típicas do contexto familiar, em cada época: o pai heróico ou guerreiro representativo do modelo tradicional vai sendo substituído pela figura de um pai justo, emergente da noção de paternidade ética do período moderno. Neste período também, o casamento passa a ser concebido como contrato livremente consentido, implicando em rupturas e recomposições, até a admissão da família monoparental. Tais mudanças re-significam o valor do poder materno e do filho bastardo e reposiciona a figura do pai como designada ou excluída. Acompanham essas mudanças: a perda do controle da libido na conjugalidade burguesa, a substituição do filho-objeto para o filho-sujeito, a divisão da autoridade parental, a “maternalização” da família, a dominação entre homens e mulheres e o seu questionamento, a separação entre feminilidade e maternidade.

Roudinesco (2003) contextualiza estas mudanças na infiltração que a concepção freudiana, de família edípica, teve na modernidade, construindo uma mitologia de destino e de maldição através da inscrição do desejo sexual e da culpa filial, edípica. O sentimento de ser família (*família*) nasce, pois, de “(...) *uma nova concepção da família ocidental capaz de lidar, à luz de grandes mitos, não apenas com o declínio da soberania do pai, mas também com o princípio de uma emancipação da subjetividade*” (p. 88).

Para Singly (2001), a diversidade de modelos familiares não é um processo novo; antes, durante a maior parte do milênio, o grupo familiar foi desconstruindo o mito da família (nuclear) ocidental, em um estado complexo e diverso, mesmo sob causas diferentes. O autor esclarece ainda que as alterações nas configurações das famílias contemporâneas ocidentais são fenômenos vinculados a uma nova concepção de indivíduo e a mudanças na sua relação com seus grupos de pertencimento, e, em particular, no processo paradoxal de individualização que se vivencia na família. Percebe-se que, por um lado, os indivíduos vivem o imperativo de se tornarem indivíduos originais a partir da preponderância de mitos (como o da busca de

interioridade e do verdadeiro *eu*); e, por outro lado, encontram como condição imprescindível para essa busca o olhar do outro, do qual desejam se emancipar. Neste sentido, Morin (1977) argumenta que autonomia e dependência são interfaces do processo de pertencimento-diferenciação, pois “(...) *um sistema aberto é um sistema que pode nutrir sua autonomia, mas através da dependência em relação ao mundo exterior*” (p. 320).

Configura-se, assim, uma nova concepção dos indivíduos em relação ao seu núcleo de pertencimento, tornando os membros mais importantes que o conjunto familiar, e assumindo, a família, a vocação de respeitar e/ou facilitar a emergência do indivíduo. Além disso, a noção de respeito à originalidade do ser tem diluído o senso de autoridade parental. Assim, de acordo com Singly (2001), uma das grandes transformações da família ao longo da história é que a sua organização tem se dado cada vez menos hierarquizada e cada vez mais por meio da afeição, sendo a liberdade, a autenticidade e a independência, a marca maior da família contemporânea (“estar juntos e livres”) e também de uma nova cultura psicológica. Para este autor,

(...) o período contemporâneo é caracterizado por um maior domínio do destino individual e familiar e isso por duas razões que se reforçam: um sistema de valores que aprova essa autonomia, desvalorizando a herança material e simbólica, e as condições objetivas que permitem o controle desse domínio individual, sobretudo a contracepção e as leis a ela relacionadas (Singly, 2007, p. 128).

Assim, a família é uma expressão de sua história social, da qual modos específicos de regular o seu funcionamento emergem, não apenas diante de acordos provenientes dos princípios que, historicamente, elaborou, mas também dos constrangimentos sócio-culturais que o grupo familiar vivencia na aplicação destes. Desta forma, são comuns os paradoxos relacionais no contexto de suas vivências (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1993). Em referência, à família contemporânea, Singly (2007) identifica questões como: o primado e a fragilidade conjugal, a centralidade no indivíduo, nos aspectos afetivos e de independência.

Percebe-se, assim, a afetividade como questão central da vida familiar na contemporaneidade, ressaltando-se as dificuldades de conjugar dinâmicas individuais e relacionais.

Quanto a este assunto, Caplow (citado por Singly, 2007) pontua algumas características de valor afetivo, indicando, em termos gerais, a sua focalização no casamento e na família nuclear. Especificamente, o autor explicita: 1) a relação conjugal tem mais valor que as outras especialmente para o marido; 2) a relação entre pais e filhos vem logo a seguir (valorizada mais pelos primeiros que pelos segundos), visando-se a um valor igual para todos os filhos; 3) os pais tendem a ser valorizados igualmente pelos filhos se permanecerem casados, o mesmo não sendo esperado no caso de pais separados; 4) cada irmão deve conferir valor igual aos demais enquanto crianças ou adolescentes, mas não necessariamente na vida adulta; 5) no subgrupo fraterno, os amigos uns dos outros são tão valorizados quanto os próprios irmãos.

Considerando-se a contigüidade entre os diversos subgrupos dentro do grupo familiar e a relação de continência que se pode estabelecer nesse contexto, tem-se que: o casal contém os filhos, cada membro é contido pelo grupo como um todo, a família nuclear recebe continência da grande família (os parentes antecedentes), etc. O que se percebe da caracterização contemporânea da família desenvolvida por Singly (2007) é a perda do caráter de continência nas relações familiares, e, conseqüentemente, de continuidade. De fato, o autor, explicita a tendência de recolhimento dos indivíduos em seus núcleos familiares, bem como a carência de horizontes intergeracionais na família contemporânea.

Que implicações advém das novas caracterizações do pertencimento familiar na afetividade familiar propriamente dita, isto é, no sentimento de família? E, em se tratando de famílias migrantes, como esta nova cultura interfere na reorganização do conjunto familiar? A migração promoveria um novo deslocamento do sentimento de ser família – da valorização individual para o grupo familiar como um todo? Como, no drama da migração, as famílias conjugam seu empenho na reorganização da família pós-migração e na busca da autonomia dos seus membros?

Carvalho e Almeida (2003) lembram que o Jornal *The Economist*, igualmente, anunciou, no início do novo milênio, que a família nuclear ideal possa ter sido apenas, “uma invenção moderna” e “um fenômeno efêmero” fundamentado na prosperidade do pós-guerra e

na difusão da cultura de massa. De fato, este modelo de família alcançou seu auge na década de 1950. Estes e outros autores (Roudinesco, 2003; Singly, 2001), no entanto, não acreditam que a família esteja em extinção, nem mesmo ameaçada de tal fato. Pelo contrário, percebem sua enorme plasticidade e capacidade de adaptação frente às transformações sociais, culturais, econômicas e conceituais pelas quais passa.

Carvalho e Almeida (2003) enfatizam ainda a persistente relevância da família como espaço de socialização, solidariedade e proteção social, não só em países desenvolvidos, mas, notadamente, para os que carecem de bens materiais, culturais e simbólicos, para os quais, os entornos sociais em geral são necessários à subsistência, à criação da identidade e à alimentação da interioridade (a elaboração de um “patrimônio de defesas internas”). Também Roudinesco (2003) considera existente o desejo contemporâneo de se ter/ser uma família, mas o avalia dentro da crise do princípio da autoridade no Ocidente, descrevendo a família contemporânea como “*frágil, neurótica, consciente de sua desordem*” (p. 153), mas interessada na busca de equilíbrio, da qual brota, também, o seu vigor para recompor-se e reinventar-se no futuro.

Carvalho e Almeida (2003) têm estudado as novas tendências e os padrões de organização da família frente às transformações econômicas e sociais mais amplas do Brasil na atualidade. Partindo da concepção de *família tradicional*, os autores buscam, inicialmente, fenômenos que traduziriam as modificações nessa estrutura, como: o incremento do número de separações, de casamentos tardios, de nascimentos fora do casamento e do número de mulheres trabalhando fora; o aumento da proporção de domicílios formados por “não-famílias”, a redução do tamanho das famílias, o incremento de casais maduros sem filhos e a multiplicação de arranjos que fogem ao padrão da típica família nuclear, sobretudo de famílias com apenas um dos pais (especialmente das mulheres).

Baseados em dados do IBGE/PNAD elaborados pelo Dieese (2001), Carvalho e Almeida (2003) revelam que o perfil das famílias brasileiras no início dos anos 2000 expressava as transformações mencionadas, acentuando tendências detectadas já em décadas anteriores. E, estudos diversos (Goldani, Oliveira & Ariza, Montali & Salles citados por Carvalho & Almeida, 2003), têm associado estas tendências aos modos de organização do grupo familiar – por exemplo: a dinâmica da economia, as taxas de crescimento, a

diversificação da produção e as oportunidades de trabalho implicam no desenvolvimento de “estratégias de sobrevivência”, postas em ação pela família em situações de crise, do que se observam conseqüências diversas como a organização de novas redes de solidariedade locais e as migrações, em que a família em conjunto deixa a rede social atual, ou se divide enquanto núcleo (parte do grupo familiar migra e parte permanece no lugar de origem). Tais fatores – complementam os autores – têm ampliado as possibilidades de integração e de mobilidade social, apesar do crescimento da população e do grau de urbanização.

A presente pesquisa envolve duas famílias de classe média (funcionários públicos), cearenses que migraram para Brasília na segunda metade da década de 1990. Observando-se os dados fornecidos por Carvalho e Almeida (2003) sobre os Indicadores Sociais do IBGE em 2000 (por tipo de arranjo familiar), observam-se algumas diferenças nestes dados entre nordestinos e moradores da Região Centro-Oeste, as regiões representativas das famílias do presente estudo.

Os dados mencionados por Carvalho e Almeida (2003) apontam para uma alteração nos tipos de arranjos familiares diferenciados do tipo tradicional, bem mais significativa na Região Centro-Oeste que na Região Nordeste, sendo notórios os contrastes referentes aos movimentos de reconfiguração familiar nas duas Regiões, a saber: o número de pessoas que moram sozinhas encontra-se em crescimento, no nordeste e, em declínio, no Centro-Oeste, enquanto o modelo familiar de *duas pessoas ou mais* sofre crescimento no Centro-Oeste e não se altera no Nordeste. Considerando que a família nuclear é o modelo de origem, o que estaria promovendo a vida solitária no nordeste e a diminuição desta no Centro-Oeste, com a opção da família a dois?

De um modo geral, isso nos leva a supor que há um duplo impacto cultural para as famílias que migram de uma região a outra: primeiro, um impacto da reconfiguração proveniente da mudança do padrão sócio-cultural ao longo do tempo que afeta as famílias brasileiras como um todo, e, segundo, um impacto de reconfiguração específica do deslocamento vivenciado no processo migratório.

Diante das mudanças ideológicas pelas quais atravessa a sociedade e do fato de que o recorte da presente pesquisa implica em uma condição socialmente diferenciada para a família

que se pretende investigar (em condições de *duplo pertencimento, dupla reconfiguração*), como abordar metodologicamente a categoria *família*?

Neste sentido, Moreno (1993b) explicitou a importância de se estudar a organização da família a partir de sua interação, integrando “(...) *desde o ponto de vista de cada um dos membros da família, desde todos os pontos de vista*” (p.15), ou seja, na multiplicidade das inter-relações interpessoais e do próprio grupo como um todo. Para tanto, recorre ao processo dramático como forma mais segura que a verbal (por ser anterior à mesma) de apreensão da expressão humana.

Desta forma também, e, segundo Fonseca Filho (1996), Moreno discorda de Freud em que a experiência psicológica de um indivíduo possa ser definida pelo *Complexo de Édipo*, mas antes, seguindo a lógica psicanalítica, a considera resultante, ao mesmo tempo, do *Complexo de Édipo*, do *Complexo de Jocasta* e do *Complexo de Laio*, vivenciados no contexto da matriz de identidade, isto é, de uma série de interações relacionais, sociométricas.

Segundo Marineau (1992), Moreno frequentemente ajudava famílias em dificuldades, discutindo abertamente com elas seus problemas e possíveis soluções – proposta que denominou de *théâtre réciproque* (“teatro recíproco”), em que o ator-cliente é o grupo familiar. Estas idéias de Moreno ainda não sistematizadas foram consideradas precursoras da teoria sistêmica e da terapia de família, estabelecendo os padrões relacionais subjacentes como fundamentais à realidade construída pela família, bem como ao significado que atribui aos fatos vividos.

A compreensão a respeito do “eu relacional” (Dinicola, 1994) põe em evidência elementos de limite e fronteira entre os seres humanos e entre estes e os seus espaços de pertença. A teoria geral dos sistemas (Fontaine, 1986; Morin, 1977) define a identidade de um sistema pelo seu limite, partindo da analogia à biologia, em que a parede da célula regula as trocas de conteúdo: sem estes limites, há uma queda entrópica e o organismo morre; com limites rígidos há sufocação, auto-intoxicação e igualmente a morte. Neste parâmetro, os indivíduos são sistemas fechados, que se criam a si mesmos, sendo a família um sistema ao mesmo tempo aberto e fechado, como “uma entidade relativamente autônoma”, interdependente e auto-organizada ao mesmo tempo. Igualmente, Fontaine (1986) discute que “*não há sistema totalmente aberto ou totalmente fechado (...) (e) um sistema dito aberto é*

relativamente fechado. Ele tem um limite que, porém, é semi-permeável. Isto não quer dizer uma peneira, mas (...) um lugar de relação” (p. 27).

Ainda nesta questão, Seixas (1992) lembra que o termo “fronteira”, para Minuchin (1982), constitui as regras que definem quem participa e de que forma participa de um sistema, demarcando, assim, a diferenciação dos sistemas familiares. Neste sentido, a autora evidencia a importância do ato de dramatizar, o qual permite, através dos papéis, que o subsistema individual se exteriorize e, no interjogo destes papéis, que a sociometria do sistema familiar seja expressa. Prestigia, então, as contribuições de Moreno no trabalho terapêutico com famílias, lembrando o caráter de mobilidade, circularidade e recursividades conceitual e metodológica próprias do modelo sociodramático. Os aspectos individuais são evidenciados dentro do contexto relacional, demarcando relações afetivas nas dimensões intra e intersíquicas. A relação é experimentada em novas formas de interação, sem sinais de ruptura e, assim, as fronteiras são reformuladas entre os subsistemas individuais da família.

De fato, quando Moreno definiu *grupo* pela primeira vez, mostrou que o tratamento psicoterápico visava ao “(...) grupo como um todo, como (também) cada um de seus membros através da mediação do grupo” (Moreno, 1993b, p. 19). Assim, a mediação do grupo, a interdependência entre este e seus membros, é o aspecto fundamental da concepção sicionômica. Além disso, Moreno (1992b) – quando coloca que “podemos discernir padrão de atração, repulsa e indiferença no limite entre indivíduos e grupos” (p. 173) – toma o limite entre indivíduos e grupos a partir dos afetos de atração, repulsa e indiferença representados nas escolhas e investimento vincular interpessoal, oferecendo um arcabouço conceitual próprio a serviço da compreensão, avaliação e intervenção das diferenciações identitárias de sujeitos em processo de reconfiguração de sua pertença social.

Vitale (1997), ao tratar da separação conjugal, pontua que a separação modifica a rede de relações que constituiu a família, o que implica em uma re-estruturação familiar, dos vínculos com parentes e com amigos, que se desfazem e se constroem, tanto no plano das relações sociais, como no plano interno do próprio grupo familiar, promovendo aos poucos uma nova configuração das configurações afetivas, sociométricas. Neste contexto, os filhos passam a ter dois núcleos (o paterno e o materno), o que implica na vivência de um duplo pertencimento, a cada uma das redes parentais. Além disso, a autora discute aspectos

(expostos a seguir) que a presente pesquisa se apropria no contexto das separações de gerações e da reorganização de laços afetivos (familiares e outros) vivenciadas no processo de migração, ainda que o núcleo familiar tenha se mantido conjugado.

A organização do grupo familiar é, desde a sua formação, um arranjo de distribuição de papéis, de ganhos e de perdas (como o uso do espaço doméstico, as relações extra-familiares, etc.). Desta forma, a (re)organização da família demanda criatividade e tolerância, implicando em uma (nova) combinação entre os papéis complementares de protagonista e de ego-auxiliares. Cada membro irá sentir, então, os arranjos e rearranjos familiares com intensidade e forma diferenciadas, apresentando resistências particulares a mudanças e participando de formas específicas dos processos de reorganização. As experiências de rompimento, são, “(...) *principalmente, uma vivência de contradições na qual a família tende a redefinir, mais claramente, seu próprio sistema*” (Vitale, 1997, p. 35).

A separação, no entanto, não significa mudança no jogo relacional básico, mas a alteração de necessidades que se estabelecem no palco da família frente aos processos que a (re)organizam: necessidades de confirmações de afetos, buscas de resgate da relação com genitores, novas atenções a processos pessoais, autonomização dos filhos, demandas por novas funções complementares, por novos espaços de negociação entre os membros, de convivência, redimensionamento da sociometria, distribuição de poder, revisão de idealizações, etc. As novas demandas são engendradas na própria história da família, facilitando ou dificultando a nova configuração e o sentido de pertencimento. Vitale (1997) lembra que uma das intervenções terapêuticas costuma se dirigir aos “*fantasmas de suas velhas estruturas*” (p. 32).

A autora observa ainda que, as escolhas efetivadas pelos filhos podem acontecer em ressonância com as histórias das famílias de origem “(...) *tanto em termos de continuidade quanto de descontinuidade dos padrões familiares*” (Vitale, 1997, p. 30), o que se dá na direção de “(...) *reproduzir ou de repetir a história familiar, construída a partir de aspectos selecionados do mundo social, segundo a própria localização dos indivíduos neste mundo*” (Vitale, 1997, p. 30). A separação representa, portanto uma “(...) *maior diferenciação com relação à família de origem*” (p. 33), e também dos próprios papéis familiares.

Em relação à migração, esta implica em reorganizações dos processos de filiação em relação aos vínculos deixados no lugar de origem, bem como a reorganização do núcleo familiar em si. Neste caso, pode-se também observar continuidade ou descontinuidade nos padrões de origem e experiências de diferenciação (ou indiferenciação) em relação à placenta social originária da família migrante, e ainda diferenciação (ou indiferenciação) dos próprios papéis familiares. Aplicando as idéias de Vitale (1997), de um modo geral, e

(...) dependendo das condições em que ocorrem a separação e da etapa do ciclo vital da família (...) no rompimento observa-se tanto uma reaproximação das raízes familiares pelos elementos do casal, quanto uma maior dependência destas relações. Entre estes pólos apresenta-se uma gama de situações (p. 31).

A autora indica também toda uma reorganização de papéis e as demandas que se associam a este processo. Primeiro, *“na medida em que os filhos crescem, as exigências dos pais e dos filhos quanto à vida familiar podem colidir”* (Vitale, 1997, p. 33). Por outro lado, *“a aparente crise de adolescência por que passam, na vida adulta, os pais separados, pode representar, também, o movimento de individuação na maturidade”* (Vitale, 1997, p. 33). Além disso, um dos membros pode desenvolver ou cristalizar uma função complementar a serviço de todo o conjunto familiar. A autora lembra, por fim, que *“o Sociodrama familiar oferece várias possibilidades de se tratar as questões ligadas ao processo de separação na família. (...) O contexto dramático é (...) facilitador de transição na família”* (p. 39).

O pensamento moreniano se organiza em torno da ação enquanto *“(...) ato que desprenda espontaneidade, transformando-o em criativo”* (Fonseca Filho, 1996, p. 29), que possibilite a concretização de conflitos da pessoa ou grupo em foco, e lhe ofereça força protagônica para que, dramatizando, possa assumir e escrever a sua própria história.

Quando se pensa na dinâmica familiar, pode-se entender que uma família é o encontro entre diversos protagonistas, representados por cada membro, pelo grupo como todo e por cada subgrupo possível. As questões familiares são, então, concebidas por Moreno como

questões de grupo, do jogo entre protagonistas na vivência dos paradoxos pertencimentos/diferenciações que vão ganhando movimento no palco da família.

Exemplificando, para Moreno (1983), “*a relação entre mãe e filho é uma dupla relação que implica em uma ação cooperativa, muito além de pautas individuais de condutas separadas entre si*” (p. 99). De fato, o pensamento de Moreno sobre família e papéis familiares não parte do lugar socialmente dado, ditado pela cultura. Quando, na Matriz de Identidade, o autor explica o desenvolvimento do recém-nascido em seu primeiro pertencimento à família; ele utiliza, referindo-se à relação mãe-bebê, respectivamente, as nomenclaturas *ego-auxiliar* e *protagonista*, o que é coerente com a sua proposta de desempenho de papéis pautado na criação dos mesmos.

Neste sentido, Motta (1998) analisa que o *paciente identificado* (definido pela Teoria Sistêmica como o membro adoecido em uma família disfuncional) é – dito de um modo socionômico – aquele que foge ao *script*, à história oficial da família, o emergente familiar que não conseguiu força protagônica para assumir a si mesmo e à sua família ao mesmo tempo.

A prática terapêutica com famílias, segundo o modelo moreniano, favorece não somente a protagonização dos indivíduos, membros do conjunto familiar, como da família enquanto grupo, e ainda dos subgrupos familiares configurados por cada relação possível: os subgrupos fraterno e conjugal, o par-educador (pai e mãe), as relações entre pais e filhos – sejam em díades, tríades ou cadeias.

A ação dramática mobiliza a percepção dos conflitos familiares a partir da co-construção dos mesmos por todos os membros de um grupo. Neste sentido, Zerka Moreno, Blonkvist e Rützel (2001) enfatizam a força dramática frente à solução de conflitos relacionais, explicando que, no teatro grego – inspiração da proposta moreniana – o protagonista reagia a “*um mal-entendido, a uma indiferença e à sua própria arrogância*” (Z. Moreno & cols., 2001). Tais esferas se referem às resistências culturalmente consolidadas (mal-entendidos), afetivamente vivenciadas (indiferenças), e pessoalmente firmadas (sua própria arrogância), o que implica no redimensionamento do homem e de suas relações, pelo seu novo posicionamento frente às dimensões afetiva, social e cultural no contexto dos conflitos em jogo.

A propósito, os conceitos morenianos e o seu modo de concretizá-los nos processos de subjetivação e intersubjetivação deixam uma marca de superação das concepções

individualistas e psicopatológicas no plano psicossocial. Além disso, os sociodramas permitem a explicitação não só dos *scripts* sócio-culturais da família, mas também dos modos de manutenção do mesmo ou dos pontos de impedimento para a emergência do novo, e, ainda, dos modos de superação destes impedimentos, pelo redimensionamento da força protagônica de cada protagonista do contexto familiar. Assume-se aqui, que tal posicionamento teórico-metodológico, advindos da concepção sociometria e sociodinâmicas de família, potencializa a dimensão interativa aplicada aos fenômenos sociais vivenciados pela mesma, favorecendo a interdependência entre níveis psicossociais diversos, como o interpessoal, o intergrupar e o ideológico (Doise citado por Munnè, 1995), fundamentais na presente investigação.

2. Categoria Migração

Além de ser um fenômeno tão antigo quanto a humanidade, a migração de pessoas e famílias tem-se tornado um fenômeno extremamente freqüente. Estima-se que cerca de 200 milhões de migrantes esteja ao redor do mundo, o que corresponderia à população brasileira fora do Brasil (IBGE/PNAD elaborados pelo Dieese, 2001).

A literatura (Centro de Estudos Migratórios, 1986; Serviço Pastoral dos Migrantes & cols., 1998) tem apontado que as causas da migração seguem duas direções principais: a fuga, muitas vezes compulsória, das condições originais de vida não-desejadas (como desemprego, miséria ou conflitos diversos) e a busca pela ampliação e diversificação da capacidade de posse e consumo. O desejo por novos acessos e aquisições nem sempre se justifica pelas condições miseráveis de vida, pois a busca por novas possibilidades de trabalho tanto pode constituir na motivação maior para que pessoas e famílias deixem a sua primeira referência de mundo, como podem ser o canal pelo qual se possa viabilizar o alargamento de suas fronteiras em outras dimensões da vida (como a busca de novos conhecimentos, culturas, relacionamentos, etc.).

Quaisquer que sejam as motivações, permanece o desafio aos migrantes de enfrentamento da discriminação e rejeição (denominado xenofobia, etnocentrismo) e/ou de ausência de direitos básicos, exploração, temor de ser preso, deportado, mandado de volta ao local de saída, etc.

Pode-se dizer que, a presente pesquisa objetivou compreender os aspectos afetivos de processos migratórios, entendendo que a migração efetivada em família pode revelar a partir da investigação das dinâmicas do núcleo familiar, a participação dos fatores relacionais e vinculares nesses fenômenos tão abrangentes do ponto de vista afetivo-relacional e sócio-cultural.

Novamente, aqui, a migração precisa ser analisada em suas configurações histórico-culturais (Serviço Pastoral dos Migrantes & cols., 1998). O que se observa é que os processos migratórios, geralmente, promovem condições paradoxais de vida. Por exemplo, a migração européia ocorrida na Revolução Industrial do século XVIII para as cidades recém-industrializadas, ao mesmo tempo em que gerou uma massa excedente e um crescente cordão de pobreza e violência, também promoveu um deslocamento geográfico progressivo que ficou conhecido como “sonho do *far l’america*”, chegando, inclusive, ao Brasil. Hoje, a migração se mostra com um efeito acumulado de fluxos intensos dos que fogem de conflitos cada vez mais violentos, como dos que sonham com condições de vida cada vez mais diferentes dos seus modelos originais.

O Brasil é lugar de migrantes desde o seu descobrimento, e, desde a década de 1980, tem sido marcante a imigração de brasileiros a diversos destinos, com milhões destes vivendo hoje fora do país, além dos deslocamentos internos (Serviço Pastoral dos Migrantes & cols., 1998). Na década de 1930, com a industrialização do Brasil, iniciou-se a migração em massa de nordestinos para o Rio de Janeiro e São Paulo e, mais tarde, para Brasília, com a construção desta na década de 1960. Hoje o êxodo rural de nordestinos permanece bastante expressivo, promovendo a saída de milhares por ano, principalmente, em busca de melhores condições de emprego. Um grande exemplo da intensa migração nordestina dentro do Brasil é o estado do Ceará (IBGE/PNAD elaborados pelo Dieese, 2001).

Várias destas migrações se dão dentro do próprio Estado – da zona rural para as cidades médias ou capital. Muitas são planejadas enquanto uma migração de resistência, em que “sair” seria a forma que encontraram de “ficar”, ou seja, eles vão em busca de sobrevivência, visando, mais tarde, retornarem às suas cidades de origem – o que poderá jamais acontecer. São comuns os que continuam suas peregrinações, com várias migrações.

Neste sentido, os censos de 1991 e de 2000 apuraram a existência da chamada “migração de retorno”, na qual o Estado do Ceará é também exemplo importante desse crescimento.

Tal migração temporária/sazonal implica em uma permanente situação de itinerância, um constante êxodo, ocasionando o desligamento e os rompimentos sucessivos do migrante de sua família e/ou comunidade, bem como uma inserção social superficial aos destinos. Alguns chegam a desenvolver outra(s) família(s) ou reconfiguram o núcleo original, incluindo neste, outros parentes ou outras pessoas com as quais passam a conviver como uma “rede de solidariedade” (Gohn 2003), como uma “família sociométrica” (Moreno, 1992b).

As conseqüências sociais desses processos têm sido bastante discutidas. Dentre elas merecem destaque: a “favelização” das grandes cidades, o esvaziamento da zona rural, a produção do chamado “retirante nordestino” que se torna cada vez mais vulnerável à barganha das elites locais, além do desemprego, da violência e da prostituição.

No contexto da presente pesquisa, indaga-se sobre as dinâmicas relacionais compensatórias geradas em contexto de migração quando se consideram famílias nucleares, de classe média, migrando para um centro profissional e cultural mais evoluído, mais plural. Além disso, qual seria o sentido da migração no contexto dos últimos anos, quando as formas e o significado do pertencimento social têm sido alterados pelas noções de transculturalidade?

A globalização e as características da vida pós-moderna incluem as relações sócio-afetivas em contexto de um intenso movimento de diversidade e sincretismo cultural (Geertz, 2000). No Fórum Social das Migrações, acontecido durante o V Fórum Social Mundial (Hall, 2005), postulou-se a *cidadania internacional*, em que as pessoas, independentemente do lugar onde nasceram, sejam considerados membros da humanidade, cidadãos do mundo. Estabelecendo como princípios o “mundo sem fronteiras”, a “livre circulação de capital” e a “migração por escolha e desejo”, destacando-se o debate sobre o ser humano como sujeito de seu próprio destino (protagonista) e o conseqüente fim da migração forçada.

No contexto da Sociometria moreniana, as escolhas relacionais/sociais são processos subjacentes ao que se manifesta socialmente (no átomo social) e aos movimentos (tensões, conflitos, concorrências, convergência afetiva) relacionais que vão fundamentar parcerias, projetos de vida e, em última instância, a identidade de pessoas e grupos (Moreno, 1992b).

Considerando a realidade da expansão afetiva prenunciada por Moreno (1993b) na vivência do paradoxo *pertencer x se diferenciar*, e, sendo a migração um fenômeno paradoxal em várias dimensões sociais, como se dá a organização afetivo-social de famílias nordestinas que migram hoje – momento em que se percebe uma nova concepção de homem como membro da humanidade? Tais famílias têm acompanhado este novo *status* geográfico-social? Como têm desenvolvido este novo papel? Quais as ambivalências vivenciadas neste processo? Como têm protagonizado esta nova condição?

Sabe-se que a Globalização e as novas condições de vinculação sócio-afetiva mediadas por meios de comunicação e de transporte cada vez mais velozes e de baixo custo, têm feito emergir novas condições de vinculação do migrante de classe média, tanto aos lugares deixados, quanto aos lugares buscados por ele (Gohn, 2003). Desta forma, o vínculo do migrante com a terra e com o povo de onde migrou, bem como com as pessoas da nova terra, a ser conhecida, já é possível antes mesmo da chegada ao novo lugar, através do acesso a conversas, contatos e informações atualizáveis. Certamente, tais facilidades, abrem novas condições à migração e, mesmo quando o acesso às informações e ao contato com o novo lugar não se dá de forma individual e isolada, há sempre certo perímetro de informantes ao redor de um migrante ou futuro migrante.

Há, nesse contexto, toda uma discussão a respeito dos novos modos de relações e de afetividade que circunscreve e inspira os processos migratórios hoje, e também do significado dos novos pertencimentos sociais em jogo, pois promovem tanto o crescimento da diversidade cultural, como da desigualdade social.

De qualquer forma, não se pode negar que as novas condições de comunicação permitem uma nova condição vincular entre o migrante, o lugar deixado e o lugar pretendido. Então o que significam as condições comunicacionais e multiculturais na retomada do vínculo social por parte do migrante?

Hall (2005) considera o homem migrante, um “*eu* traduzido”, no que diz respeito à sua condição multicultural, bem como à sua demanda permanente por “processos de tradução” na efetivação de sua participação social em contextos específicos. Desta forma, o autor discute a irreconciliabilidade entre “as forças da tradução e da tradição”, associando ao primeiro, a valorização do hibridismo, da diversidade, do sincretismo cultural; e, ao segundo, a busca pela

reconstrução de identidades purificadas, pelo fechamento cultural e pela restauração da coesão em torno de tradições (tais como, soberania nacional, pureza racial, ortodoxia religiosa, etc.).

Hall (2005) compreende ainda que, minorias serão, sempre, encontradas nas fronteiras de alguma delimitação cultural, as quais se identificarão com culturas diferentes, vizinhas, mais do que com a cultura dos conterrâneos, tornando, assim, impossível a unificação total dos estados, ou a configuração de identidades culturalmente homogêneas. Neste contexto, a diferença sócio-cultural entre os lugares de pertença, num processo de migração, precisa ser considerada.

Paviani e Gouvêa (2003) e Souza (1996) têm discutido a dinâmica das cidades enquanto *locus* econômico e arena de conflitos sociais, buscando relações entre a espacialidade e os processos humanos, culturais e históricos através dos quais o lugar se transforma em produto social. Estes autores têm demonstrado as contradições de uma análise funcional sobre o desenvolvimento urbano no Brasil, denunciando as diferenças sócio-econômicas que provêm da relação entre a forma do espaço urbano e as condições sociais que nele se instauram, como geradoras de confusões, contradições e tensões diversas na vida em sociedade.

Sendo Brasília uma cidade multicultural, com migrados de todo o país, como o migrante nordestino lida com a diversidade cultural, e como assume, nesta cidade, a cultura dos seus conterrâneos? Tal condição muda a possibilidade de configuração de identidades culturalmente homogêneas? Poderia se perceber a emergência do “eu traduzido”?

A cidade de Brasília, denominada de *Cidade Livre*, surgiu como uma proposta modernista de vanguarda, na qual o planejamento urbano-arquitetônico assumiu propósitos específicos quanto às formas de associação coletiva e de vida cotidiana que se pretendiam engendrar em seus domínios. No entanto, Paviani e Gouvêa (2003) denunciam que o que seria considerado princípio de urbanismo no projeto arquitetônico-social de Brasília não se tornou parte da cultura popular, inclusive porque nunca foi sistematizado enquanto modelo de relações entre o ambiente construído e o usuário do ambiente.

Holston (1993) também discute o *projeto Brasília* idealizado como antítese da estratificação social brasileira, analisando a relação instrumental e simbólica entre arquitetura e

sociedade na história do Plano Piloto. Paviani e Gouvêa (2003) corroboram com esta análise quando identificam que, ao longo de quatro décadas, as representações da cidade de Brasília sofreram modificações, desde a implementação até a sua expansão, mas, segundo os autores, estas modificações somente aperfeiçoaram a prática de poder no espaço, assumindo o seu desenvolvimento nos moldes dualistas do capitalismo periférico. De acordo com os citados autores, não se pode negar a organização do Plano Piloto no sentido arquitetônico, porém a estrutura social dual é evidente quando se entende Brasília em seu conjunto: o plano piloto elitizado e as cidades satélites com todos os problemas comuns às cidades periféricas, postas às margens. Segundo Holston (1993), paradoxos como estes tiveram força ativa no desenvolvimento da sociedade brasileira, pois como ele afirma:

(...) embora tenha sido concebida para criar um tipo de sociedade, Brasília foi necessariamente construída e habitada por outra – pelo resto do Brasil, que se pretendia negar. O desenvolvimento social de Brasília é impulsionado pelas tensões e contradições entre as duas sociedades (p. 30).

Segundo Le Corbusier (citado por Holston, 1993), há quatro chaves para entender o planejamento urbano, a saber: a moradia, o trabalho, o lazer e a circulação, o que ressalta sociometricamente a centralidade das relações com o núcleo familiar e com o lugar de trabalho, bem como a condição de prazer e liberdade que se vivencia na circulação dos afetos.

Para Paviani e Gouvêa (2003), a pretensa igualdade, por exemplo, idealizada para que Brasília gerasse uma perfeita coexistência social, como berço de uma nova sociedade no país, trouxe ao novo habitante de Brasília, o sentimento do anonimato e, por isso, este foi afirmando, pouco a pouco, vários processos sociais e valores culturais que o planejamento urbanístico pretendia negar (como as mansões ao lado do lago, a fachada das lojas voltada para a calçada e para o trânsito, os clubes privados, etc.). Neste aspecto, os autores fazem a seguinte indicação:

(...) *uma das formas de mascarar a extensão da desigualdade é veicular idéias de que o ambiente urbano – como um conjunto de condições externas ao indivíduo, naturais ou construídas, no espaço da cidade –, por ser um bem público, é igualmente acessível a todos* (p. 157).

Holston (1993) analisa ainda que o limite imposto pela aparente igualdade levou ao paradoxo de se reorganizar a vida social fora dos limites da *Cidade Livre* e, antes mesmo da inauguração de Brasília, as cidades-satélites foram criadas para abrigar migrantes chegados em busca de emprego na construção civil e no pequeno comércio.

Lynch (1999), considerando a relação entre o observador e a cidade, vê na legibilidade da cidade, a expressão de sua identidade, estrutura e significado, evidenciando, por um lado, o sentido de segurança que a legibilidade física do lugar pode fornecer e, por outro, a importância de sua participação ativa na (re)criação de uma ordem aberta e ajustável a novas atividades possíveis como resultado da sua relação com o lugar. Neste contexto, a ambivalência *segurança x impedimento da ação criadora* se mostra como uma outra marca da experiência do migrante brasileiro.

O que se conclui do exposto é que as condições de vida em Brasília indicam a existência de uma igualdade projetada arquitetonicamente, porém discutida no plano da convivência social de seus habitantes. Além disso, evidenciou-se um misto de duas realidades: o dualismo capitalista (que divide a elite e o povo) e o sonho de unificação dos estados.

No estabelecimento das condições de avaliação destas realidades, as reflexões acima, bem como a compreensão sociométrica proposta por Moreno, indicam a importância de um estudo sobre migração nesta cidade a partir de parâmetros teóricos, metodológicos, sócio-culturais que permitam acessar e questionar a temática nesta dimensão. Isto significa, na pesquisa aqui empreendida, a promoção da ação criadora dos pesquisados, tomando-se a relação social, a circulação dos afetos e os aspectos vivenciais do núcleo familiar como contexto de coleta e análise dos dados.

Nestas condições, o que se poderia perceber em relação aos movimentos de construção identitária na cidade dos migrantes? As relações cotidianas não estariam, em

alguma medida, provendo a homogeneização das identidades quando se examina o plano das relações sócio-culturais, além dos aspectos formais da cultura?

De um modo ou de outro, Brasília se apresenta como palco de processos paradoxais e ambivalentes de *pertencimento-diferenciação* e de *inclusão-exclusão*. Diante destas condições, que implicações poder-se-iam observar na migração de famílias nordestinas para este lugar, levando em conta que o êxodo em família significa a manutenção *in locus* do núcleo básico de pertencimento, da “matriz de identidade”, na vivência da reconfiguração sociométrica?

O reenraizamento familiar, na migração, pode ser comparado ao processo de adoção, de filiação, o qual, segundo Guyotat (1980), pode se caracterizar como “filiação narcísica”, quando o filho se denomina a si mesmo de filho; ou de “filiação instituída”, quando há processos de legitimação do laço filial. Em outras palavras, se diz que alguém é filho não só porque teve um ato de nascimento, mas porque um grupo social o reconhece como tal. Para o autor, o domínio institucional no estabelecimento do laço de filiação tanto pode estar relacionado aos processos de adoção (isto é, de legitimação do laço, independentemente do nascimento), como aos processos de investigação da paternidade, quando ocorre o inverso, ou seja, se estabelece, sobre uma base primariamente biológica, o laço secundariamente instituído. Isto implica que a realidade do laço de filiação, de pertencimento, depende (tanto na filiação biológica como na filiação por adoção) da instituição do grupo, do que é dito/instituído por um terceiro a respeito do pertencimento em questão. Pode, assim, entender que a “placenta social” (Moreno, 1983) – dimensão social, de contigüidade horizontal, acolhedora da pessoa e do grupo – é também legitimadora do seu lugar social e definidora de seu sentido, de sua identidade.

Aplicando-se ao pertencimento territorial do migrante, pode-se dizer que, tanto o seu pertencimento ao lugar de origem (à “terra natal”), como ao lugar de destino (à terra adotada) é desenvolvido a partir de uma terceira instância, que legitima os vínculos em questão. Talvez um lugar possa ser o legitimador do outro: um duplo pertencimento que mobiliza os afetos referentes aos dois lugares, permitindo diferenciá-los e integrá-los no todo de uma outra referência (de estado, país, mundo, humanidade). Neste sentido, se manifestariam os mesmos mecanismos da matriz de identidade em que o ser humano em desenvolvimento se insere, quando é acolhido pela placenta social e expande sua capacidade afetiva a partir das

inserções e percepções que vivencia a partir daí. De igual modo, o migrante experimenta um acolhimento inicial (ou não) no novo lugar de moradia onde “*mergulha suas raízes*” (Moreno, 1993a, p. 114); a percepção de que este lugar faz parte de um contexto social maior; e, a partir daí, o incremento progressivo da capacidade de distinguir e participar de esferas interculturais às quais pertence, às quais ainda não tinha tido acesso no sentido afetivo e de pertencimento.

Além disso, Guyotat (1980) lembra que o processo de filiação se completa na intercorrência de três gerações: do pai do filho até o filho do pai. No caso do filho adotivo, todavia, este só legitima a sua experiência familiar anterior quando se casa e gera filhos, como uma forma de reconectar-se ao contínuo transgeracional, uma vez que a adoção significa a migração de uma rede de pertencimento familiar para outra. Daí decorre a importância do novo laço de pertencimento do migrante territorial diante da perda da matriz de identidade original, como é o caso de famílias que, pela saída de sua terra natal, afastaram-se dos parentes.

Pode-se dizer que a dinâmica, na qual a afetividade se expressa e se transforma, se processa tanto em uma dimensão de pertencimento *horizontal*, inter-social (que implica no pertencimento ao social mais amplo), como numa dimensão *vertical*, intergeracional (que implica no pertencimento às gerações que antecedem ou que sucedem a uma geração específica).

Desta forma, na dimensão horizontal (envolvendo espaços sociais/territoriais interligados afetivamente), o processo de filiação possibilita uma experiência concomitante de filiações, bem como a superação da exclusividade vincular pela diversidade do pertencimento. Na dimensão vertical (situada em relação a ascendentes e descendentes), a experiência de filiação possibilita a transmissão geracional. A capacidade afetiva é, então, expandida na filiação pela intercorrência (filiação vertical) e concomitância (filiação horizontal) dos pertencimentos sócio-familiares.

As novas inserções se dão, todavia, mediante conflitos, ambivalências, concorrências no campo relacional e afetivo, assumindo, os migrantes, além destes, uma outra condição sócio-cultural no novo território de pertencimento, a saber, a condição de minoria. A condição da família migrante posta como minoria social, implica em sua sujeição aos processos de inclusão-exclusão social, os quais Sawaia (1999) caracteriza como uma condição de “*maldição*” sócio-cultural (i.e., de um lugar *mal-dito*, do qual se diz que é mal, de designação

perversa), revendo, assim, sua condição *adoecida* (no sentido homeostático do termo), e ressaltando seu contexto relacional conflitivo (contexto dramático, numa linguagem socionômica).

Vários autores (Foucault, 1987; Sawaia, 1999; Selosse, 1988) têm demonstrado a condição paradoxal própria dos lugares de *pertença/não pertença* em que os excluídos se encontram, os quais lhes geram identidades marginais, referendadas e mantidas em lógicas sutis de poder. Assim, os processos de inserção social podem implicar em uma “inclusão perversa” (Sawaia, 1999; Selosse, 1988), pois, o ocupante recebe um lugar para ocupar, mas é impedido da sua apropriação afetivo-relacional: está, ao mesmo tempo, inserido e excluído, envolvido e abandonado.

Pensando nas condições da família migrante, em busca de um novo lugar de pertencimento social, e na sua possível marginalização, pode-se concluir que a reciprocidade e a complementaridade relacionais ficam ameaçadas e subvertidas por interações baseadas em sentimentos de intrusão, de confronto, de dívidas emocionais (Bucher, 1986). As “bordas sociais” (Sawaia, 1999) podem ativar relações de oposição e confrontação, bem como a emergência de personagens dualizados (*o nordestino atrasado x o homem da região bem desenvolvida, o cearense invasor x o brasiliense nativo, etc.*). O lugar de reinserção das famílias migrantes (cearenses) estudadas na pesquisa é a cidade de Brasília, cidade que se caracteriza pela pluralidade e como lugar de migrantes.

A afetividade na interação das famílias migrantes com o novo lugar de pertencimento pode, então, se contextualizar em categorias de oposição e de poder, perpassando sua dinâmica sócio-cultural específica (do lugar para onde migrou) ou referendando seus pertencimentos sócio-afetivos em geral. As representações de oposição e poder estabelecem categorias que inspiram as relações em jogo, pondo em movimento uma dinâmica também de oposição, e não uma relação guiada pela tele. Assim, o paradoxo *inclusão-exclusão* fica posto no contexto da migração, como uma experiência tensa e ambivalente, em que faltam vínculos, proliferam ligações sociais sufocantes e sem elasticidade, pois ficam enrijecidas pela cultura (Selosse, 1988). O migrante também pode desenvolver relações de afrontamento e ruptura, e a partir destas, atribuir sentido relacional e social (Oliveira, 2004) à sua experiência geral ou específica de pertencimento.

Por outro lado, Selosse (1988) indica que a margem traz questões de redefinição de significado dos lugares ocupados; por um lado, assumindo o afrontamento e a ruptura nas relações e, por outro, diversificando e estendendo os vínculos, constituindo sociabilidades e solidariedades. Para o autor, há três atitudes que a ocupação das margens sociais pode promover: 1) assumir o lugar como condição permanentemente injusta (fruto de um *interdito de participação*); 2) expressar-se por meio de múltiplos pertencimentos sociais (fruto de um *interdito de criação*); 3) negar os efeitos dos interditos e, ao mesmo tempo, desafiá-los.

No primeiro caso, os ocupantes da margem passam a manter relações sociais baseadas em dívida e/ou perseguição, recusando-se à identificação social, e assumindo uma posição de reivindicação permanente (que o autor chama de *narcisismo instrumental*). Dentro da idéia de *comunitarização x individuação*, Bauman (2003) identifica a polarização de dinâmicas coercitivas e emancipatórias, nas quais alguns se emancipam a custas de coerção a outros.

No segundo caso, também não há uma inclusão social de fato porque os múltiplos pertencimentos implicam em múltiplas visões do sujeito, não permitindo a sua identificação e apropriação do lugar, mantendo-se uma condição de interação social baseada em múltiplas designações. Pela análise socionômica, entende-se que apropriar-se do lugar é um ato de co-criação do papel quando o lugar e seus ocupantes passam a se identificar, o que só é possível através da troca interativa, da convergência afetiva, da tele. Assim, pode-se dizer que a “margem” é um campo social propício tanto à interdição como também à recriação relacionais – condição que alcança ainda maior expressão em contextos de reinserção sócio-afetiva, como é o caso da família migrante.

Falando do “isolamento à margem”, Moreno (1977) denuncia que:

(...) em verdade, uma porcentagem considerável de indivíduos mostra a tendência de ser relegada ou isolada em grupos durante sua vida; a questão é saber se o ego-auxiliar, na forma de mãe, não teve, desde tempos imemoriais, uma função mais profunda do que ser mera fonte de alimento para a criança (p.122).

O foco do autor sobre o ego-auxiliar (sendo a mãe o primeiro,) indica que a questão do isolamento social nasce da não-complementaridade do papel do protagonista. Pode-se concluir, antes de dizer que faltam vínculos, que faltam egos-auxiliares no processo. Mesmo a protagonização não se dá como um ato isolado. A complementaridade “*ego-auxiliar-protagonista*” se instaura na dramaticidade da vida relacional, demandando inversão e co-criação de papéis, uma vez que todo ser é um protagonista em potencial (frente ao seu lugar existencial e histórico específico), relacionando-se com um ego-auxiliar em potencial, o qual complementa o outro protagonista. A organização grupal evidencia a conjugação entre protagonistas em um número igual à quantidade de integrantes do grupo. Além destes, o grupo como um todo e mais os demais subgrupos dele derivados, também assumem protagonização e identidade específicas. No caso do conjunto familiar, subconjuntos como o casal e o grupo fraterno podem ser considerados protagonistas neste contexto, implicando complementaridades específicas com seus egos-auxiliares.

É também na inspiração advinda do drama grego original (espontâneo e criativo em sua essência), que a Socionomia vai tratar das tensões, dilemas, agonias e conflitos relacionais. De fato, Fonseca Filho (1996) acredita “(...) *que a fluência espontânea seja mais importante que resoluções de conflitos, apesar de que toda resolução real de conflitos importe em liberação de espontaneidade. Abrir canais de espontaneidade é a meta principal do psicodramatista*” (p. 30).

Na dramaticidade das histórias que situam pessoas e relações, emergem elementos de intersubjetividade e encontro, capazes de re-significar a dimensão do instituído socialmente e da afetividade em jogo. Moreno mesmo trabalhou com grupos sociais específicos, especialmente grupos minoritários em situação de exclusão social (prostitutas, refugiados de guerra, delinquentes jovens), junto aos quais realizou experiências práticas, de intervenção e planejamento sociométrico. Assim, os estatutos de poder e as categorizações pelas quais as pessoas e os grupos são definidos podem ser mobilizados e transformados pela troca e pelo conflito, por elementos interacionais de ordem afetivo-relacional.

Através de sua “Teoria das Minorias Ativas”, Moscovici (1991) revoluciona o prisma do preconceito e da conformidade social sustentado pela Psicologia Social americana, percebendo a influência social como um fator de troca na qual a minoria influencia a maioria a

partir de seu estilo comportamental consistente, o qual acaba por criar conflitos, mas também induzir a maioria a se examinar e se re-posicionar cognitiva e valorativamente, processo ao qual o autor denomina por “conversão”.

Dinicola (1994), discutindo a relação família e cultura, questiona a tolerância entre etnias considerando-a “(...) *um sentimento suspeito (que) (...) determina uma linha divisória sutil entre os que estão de fora e os que são de dentro*” (p. 59), referindo-se a qualquer agrupamento étnico assumido pela família. O autor propõe a idéia de “curiosidade da diferença”, em busca de uma familiaridade com os estranhos, o que, segundo o autor, permite o processo reflexivo e paradoxal de tornar estranha uma parte do “velho eu”: “*Vamos de encontro ao desconhecido, perdemos a ignorância (ou a certeza, em termos do velho mundo), o prejuízo (ou o princípio) e a intolerância (ou os nossos velhos valores)*” (p. 60).

Dito de um modo socionômico, as relações entre grupos podem levar a categorizações que os mitifiquem, ou podem permitir a percepção e expressão de cada diferença e singularidade; e, conseqüentemente, a prevalência do ineditismo da relação télica (i.e., recíproca em suas percepções intersubjetivas). A concepção de Moscovici (1991) sobre a relação entre majorias e minorias sociais, sua proposta de conversão das primeiras às últimas pode se associar ao projeto socionômico de Moreno (1993b), entendendo que o pertencimento ao novo lugar demanda a “conversão”, a transformação das relações transferenciais, em télicas. Tal proposição se funda na proposta moreniana de recriação dos papéis e das conservas culturais. As interações entre pessoas e grupos vão além dos acordos comportamentais de tolerância: trata de transformações conjuntas – tanto no plano da subjetivação, como no espaço intersubjetivo, tal processo será aqui denominado de “*convergência afetivo-relacional*”.

Este enfoque, entendido a partir da posição minoritária de grupos, é de grande interesse na presente pesquisa, justificando-se, *a priori*, na condição minoritária do migrante. Mesmo neste estudo – em que a cidade-destino é a multiculturalizada cidade de Brasília, habitada essencialmente por migrantes dos diversos estados do Brasil, a condição de pertença social assume o sentido de minoria, ainda que sem a referência a uma maioria absoluta de brasilienses, mas referendada na perda da condição anterior de maioria, quando os sujeitos habitavam sua cidade natal.

Husserl (citado por Santos, 1996), discutindo sobre a memória do migrante, argumenta que, embora a noção de residência do migrante não se esvaia, é como se sua memória se tornasse inútil; e é o afastamento da memória coletiva que torna a cultura do deslocamento desagregadora e anômica. Por outro lado, é a co-construção do novo espaço – quando a reinserção social se torna mais ativa e consciente e mais vinculada à descoberta do que à experiência prévia – que permite a superação de sentimentos como estranhamento, desterritorialização e alienação. *“A força desse movimento vem do fato de que, enquanto a memória é coletiva, o esquecimento e a conseqüente (re)descoberta são individuais, diferenciados, enriquecendo as relações interpessoais, a ação comunicativa”* (Santos, 1996, p. 264). Subjazem a tais colocações, questões de diferenciação individual e de vinculação sócio-afetiva, evidenciando a importância de um contexto interativo para a maximização da percepção e da compreensão dos processos vinculares em escalas qualitativamente diferenciadas, abrangendo a diferenciação do contexto grupal (familiar) enquanto sujeito/protagonista nestes processos.

Neste sentido também, Santos (1996) sustenta que o migrante

(...) é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um aprendizado e a uma nova formulação (...). Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história (p. 264).

No contexto da reterritorialização, Santos (1996) segue pontuando que, quando a reunião entre pessoas se dá “pelo” território, a solidariedade advém da organização e, quando se dá “como” território, a organização advém da solidariedade. Em outras palavras, quando o lugar em si é a referência de pertença social, são necessárias ações de organização social para que emerja o senso de solidariedade, de unidade. No escopo da presente pesquisa, o

senso de unidade se deu a partir das ações da família nos processos de construção da *família*.

O autor lembra também que, quando se encara a própria relação como referência, “a solidariedade compartilhada” fornece a inspiração para as ações pró-organização social. Pode-se concluir que não é a *contigüidade espacial*, mas a *contigüidade relacional* que “(...) *funda a escala do cotidiano e seus parâmetros de co-presença, vizinhança, intimidade, emoção, cooperação e socialização*” (Santos, 1996, p. 272).

3. Categoria Afetividade

Conforme Nery (2003) preconiza:

(...) **os vínculos** que estabelecemos nos despertam para a experiência **emocional** neles contida. É essa experiência que lhe dá autenticidade e o aquecimento para a sua efetivação. (...) a **afetividade** pode elucidar as motivações e o sentido do desempenho dos nossos diversos papéis. (...) além do aprendizado dos papéis, o aprendizado **emocional** nos vínculos ajudará a nos compreendermos e a liberar nossos potenciais criativos. (...) a **afetividade** (...) é interiorizada e expressa na vivência dos **vínculos** (pp. 18-19, grifos meus).

“Emoção” e “Afetividade” são aspectos fundamentais nas vinculações, mas há uma distinção fundamental entre ambas. O termo “emoção” relaciona-se ao “ato de mover” enquanto uma “*reação intensa e breve do organismo (...) advinda de situações diversas e que se manifesta como alegria, tristeza, raiva, etc.*” (Ferreira, 1999, p. 737). O termo “afetividade” indica “*afeição por alguém*” (Ferreira, 1999, p. 62), sugerindo que todo ser humano é *afetado* pelo outro. A “emoção” designa, então, o campo do indivíduo, da subjetividade, dizendo respeito às suas reações corporais, enquanto a “afetividade” caracteriza o campo intersubjetivo, o “corpo social”.

Assim sendo, as questões da afetividade precisam ser tratadas no campo interpessoal – não como um elemento apenas da pessoa, mas da relação – pois, representam um mediador na constituição da subjetividade e da intersubjetividade (González-Rey, 2000; Neubern, 2000; Pichon-Rivière, 2000; Sawaia, 1999), e, como tal, se expressam como uma dinâmica dialeticamente constitutiva destes espaços, sendo, também, constituído por eles (González-Rey, 2000).

A *afetividade* neste estudo foi entendida a partir da condição sócio-cultural de seus sujeitos, a saber, famílias migrantes, tomando-a não no sentido de um estado emocional, mas de um processo que acompanhou as mudanças geradas na constituição da família na história de migração, sendo reconstituída na dramaticidade dessa história. Então, se considera a afetividade como categoria de análise que indica os processos de constituição da família, enquanto estes processos indicam, por sua vez, a afetividade própria do grupo familiar.

À unidade mais simples de afeto, Moreno (1993a) denominou “tele”, a qual se manifesta na vincularidade interpessoal, possibilitando a exposição dos primeiros critérios sociométricos, isto é, das motivações que levam as pessoas a se atraírem ou a se rejeitarem. Nery (2003) lembra que “(...) *tele é um fator psicossocial responsável pela formação dos vínculos e promotor da co-criação, ou seja, da produtividade relacional e da liberação ou da viabilização do encontro da nossa espontaneidade-criatividade com a das pessoas envolvidas no vínculo*” (p. 22). Já “(...) *a transferência é um fenômeno que tem origem em nosso mundo interior, (...) implica transposição de conteúdos do mundo interno para o externo*” (p. 22). A tele é, portanto, o princípio da construção de uma relação afetivo-amorosa, demandando, minimamente, uma *convergência interpessoal*, um *voltar-se um para o outro*, uma exposição honesta, clara dos critérios de escolha entre as pessoas. Desta forma, o encontro télico visa não só à expressão e percepção autênticas dos conteúdos afetivos, mas à sua transformação. A convergência interpessoal se estabelece a partir do confronto das respostas emocionais individuais dirigidas ao outro, ato que mobiliza tanto *ambivalências* como transformações ao nível da experiência pessoal emocional.

De fato, na dinâmica de ação proposta por Moreno “(...) *o desempenho dos papéis (...)* é (...) *determinado pelas necessidades*” (emocionais) e por intermédio “*modificamos tanto o*

contexto (afetivo) como a nós mesmos (as nossas emoções)” (Nery, 2003, p. 19). Isto implica que o projeto moreniano articula, pela ação dramática, as dimensões intra e inter psíquicas.

Além disso, o aprendizado se expressa na própria atitude frente à ampliação do campo da *convergência afetiva*, possibilitando a consideração de mais de dois atores envolvidos. Em geral, a afetividade vivenciada em família envolve três ou mais pessoas, transcendendo à relação diádica, à relação *eu-tu* (Buber, 1995; Moreno, 1993a), e assumindo um sentido de *nós*; caracterizada, pois, como afetividade circular ou *circularidade afetiva*, tipicamente grupal.

Para explicar as etapas de construção da afetividade grupal, Moreno (1993a) utilizou o conceito de Matriz de Identidade. No início, o bebê e sua mãe formam “um todo inseparável” (Moreno, 1993a). De um modo mais amplo, o conceito refere-se à “(...) *placenta social da criança, o locus em que mergulha suas raízes (...) (e que) proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia*” (Moreno, 1993a, p. 114). Isto quer dizer que o bebê faz parte de uma comunidade afetiva – da qual, geralmente, a mãe é a sua representante maior – mas não consegue distinguir e diferenciar seus elementos, tomando-o como um todo indiferenciado. A partir daí “o espaço psicológico do bebê” vai se diferenciando pelas percepções de sua experiência de pertencer a um universo afetivo bem mais diversificado e rico do que aquele que a sua mãe, isolada, poderia lhe transmitir. A matriz de identidade indica ao sujeito um conjunto de movimentos interpessoais que definem tanto a sua própria identidade como a dos grupos e os vínculos envolvidos. Destes movimentos originais derivam-se modalidades específicas de vinculação afetiva, vivenciadas nas mesmas dimensões, e, é na vivência dos vínculos, que a “(...) *afetividade (...) é interiorizada e expressa (...) tanto nas fases estruturadoras de nossa personalidade como em nossas experiências atuais*” (Nery, 2003, p. 19). Neste ambiente também, se expressa a dinâmica *pertencer x se diferenciar*, implicando na capacidade de distinguir esferas interpessoais com as quais a pessoa está envolvida; depreende-se que:

a teoria da Matriz de identidade, proposta pelo modelo sacionômico (...) expressa os processos de subjetivação e vinculação (...) indicando a constituição e dinâmica dos lugares próprios e dos campos vinculares e evidenciando as transformações ocorridas ao longo destes processos.

Pertencer a um campo vincular e diferenciar-se do mesmo são, portanto, interfaces do desenvolvimento humano, resgatando-se desta perspectiva, o caráter simbólico e histórico que definem estados e processos neste campo (Oliveira, 2004, p. 227).

A resolução do paradoxo *pertencer x se diferenciar* depende, inicialmente, das dinâmicas de convergência afetiva, promovidas pelo fator tele, e que põe em contato as primeiras escolhas sociométricas, transformando-as, bem como às pessoas envolvidas e às suas relações.

Na relação *eu-tu*, têm-se por referência que *eu* é a pessoa que interage e, *tu*, a pessoa com quem se interage, e, para se entender melhor a condição relacional/grupal, pode-se representar um terceiro elemento, a saber, *e/e* (a respeito de quem se fala) – alguém qualificado por designações originárias de conservas culturais e não a partir de qualidades reveladas na reciprocidade do encontro *eu-tu*. O encontro implica em um processo de convergência afetiva do ele ao tu, em que a relação supere a condição normativa e ganhe singularidade subjetiva (que por sua vez, implica na experiência de se diferenciar como pessoa) e intersubjetiva (que implica na experiência de se pertencer a outra pessoa ou grupo).

Quanto à convergência afetiva na relação grupal, pode-se representá-la em três situações: 1) uma situação em que não há convergência relacional e as pessoas em contato se designam, mas não se percebem intersubjetivamente; 2) uma situação em que a convergência relacional é diádica, envolvendo duas pessoas; 3) uma situação em que uma terceira pessoa entra em contato com a díade da situação dois, estabelecendo convergência relacional com uma das pessoas da díade, mas não se vinculando ao outro par da díade original. A última trata de uma triangulação, uma condição relacional conflituosa (Moreno, 1992b). Por fim, pode-se estabelecer uma situação de convergência em todos os níveis, na qual a tele grupal configura-se como uma relação do tipo *nós*, aquecida e dirigida em sua dinamicidade por uma afetividade circular que contextualiza a convivência do grupo (Oliveira, 2004) que no contexto familiar, revela-se enquanto sentimento de “ser família” (*familidade*). As diferenciações nível a nível implicam em se perceber e se implicar em processos de reciprocidade e singularidade de cada uma das vinculações em jogo, iniciados pelos processos de convergência afetiva

interpessoal. Em outras palavras, a pertença interpessoal se expande (de díades, a tríades, a cadeias circulares de tamanhos diversos) pela reciprocidade *eu-tu*; a qual, por sua vez, permite a percepção da singularidade do *eu*, do *tu*, da relação e das diversas configurações grupais às quais se pertence.

Moreno (1992b) estabelece que as *conservas culturais* são a cristalização de elementos relacionais, sociais, os quais são dinâmicos, mutantes, em constante expressão de vida. A base deste processo transformacional está na força de dois fatores, a saber, a *espontaneidade* e a *criatividade*, ou seja, a liberdade de escolha e a possibilidade de transformar o que a cultura designou. Essa transformação começa na própria relação que mantém a situação conservada, quando posta em convergência télico-relacional. Moreno (1992b) apresenta a escolha sociométrica como base na dinamicidade da vida intersubjetiva, trabalhando, telicamente, as possibilidades de escolha, a saber: a atração, a rejeição, a indiferença ou ambivalência.

A dinâmica-base que suscita as convergências afetivas é a do *pertencer x diferenciar*, que, segundo Moreno (1992b), implica em forças combinatórias, à medida que se pertence a um determinado grupo, se estabelece também uma diferenciação como pessoa ou como grupo, e vice-versa. A paralisação do processo dá-se quando há cristalização do estado de diferenciação atual (do *eu*, da díade ou do grupo) resistindo-se a novas convergências intersubjetivas. No caso da família, como se indicou, há diversos níveis de intersubjetividade *eu-tu*, ou seja, vários níveis de convergência nos quais, segundo Moreno (1992b), atuariam em conjunto a espontaneidade e a criatividade que se combinariam em novas diferenciações e novos pertencimentos, ou seja, novos espaços e novos processos relacionais.

Na trama familiar, a protagonização dos indivíduos se associa a de outros subgrupos dentro do conjunto familiar (como o casal), bem como a da família como um todo. No caso da família migrante, entende-se ainda que as tensões se associem aos processos interativos com o social mais amplo: à *placenta social da família*.

A experiência da família migrante implica no desenraizamento e reenraizamento sociais, uma nova inserção em uma *nova placenta social*, um novo *locus* “em que mergulha suas raízes” (Moreno, 1993a, p. 114). Há, pois, um processo de rematrização dos pertencimentos e das diferenciações relacionais pela qual o migrante passa, implicando em

uma nova identidade como pessoa, ou, no caso desta pesquisa, uma nova identidade de família.

Como se vê, trata-se de um processo “sofrido”, referido por Zerka Moreno e cols. (2001) que discorrem sobre a proposta psicodramática como uma proposta de agonizar, no sentido mesmo que sugere a origem da palavra “protagonista” (*protos* quer dizer “primeiro” e *agon* significa “agonizar”). Zerka declara:

A palavra ‘protagonista’ também pode significar ‘o primeiro a agonizar’. Uma vez que Moreno pinçou essa palavra do teatro grego, podemos pressupor que ele queria dizer implicitamente que o protagonista no psicodrama também está passando por uma viagem (...) caracterizada pela humilhação, pela vergonha e pela morte, numa terra de horror e medo; ele enfrenta sozinho uma situação de perigo. É um encontro solitário com a morte (...) no sentido de a vida não pode continuar dessa forma (Z. Moreno & cols., 2001, p. 130, aspas da autora citada).

A afirmação da autora nos faz pensar no drama das famílias migrantes em sua viagem (com tudo que a contextualiza: saudades, despedidas, estranhamentos, surpresas, confirmações), bem como nas dinâmicas da afetividade em torno dos processos de duplo pertencimento (ou seja, de um pertencimento tanto ao lugar de onde se partiu, como àquele onde se está presentemente) e de sua reorganização identitária (i.e., de sua diferenciação social específica como grupo familiar inédito).

No contexto geral dos processos de *famíliação*, diversos autores (Bauman, 2003; Roudinesco, 2003; Singly, 2001) têm indicado pontos de tensão entre processos de individualização e de atenção ao conjunto familiar, contextualizando, assim, o paradoxo *pertencimento-diferenciação*. Bauman (2003), em sua contribuição, irá traduzir o paradoxo enquanto polarização de dinâmicas coercitivas e emancipatórias, em que se vivencia a tensão entre estar limitado ao contexto de pertença (mas com a segurança decorrente), ou livre e autônomo (mas com a insegurança decorrente).

Segundo esta perspectiva, a Socionomia assume um projeto de emancipação do homem, utilizando, especialmente, a identificação deste com a figura do protagonista enquanto expressão de liberdade e autenticidade. Aqui, no entanto, Zerka Moreno e cols. (2001), retomando a discussão sobre a protagonização do ator, sugerem limites da própria dramatização aos desejos ou instintos do ator: das formas de “(...) *administrar seus instintos e limites, e suas relações com os deuses*” (p. 129). As tensões, pois, se dão também entre as dinâmicas coercitivas, limitadoras, de um lado, e emancipatórias, de outro.

Contribuindo com esta discussão, Moreno (na 4ª Conferência *Las Bases de Psicoterapia Grupal*, citada por Fox, 2002) discute o desejo emancipatório do Homem, fazendo uma analogia a partir de uma vivência da criança na primeira fase da Matriz de Identidade, quando ela se coloca inteira em cada um de seus atos e manifesta um impulso básico que a domina, ao qual Moreno denomina de “fome de atos”, que é um impulso à transformação (Moreno, 1993a). Na citada Conferência, Moreno declara que a sensação de “Paraíso Perdido” transforma-se na busca da “Terra Prometida” (Bauman, 2003), ou seja, a fome de transformação levando a uma reedição da vivência fusional de totalização do primeiro universo infantil (Menegazzo & cols., 1995). Esta afirmação se coloca como uma atualização bastante precisa na vivência de famílias (enquanto núcleo, entidade e identidade) em sua experiência de migração, ainda mais quando se consideram as tendências totalizantes da versão pós-moderna de busca da “Aldeia Global” enquanto “Terra Prometida” (Bauman, 2003). Estas reflexões podem revelar afetividade e motivações paradoxais de famílias em suas experiências de migração, ressaltando-se o fato de que as novas noções de territorialidade (não só geográfica, mas social), no cenário pós-moderno, desafiam a transculturalidade, os processos vinculares e os significados de pertencimento e diferenciação dentro de uma compreensão emergente de Homem, de Sociedade e de Família.

Tais pressupostos subsidiam a presente pesquisa na decisão por uma análise intrafamiliar em contexto interativo (e, portanto, em contexto interfamiliar também) em que se espera perceber as tensões e suas resoluções em famílias migrantes, tomadas como protagonistas, bem como a emergência de seus modos específicos de vivenciar o sentimento de família (*familidade*) e a circulação de seus afetos no grupo familiar (*circularidade afetiva*) em suas histórias dramáticas de migração, revividas pelo método Sociodramático de pesquisa.

A concepção sociométrica de Moreno (1992b, 1994a, 1994b) permite perceber as instâncias relacionais e sociais que agregam pessoas e grupos, partindo-se de suas relações diádicas em direção ao conjunto da Humanidade. Entre cada uma dessas instâncias há um processo de inclusão, de entrega e recebimento afetivo, de convergência afetiva, de identificação e elaboração formal da identidade em jogo.

Neste estudo se propõe a aplicar estas idéias à família migrante, indicando sua necessidade de acolhimento social que possibilite a revitalização dos processos de construção da identidade familiar. Isto quer dizer que *ser família* passa por redefinições associadas a processos intra e extragrupais.

Assim, enquanto grupo de pertença de seus integrantes (juntamente com a vivência de seu pertencimento ao contexto social mais amplo) a família migrante está em franco processo de transição, de transformação, em que a redefinição do pertencimento (intra e extrafamiliares) pode implicar (ou não) em uma adoção social, recíproca (ou não), por parte da família ao novo lugar de pertença. Desta forma, os processos constitutivos da afetividade implicam em vivências dramáticas, de tensão, entre *pertencer* ou *não pertencer*, entre ter ou não *reciprocidade* no acolhimento ao novo lugar.

Além das questões conflitivas e ambivalentes esperadas nas experiências de migração, a relação familiar traz suas próprias condições de tensão relacional. Em distintos contextos sociais (Bruschini & Sorj, 1994; Bucher, 1986; Charlot, 1979; Jablonski, 1996; Monteiro, 2002) as relações intergênero (*homem-mulher*) e, pela perspectiva do desenvolvimento humano, as relações interfases (*adulto-criança*) encontram grandes desafios nas suas expressões de convergência afetiva.

Assim, na família nuclear tradicional, pode-se pensar em diversos níveis tencionais, nos quais o papel da família passou a ser a provisão de um espaço de protagonização para cada um de seus componentes – em particular hoje, com o reforço nas dinâmicas de busca de independência por parte dos seus membros (Singly, 2001). Pode-se dizer que a necessidade de recursos materiais que as grandes famílias do passado tinham para criar seus muitos filhos, é vista hoje como a necessidade de recursos afetivos que as famílias contemporâneas encontram para lidar com vários protagonistas em uma casa só.

É dentro deste parâmetro que, a análise Socionômica permite dizer que, em uma família de quatro membros, por exemplo, há tantos protagonistas quanto forem os seus integrantes, mais os subgrupos que nela tenham emergido, mais o próprio grupo familiar. Em uma família de três membros (o casal e um filho) são, portanto, no mínimo, cinco protagonistas, a saber, cada um dos três membros, a parceria conjugal, e o conjunto familiar (além das díades entre pais e filhos e entre irmãos).

Assim, na dinâmica familiar vão se expressando modos variados de vinculação, além dos papéis típicos esperados. Além disso, na prática, não é simplesmente a quantidade de pessoas que dificulta a circularidade afetiva, a *familidade*. Há diversos pontos tensos na vivência afetiva do grupo familiar.

A relação entre os gêneros tem sido considerada uma relação historicamente competitiva, em que as próprias designações culturais dos papéis em jogo dificultam a reciprocidade e complementaridade entre homem e mulher, especialmente no contexto do casamento, em que ambos recebem legados diferentes, ainda que relacionados, tendo visões diferentes do casamento, da vida familiar, da separação, etc. O resultado desse processo se mostra como um reforço ainda maior das construções designativas, instituídas, culturalmente conservadas, em outras palavras, mitos do *ser homem* e do *ser mulher* (Beauvoir, 1949; Monteiro, 2002; Vitale, 1997).

Dias (1994) lembra também que uma relação conjugal pode estar pautada em vínculos compensatórios, nos quais – dentro do modelo tradicional das formas típicas do amor familiar – o casal estaria buscando compensações no vínculo conjugal considerado, por exemplo, a partir de demandas do *ser filho* e não de *ser casal* (buscando-se compensações pessoais de cuidado, proteção, etc.) – o que, neste caso, seria também uma relação transferencial, que Moreno (1993a) define como a patologia da tele, em que os conteúdos afetivos interpessoais são marcados por afetos fora da relação em pauta.

Da mesma forma, o *ser criança* e o *ser adulto* têm sido tomados como mitos quando se busca definir a natureza do *ser* em desenvolvimento e de suas relações. Isto se reflete na relação *adulto-criança*, que assume paradoxos a partir da própria representação da infância (como: completo-incompleto, puro-impuro, perfeito-imperfeito) (Charlot, 1979).

Para Karpel e Strauss (citados por Zerka Moreno, 1992) um aspecto significativo do grupo familiar “(...) *é sua estrutura de papel – ou seja, os papéis que são designados e assumidos pelos indivíduos na família e as relações entre eles ou os papéis*” (p. 89), não o papel funcional (de pai, mãe, etc.), mas as apresentações do *self* assumidas em situações profissionais ou sociais.

Zerka Moreno (1992) considera também que os papéis assumidos em família são mais permanentes, menos flexíveis e menos conscientes, ou seja, são mais sujeitos a serem conservados e mitificados. Desta forma, “*os papéis e a interação muitas vezes tornam-se fixos e enredam os membros de uma família de tal forma que necessitam de ajuda externa*” (p. 97). Neste sentido, na família nuclear tradicional, somam-se às tensões inter-gênero (homem-mulher) e inter-fases (adulto-criança), a condição destes integrantes em papéis específicos (*mãe, pai, filho, irmão e casal*) designados culturalmente ao contexto familiar das relações inter-papéis.

Uma das formas pelas quais os papéis se fixam é a elaboração de estereótipos (Goffman, 1988). Enquanto designação cultural, estes podem ser definidos como um “lugar-comum”, compactado e, como tal, não vão refletir/revelar a singularidade do ser, nem da relação. Moreno (1992b) enfatiza a importância do desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade, como necessário à superação dos estereótipos em todas as dimensões das relações humanas e à integração dos homens entre si. As criações mais espontâneas podem vir a ser compactadas e mantidas como “conserva cultural”, no entanto, um novo ato espontâneo-criador pode vir a ser dirigido a este acervo, recriando-o, e depositando-o novamente na cultura, num *continuum* de transformações sociais e culturais. Assim, os próprios papéis sociais necessitam ser recriados, especialmente os papéis familiares, em que os lugares socialmente dados ao pai, à mãe, ao filho, etc. se tornam facilmente estereotipados.

Outro aspecto, é que as interações humanas podem se expressar como relações assimétricas ou simétricas, de acordo com a força relativa dos papéis em jogo (Watzlawick & cols., 1993), do qual se extraem as questões de poder e afetividade. A acepção do que foi dito, Nery (2003) lembra que “(...) **afetividade e poder se influenciam e se dinamizam**” (p. 27, grifos meus) e que tal condição tem expressão crítica no que diz respeito ao usufruto do poder próprio para a autoconstrução, isto é, para que se possa assumir como protagonista da própria

história. A autora considera que, sem esta aplicação do poder, o homem se restringe à automação de sua existência. É dentro deste parâmetro que o encontro interpessoal não está limitado às relações simétricas, mas à ocorrência de convergência afetiva entre as pessoas. No entanto, as relações assimétricas representam novas tensões relacionais e implicam em condições diferenciadas na experiência relacional.

No contexto dos papéis familiares, a nossa cultura prevê assimetria para a relação pai-filho e, simetria, para a relação entre casais e entre irmãos. A simetria diz respeito ao fato de a responsabilidade pelo vínculo ser igual para as pessoas da relação, enquanto a assimetria marca de forma desigual a responsabilidade pela relação. As relações assimétricas normalmente reforçam um destaque maior para uma das partes (pai-filho, professor-aluno), enquanto as relações simétricas são normalmente representadas por uma denominação unívoca (ex., amigos, casal, irmãos, etc.). A questão é sobre tal destaque tanto se pode encobrir o *eu* e o *tu* na relação de denominação unívoca, como se pode encobrir o *nós* da relação pai-filho, etc.

A assimetria é maximizada quando as relações formais são preponderantes no átomo social – contexto este comum aos migrantes quando a migração é motivada por busca de novas condições profissionais. Assim, o incremento de relações assimétricas na experiência migrante pode dificultar a experiência de encontro *eu-tu*.

Pensando ainda nos papéis familiares, e tomando-se como exemplo o contexto de paternidade/maternidade e filiação, tem-se a tendência de listar as seguintes relações: *pai-filho*, *mãe-filho* e, ainda, a relação *pai-mãe*, que são parceiros dos cuidados com o filho. O que se observa é que, mesmo se tratando de uma relação simétrica fundamental na dinâmica familiar, parcerias como esta, podem não ser percebidas e expressas, inclusive porque a sua expressão se refere, necessariamente a um contexto de tríade ou de outras cadeias grupais, encontrando dificuldades de se organizarem (pai, mãe e filho) diante da força dos vínculos diádicos.

Assim, resumindo, a conjugação das partes (os membros) no todo do conjunto familiar encontra dificuldades, tais como: a) os mitos familiares, b) a competição intergênero, c) os paradoxos da relação adulto-criança, d) a distribuição irregular de responsabilidades pela relação, em interações assimétricas, e) a rigidez dos papéis sociais, f) a concorrência entre

protagonistas, g) a falta de percepção de relações de parcerias entre indivíduos pareados, reforçadas por nomenclaturas que identificam as partes e não a relação em si, h) a força dos vínculos diádicos em relação a outras configurações possíveis, i) a tendência das expressões de tríades de modo triangulado e não convergido (em que se expressam duas díades, e não três, sem permitir a convergência afetiva em uma relação total de três), j) a concorrência sociométrica de vários membros complementares a um papel específico (ex., filhos e mãe), l) além das dificuldades comuns de convergência afetiva frente a qualquer papel e de circularidade afetiva que possibilita as expressões grupais.

Além disso, Singly (2001) identifica prescrições típicas da contemporaneidade ao grupo familiar e aos seus membros, que despertam uma condição simbólica paradoxal na família, e as respectivas tensões específicas no cotidiano de suas relações: por um lado, o grupo familiar é considerado um agrupamento desejado como espaço do cultivo do *eu*; e, por outro, um agrupamento instável, uma vez que sua duração depende da satisfação de seus membros. Neste contexto, o autor evidencia uma relação ambígua entre o indivíduo e o conjunto familiar, em que caberia ao indivíduo buscar a afirmação de seus desejos individualistas e, à família, cuidar da prevalência de cada um de seus *eus* – tornando-se necessária ao indivíduo, a realização de manobras que favoreçam a sua autonomia, e à família, a adaptação às novas formas interativas.

Neste contexto, Singly (2001) aplica uma distinção entre “autonomia” e “independência”, sendo a primeira definida como o desenvolvimento da autoridade fundada na razão e na vontade, com a qual o indivíduo resgata para si, a responsabilidade sobre o próprio destino, sua protagonização; enquanto a independência é entendida como a construção do indivíduo auto-suficiente, numa atitude excessivamente auto-centrada, possibilitando a existência do indivíduo desconectado, do subjetivo sem o intersubjetivo. Deste modo, a busca da autenticidade pode gerar contradições, pois a sua exacerbação potencializaria a desestabilização relacional, ou seja, na tentativa de regular-se, o indivíduo passaria a se construir pelo desprendimento interior e exterior das formas de vida social.

Acrescenta-se ainda que, a situação migratória em si, desencadeia diversos níveis de tensão sociométrica, além dos níveis comuns encontrados nos relacionamentos em geral. É conveniente aqui distinguir entre dualidade da relação, do vínculo e duplo pertencimento. De

um modo geral, em todos estes casos, está em jogo a dificuldade de limites entre o *eu* e o *outro/tu*, sendo ambos interacionais, diferenciadores, não estando necessariamente em oposição (Bateson citado por Sigelman, 1986).

Quanto aos relacionamentos dualizados e paradoxais, podem ser geradas, no campo sócio-afetivo da migração, relações que se categorizam em *nativos* e *estrangeiros*, e que são vivenciadas, normalmente, por relações de posse, domínio e competição. Estas são consideradas relações mantidas por funções compensatórias (Dias, 1994) e não por convergência sócio-afetiva, isto é, por uma condição transferencial (de conteúdos estranhos à relação em jogo) e não provenientes da reciprocidade télica.

Nesta pesquisa, o conceito de *duplo pertencimento* diz respeito à experiência da pertença social tomada como referência externa. Assim, a condição de se pertencer a dois lugares ou mais não implica em fragmentação do vínculo, mas apenas dos papéis assumidos, e, desta forma, pode promover dificuldade na integração pessoal dos envolvidos a partir da fragilização da experiência de pertencimento múltiplo em que não acontece a devida expansividade dos vínculos em jogo.

Todos estes processos são manifestações esperadas para a família migrante, tendo na circulação dramática de afetos, o centro das caracterizações do ser família, bem como de suas crises e de suas transformações. Moreno (1992b) mostra que os papéis sociais são mantidos na rigidez própria dos códigos sociais (conserva cultural) até o momento em que alguém, tomando-o, o vivencie na interação com o contrapapel, e ambos o recriem segundo um ato espontâneo e criador, que esse encontro lhes possa favorecer. O autor (Moreno, 1993a) denomina *status nascendi* de um papel a sua emergência pela primeira vez (ato fundante), ou quando está sendo preparada uma reedição. Assim, os papéis sociais de *pai, mãe, filho, irmão, casal*, são demarcações de lugar dadas pela cultura (“marcações sócio-culturais”, segundo Oliveira, 2000) e, a partir destas, os atores do palco familiar podem, a partir do “inter-ato”, da *convergência afetiva*, reeditá-los, transformando as relações em pauta.

Segundo esta perspectiva, Bustos (1990) propõe que os papéis familiares inspiram formas de interação que põem em movimento dinâmicas não apenas representadas pelos papéis concretamente desempenhados, mas também por uma posição mais ampla dos membros, pela participação de cada um, no campo familiar. Assim, os papéis se agrupam em

“cachos” (*clusters*) a partir dos papéis típicos de *mãe*, *pai* e *irmão*, tornando-se modelos de afetividade, a saber: 1) o “*cluster* materno” que configura uma dinâmica de recebimento, de dependência; 2) o “*cluster* paterno” que configura uma dinâmica ativa, afirmativa, autônoma; 3) o “*cluster* fraterno” que configura uma dinâmica de compartilhamento, de parceria ou de competição. O citado autor assinala ainda a importância de, primeiro, ser sustentada (*holding*) e depois, ganhar confiança (*grounding*), para que a criança possa estar habilitada a compartilhar (*sharing*).

A capacidade para se relacionar é também discutida por Cardella (1994), a qual enfatiza quatro papéis típicos familiares, avaliados como formas de amor (*filho*, *pai/mãe*, *irmão* e *casal*). Associando suas contribuições às de Bustos (1990), pode-se entender um desenvolvimento da capacidade vincular, expresso nas experiências de ser filho, ser irmão, ser casal e ser pai/mãe, que são também expressões da unidade afetiva circular do grupo familiar. Percebem-se, aqui, diferenciações afetivo-amorosas específicas, que podem ser definidas como: 1) *ser filho* como a condição de se entregar e ser acolhido, 2) *ser irmão* como ser co-partícipe, 3) *ser casal* como a experiência relacional dialética entre diversidade e unidade, e 4) *ser pai ou mãe* como a condição de ser receptor e promovedor de histórias de vidas singulares e complementares (Oliveira, 2004). Estas expressões são diferenciações relacionais e, ao mesmo tempo, modos de pertencimentos. Na dinâmica *pertencimento-diferenciação*, condições afetivas próprias vão encontrando espaço no corpo familiar, a saber: 1) vinculação de filiação, 2) vinculação de mutualidade e 3) vinculação inspiradora de novos pertencimentos (Oliveira, 2004), permitindo a elasticidade dos vínculos e a expansão social.

Os modelos de afetividade e as diferenciações afetivo-amorosas especificadas são aspectos da configuração familiar e permitem não só a definição do sentimento e da identidade de ser família, mas também da pertença social, da expansão de afetos individuais e da sua ampliação como grupo. Neste sentido, Moreno (1992a) declara que, ao discernir o “(...) *padrão de atração, repulsa e indiferença no limite entre indivíduos e grupos*” (p. 173), identificam-se também as configurações sociais – desde o *átomo social* que é a “*menor unidade funcional dentro do grupo social*” (p. 173) até “*um número indefinido de socii*” (p. 173), aos quais as pessoas se relacionam de forma positiva ou negativa. Concluindo, Moreno declara que “*o volume do átomo social expande-se continuamente à medida que crescemos*” (p. 173).

A Socionomia oferece, pois, um modelo de compreensão sobre a afetividade humana que vai além de um conjunto de emoções pessoais, ou mesmo de relações interpessoais entendidas como configurações prontamente definidas. Do mesmo modo, os afetos no contexto familiar se expressam de um modo circular, vinculando os membros enquanto co-protagonistas e co-criadores, transformando tanto os limites subjetivos, como os intersubjetivos que definem as pessoas, o grupo familiar e suas relações intra e extra familiares.

Neste processo, a marca maior do pensamento moreniano se expressa pelo paradoxo *pertencer x se diferenciar*, a partir do qual os protagonistas deste cenário experimentam suas escolhas sociométricas, com as derivadas ambivalências do processo; guiados por fatores como espontaneidade-criatividade e tele-transferência, os papéis e os afetos conservados são enfrentados e transformados, na dramaticidade das vivências dos participantes, que permite a convergência afetiva necessária às transformações nestas dinâmicas. A identidade familiar se expressa enquanto definição de pertença ao próprio grupo (*familidade*) e às relações sociais deste com outros grupos, pelas escolhas sociométricas que circularizam seus afetos e que permitem novas percepções relacionais, expressões pessoais e configurações grupais.

A natureza mediadora e catalisadora da afetividade em processos de integração pessoal e interpessoal, aplicada às tensões e conflitos próprios à experiência de migração em família, a torna a categoria central de análise desta pesquisa, possibilitando a compreensão das transformações afetivas deste grupo de estudo, nas dimensões vinculares aqui ressaltadas.

O que se tem visto é que, há tensões do contexto particular das relações familiares, bem como uma resistência própria à dimensão vincular, no que diz respeito ao ato de entrega relacional, de convergência interpessoal e de vinculação afetiva de um modo geral (Bustos, 1990). Esta resistência se revela na conservação do *eu* em estados de subjetividade e de intersubjetividade iniciais da matriz de identidade, mesmo diante dos papéis concretamente representados no contexto familiar, faltando-lhes espaço de mobilização dos conflitos em contato com a espontaneidade e na busca da co-criação. De tudo isto decorre que o grupo familiar nuclear caracteriza-se tanto por dinâmicas tencionais, como por uma afetividade vincular típica, de continência e de pertencimento – vínculo que tanto pode se “elastecer”,

como se “esgarçar” no confronto experimentado nas dinâmicas interpessoais ou inter-sociais de pertencimento e diferenciação.

Considerando os pressupostos aqui lançados, a categoria *afetividade* emerge como elemento mediacional dos processos relacionais em pauta, uma vez que se optou, na presente pesquisa, por uma condição intergrupala (entre famílias) de análise psicossocial, em que se buscou como foco:

- A circulação da afetividade na família migrante durante o seu processo de saída e ingresso do velho ao novo lugar de pertencimento;
- A reorganização do grupo familiar e do próprio sentimento de ser família (*familidade*);
- As tensões e transformações na redefinição do grupo (na *familidade*) durante a história de migração;
- A re-hierarquização das relações intrafamiliares, instaurando e integrando os significados dos seus velhos e novos conteúdos histórico-afetivos e das suas velhas e novas formas de ser família, estabelecendo novos critérios de pertencimento sócio-afetivo.

Trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa abordando a reorganização afetiva de famílias migrantes a partir da interação sociodramática interfamiliar considerada como espaço de emergência e revelação dos dramas familiares e sociais implicados na migração.

A acepção do que aqui é definido, o grupo familiar e a migração são tomados como contextos a serem caracterizados a partir da afetividade, sendo descritos à medida que a análise da afetividade foi se desenvolvendo, a partir de sua dinâmica de pertencimento-diferenciação proposta pela Socionomia.

Na presente pesquisa, considerou-se o sentimento de família (*familidade*) a partir da inserção relacional dos integrantes da família, na apropriação da circularidade afetiva (um sentido de “nós”), observando-se outros estados de expansividade afetiva circunscritos ao

grupo familiar. O fenômeno da migração foi considerado a partir do processo de reorganização do grupo familiar, tomando-se a condição de família a partir da mútua construção entre os seus processos internos afetivos e a sua história de (re)territorialidade social. Assim, percebeu-se a adoção do modelo dinâmico da Socionomia, estabelecendo-se o olhar integrado de questões interpessoais, interpapéis, intra e intergrupais; bem como a adoção do modelo metodológico do Sociodrama, que integra as dimensões relacionais fundamentais do processo investigativo.

Um *locus* de análise específico foi estabelecido para a investigação da temática, através das orientações sobre momentos, instrumentos, técnicas e outros elementos da estrutura de intervenção e pesquisa proposta por Moreno (1992a). Foram, pois, associados elementos de contexto dramático, grupal e social, e integrados, como um só grupo, pesquisados e pesquisadores em vários níveis relacionais com o objetivo de revelar conteúdos dramáticos vivenciados pelas famílias do estudo (os atores sociais, protagonistas) no drama da migração.

4. Objetivos

O objetivo geral do estudo foi identificar os modos de vinculação entre os membros de famílias migrantes (nordestinos /cearenses de classe média) e destes com o espaço social que ocupam, bem como as possíveis conexões entre estas formas de se vincularem e o processo de construção da *circularidade afetiva* manifesta na expressão de seus dramas de migração, buscando-se, assim, compreender diferenciações e pertencimentos a nível intrafamiliar e social.

Especificamente, a pesquisa visou:

- 1) Identificar a *familidade* enquanto expressão relacional e social que marca a afetividade de famílias migrantes;
- 2) Compreender, através de dinâmicas de pertencimento na migração, aspectos identitários das famílias migrantes estudadas.

- 3) Analisar a relação entre a “afetividade familiar” e o “lugar social” da família migrante.

5. Questões Norteadoras

A questão central da pesquisa foi entender como os modos de vinculação afetiva revelados nas histórias dos dramas relacionais de famílias migrantes participam do processo de (re)construção da própria afetividade, considerada em seu estado de *circularidade afetiva*, pós-migração. Ou seja, em geral, questionou-se: Como se caracteriza a afetividade da família migrante, bem como as dinâmicas interpessoais e sociais nela implicadas? E, que novos significados são atribuídos ao grupo familiar enquanto lugar de pertença após as vivências da migração?

Outras questões foram especificadas, a saber:

1. Quais dinâmicas vinculares estão relacionadas ao desligamento social e à adoção do novo lugar de pertença das famílias migrantes em seu processo de migração? Que processos de transição vincular as famílias atravessam?
2. Quais as dinâmicas afetivas frente ao antigo lugar de pertença? Como as famílias organizam o todo afetivo – antigo e novo lugar de pertença social?
3. Como o desenraizamento e o reenraizamento sociais vivenciados por famílias migrantes afetam os processos de diferenciação e pertencimento intra e extrafamiliares e, inversamente, como tais processos contribuem para as citadas vivências?
4. Quais as relações entre os dramas de pertencimento de uma família migrante, as suas constituições afetivo-vinculares e a constituição social da própria família?
5. Como a *circularidade dos afetos* em famílias migrantes participa da construção de atitudes de inclusão, de noções de pertencimento à família e ao lugar social no qual se

instalaram, bem como de processos de diferenciação de cada parte e do grupo familiar como um todo?

6. Hipóteses

Os estudos sicionômicos visam à preparação de um contexto sociodramático em que os pesquisadores (e todos os outros recursos do cenário em que os pesquisados protagonizaram a sua experiência) se disponibilizem ao pesquisado/protagonista, focando, fenomenologicamente, nos movimentos e nas ações, a fim de encontrar as chaves dramáticas emergentes. Neste contexto, as hipóteses são postas a serviço do processo dramático, ou seja, da busca destas chaves dramáticas (Barberá & Knappe, 1999).

Assim sendo, as hipóteses aqui têm a intenção de delimitar o tema (tal como os objetivos e as questões enumeradas anteriormente) e, não, de serem comprovadas ou refutadas, como seria a meta de uma pesquisa eminentemente empírica. Assim, elas organizam as temáticas do método sociodramático de emergência das ações e de seus sentidos, propiciando a percepção e compreensão de aspectos contextuais e genéticos do processo em estudo.

Desta forma, acreditou-se que uma família com história de migração se reorganizaria através de vivências afetivas circulares intra e intergrupais, as quais a re-significam enquanto grupo de pertença. Assim, a família não seria simplesmente uma “barreira” (Carvalho & Almeida, 2003) aos possíveis choques culturais de seus membros, numa história de migração, mas uma matriz que se transforma e que imprime transformações aos que a compõem, através de dinâmicas específicas, mediante as quais reorganiza suas relações afetivas e culturais. Além disso, os chamados choques culturais expressam um outro nível de tensão na dinâmica de pertencimento e diferenciação afetiva: a da relação família-sociedade, que também se reorganiza num processo de migração.

De uma forma mais minuciosa, as hipóteses deste estudo se dirigiram à desconstrução e reconstrução dos vínculos sócio-familiares e podem ser explanadas da seguinte forma:

- 1) Os recursos conceituais e técnicos da Socionomia podem revelar categorias fundamentais de natureza psicossocial para a dinâmica do grupo familiar;
- 2) A dinâmica *pertencimento-diferenciação* pode se tornar particularmente tensa, conflituosa e ambivalente em famílias migrantes, em que se verificaria a dificuldade de convergência afetiva, de adoção mútua entre família e contexto sócio-cultural, e também da condição de reconhecimento das singularidades (diferenciações) envolvidas (a saber, família e cidade);
- 3) Processos intrafamiliares de dinâmica afetiva circular possibilitam novas formas de ocupar o lugar social e de se definir como família.

Capítulo IV

Metodologia Sociodramática

Precisamos “tratar não somente da multiplicidade empírica do “conhecimento” nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais qualquer corpo de conhecimento chega a ser socialmente estabelecido como realidade”.

Berger & Luckmann

1. Bases Metodológicas da Pesquisa

O lugar social do cientista/pesquisador, ao contrário de se representar pela veracidade de suas proposições (Popper citado por Buzzi, 1992), faz-se pela demonstração e revisão incansável do caminho de suas ações: ações na formulação dos subsídios teóricos que conjuga na clarificação das idéias e ações que sistematizam e evidenciam a experiência humana em questão.

Sabendo ainda, que o fazer pesquisa se dá no contexto do que podem revelar as ações do pesquisado, entende-se o valor da co-participação dos atores da atividade científica. No campo das “interações” entre pesquisador e pesquisado se estabelece a discussão sobre a metodologia adotada na pesquisa aqui relatada.

A influência do pensamento fenomenológico (Holanda, 2001) vem imprimindo à pesquisa com o ser humano, conotações não só qualitativas, como clínicas, ressaltando a importância das diferenças, das particularidades, da contextualização e das implicações da relação pesquisador-pesquisado no recorte do dado, considerando-se que o conhecimento do outro é possível de ser acessado apenas no compartilhamento.

Romaña (citada por Guimarães, 2006) discute que a aquisição intelectual de conceitos, valores e funções simbólicas está integrada à intuição sensível e emocional, e não a mecanismos lógico-formais propagados por métodos explicativo-causais. O lugar do pesquisador, portanto, é um lugar de co-criação e, sendo assim, a sua relação com o campo da pesquisa – o que inclui os pesquisandos, suas interações, suas vivências – é fator crítico na fundamentação teórica, na proposição metodológica, e ainda na realização prática da pesquisa.

Turato (2003) caracteriza a pesquisa clínico-qualitativa como uma pesquisa preocupada tanto com o processo da investigação, como com as significações que possam ser descritas a partir do mesmo. Assim, as ações e interações empreendidas no próprio processo investigativo e também no processo vivenciado pelos sujeitos estudados, são igualmente enfatizadas. Tal concepção tem conduzido a diversas propostas metodológicas na construção científica do homem. A pesquisa-ação, por exemplo,

segundo Turato (2003), estabelece uma estreita colaboração entre estes e o pesquisador, privilegiando a interação, a sensibilidade e a implicação humanas no processo de co-criação do conhecimento, adotando-se a noção de escuta sensível e empática à vivência afetiva e cognitiva do outro (Barbier, 2002). Assim, baseando-se na relação de diálogo entre os saberes científico e popular, na produção do conhecimento, a pesquisa-ação permite a busca de solução de problemas coletivos, no qual pesquisador e pesquisados se tornam co-participantes no processo, com todos os elementos que o envolvem.

A participação do pesquisador na pesquisa tanto é enfatizada na pesquisa-ação, como na “pesquisa participante” (Demo, 2004). Segundo Turato (2003), a primeira *requer uma ação social ou educacional, em que “(...) os aspectos sócio-políticos são mais pertinentes (...)”* (p. 295) que na pesquisa participante, cuja ênfase, por sua vez, encontra-se no “(...) enfoque psicológico das relações interpessoais (...)” (p. 295).

Na presente pesquisa, ressalta-se uma combinação de forças interacionais, isto é, dos aspectos interpsicológicos (da pesquisa participante) e dos sócio-culturais (da pesquisa-ação). A escolha do modelo metodológico respaldou-se na natureza do objeto em estudo, a saber, as transformações das condições específicas de *pertencimento-diferenciação* na dimensão micro do núcleo familiar e na pertença social ampliada, com as quais os sujeitos da pesquisa (as famílias migrantes) interagiram afetiva, social e culturalmente.

Especificamente, as questões teórico-conceituais que circulam em torno da problematização do tema são a (re)organização e o (re)enraizamento de famílias migrantes enquanto processos mediados pela afetividade, estando esta referendada nas dinâmicas de pertencimento-diferenciação relacional, caráter inter-psicológico do objeto de estudo. Tais dinâmicas são movimentos irreduzíveis e, por isso, precisam ser investigadas em contexto dinâmico e dialético. Além disso, as significações a serem descritas devem apontar os aspectos emancipatórios, de reintegração social dos sujeitos em estudo (caráter sócio-cultural do objeto de estudo). Assim, o olhar adotado neste estudo ressalta tanto o significado sócio-cultural e clínico da ação do pesquisador, como o das interações deste com o seu campo de pesquisa (pesquisandos e objeto de estudo).

A presente pesquisa organizou-se como um estudo de caso, com orientação clínico-qualitativa com destaque em questões sócio-culturais, elementos estes que encontraram ressonância no modelo sociodramático de Moreno (1992b, 1994a, 1994b).

Neubern (2000) lembra que a Socionomia de Jacob Levy Moreno coloca a “psique em ação”, na dimensão teórica dos conceitos e princípios relacionais apontados pelo autor, e na dimensão interventiva da Sociodinâmica, favorecendo, concomitantemente, a compreensão da complexidade subjetiva nas relações e delineando uma dimensão dialética nestas relações – em que aspectos de unidade e de diversidade não se anulam. Desta forma, a proposta moreniana representa uma força no trato dos

fenômenos psicossociais, pautada em uma concepção e em uma forma interventiva de mesma natureza (Monteiro & cols., 2006). Assim, interessa ao estudo aqui relatado, entender os limites e alcances do modelo científico e metodológico encontrado em Moreno, em relação à co-participação entre pesquisador e pesquisando, e à natureza emancipatória do processo investigativo.

Segundo Nery, Costa e Conceição (2006), a Socionomia reúne uma proposta de avaliação, compreensão e tratamento das relações humanas. Além disso, o modelo moreniano evidencia a pesquisa métrica, de ação e de grupos. A primeira se revela na proposta sociométrica em que Moreno (1993b) assume que o *qualitativo* está contido no *quantitativo* “(...) *como uma unidade* (...)” (p. 33). Nesta perspectiva, compreender, avaliar e tratar são ações complementares, inseparáveis na pesquisa sacionômica, sendo o aspecto social, o fator mediacional, revelado tanto na concepção de ação (Sociodinâmica), como na concepção métrica da proposta Sociométrica.

É a emergência de um espaço de complementaridade relacional que favorece a transformação e revitalização do pertencimento nas relações, bem como da sua percepção e do modo de significá-lo. Isto quer dizer que o contexto dramático/ relacional, no compartilhamento de histórias de vida, potencializa a sua revelação.

Há duas dinâmicas principais criadas por Moreno para expressão das relações: 1) o Psicodrama, em que a pessoa, individualmente, emerge e se assume como protagonista frente às relações expressas na presença de um grupo ou apenas do(s) psicodramatista(s); e 2) o Sociodrama, em que um grupo específico, em seu conjunto, é o protagonista. Foi no processo mesmo de sua busca por um projeto de intervenção eminentemente social que Moreno (1993a) teve a seguinte percepção:

(...) um limite até onde o método psicodramático pode ir na busca de fatos e na resolução de conflitos interpessoais. As causas coletivas não podem ser tratadas, exceto em sua forma subjetivada. (...) Era necessária uma forma especial de psicodrama que projetasse o seu foco sobre os fatores coletivos. Assim foi que nasceu o sociodrama (pp. 412-413).

Como fenômeno grupal, a família não pode ser isolada de seus contextos sociais, nem de suas interações intragrupais, e todas estas dimensões precisam ser evidenciadas nos procedimentos metodológicos de pesquisa. Barbosa (2003) lembra que o trabalho terapêutico com famílias tem sido considerado uma nova concepção epistemológica e metodológica por lidar com mudanças intersíquicas de forma relacional e contextual. Segundo esta autora, a visão do terapeuta ao se confrontar com a família, nestas condições, é alterada tanto porque a família está posta em movimento terapêutico, como porque o terapeuta é parte ativa nesse processo, favorecendo o desenvolvimento de uma metodologia de

pesquisa, em que os acontecimentos são compreendidos em relação aos seus contextos, e o conhecimento emerge como espaço consensual de intersubjetividade.

Particularmente, o Sociodrama tem alcançado, enquanto ferramenta de investigação de grupos, uma importância crescente no plano da pesquisa social (Monteiro & cols., 2006). Moreno (1992b) já havia sugerido que “(...) o sociodrama tem sido definido como método profundo de ação que trata de relações intergrupais e de ideologias coletivas” (p. 188), sendo útil na pesquisa de grupos com histórias de vida comuns, especialmente, ao estudo de situações cotidianas, em relações de pares, organizações ou comunidades (Nery & cols, 2006). A ênfase no grupo implica no enfoque nos papéis sociais e culturais dos quais os membros da mesma cultura compartilham.

É fundamental, em todos os momentos da pesquisa de grupo “(...) manter-se sintonizado com o processo, e não ser aprisionado no conteúdo que as pessoas apresentam” (Howells citado por Holmes & Karpe, 1992, p. 99). Deste modo, o foco do compartilhamento final entre todo o grupo deve ser sobre o que foi vivenciado dramática e coletivamente. Desta forma, pesquisadores e pesquisandos estabeleceram condições inteligíveis de percepções e compreensões e de geraram dados consensuais para a pesquisa.

Segundo Romaña (citada por Guimarães, 2006), o papel do pesquisador sociodramatista configura-se ao se colocar em cena o desempenho do papel social cristalizado (do pesquisador, no caso), articulado ao papel de psicossociodramatista e, então, integrá-los. Assim, esperar-se-ia do papel convencional de “pesquisador” apenas a proposição de um contexto discursivo ou comportamental que conduzisse ao dado que desejaria acessar. Já para o pesquisador sociodramático, faz-se mister um espaço que lhe permita mobilizar dramaticamente a ação dos envolvidos. Ou seja, para Moreno, a ação dos indivíduos (suas causas e efeitos) não está relacionada diretamente ao ambiente físico/material, mas ao contexto interpessoal em jogo. Igualmente, as ações do pesquisador e do pesquisando transcendem a dimensão pontual (como: entrevistar e ser entrevistado, registrar e narrar, observar e manifestar comportamentos, etc.), pois se trata de ações que posicionam os participantes em suas relações e, a partir destas, se estabelecem os significados daquelas.

Para Moreno (1993b), só é possível investigar pessoas e grupos em contexto interativo, com o átomo social em ação, em plena manifestação de sua espontaneidade e criatividade. Igualmente, a competência e a consciência, tanto grupal, como individual, sobre suas escolhas e suas mudanças, emergem da complementaridade relacional.

A criação do Teatro da Espontaneidade (Moreno, 1984) visou à produção espontânea do drama, através da aproximação das figuras do “ator-protagonista” (que toma sobre si o papel, atua) e do “dramaturgo” (que descreve as ações e indica os papéis a serem assumidos pelos atores). Mais tarde, através do Teatro Terapêutico, Moreno (1993b) aproximou as figuras do “espectador” (aquele que observa, assiste a cena) e do “ator” (que são todos os que atuam na cena), revitalizando o drama em sua

potencialidade interpessoal. Tais espaços, criados por Moreno para a expressão da ação de protagonistas, permitiram unir a atuação (dos atores), a observação (dos espectadores), a descrição dos papéis (do dramaturgo) e a direção da cena (do diretor) – complementam-se todos, no mesmo palco.

A Socionomia estabelece então o encontro no cenário da investigação social entre aquele que traz sua representação dramática (o pesquisando) e aquele que tem a função não só de observar e registrar esta representação, mas de mobilizá-la, interagindo com o protagonista (o pesquisador). Em outras palavras, cabe ao psicodramatista pesquisador abrir canais de espontaneidade e facilitar a sua fluência na movimentação do grupo, possibilitando o compartilhamento das percepções e a compreensão da realidade em que estão inseridos. Como modelo de pesquisa, o projeto moreniano implica na promoção de espaço para o encontro e a co-criação entre pesquisadores e pesquisandos, comprometendo suas ações num processo de transformação interpessoal permanente, em que não há observadores de ações individuais, e sim, “inter-atores”, cujos papéis são desempenhados a partir de sua natureza complementar.

Deste modo, “a ação”, nesta proposta metodológica, é entendida como ato dramático, co-atuação, em que os atos são concebidos como acontecimentos que incluem a vontade humana e as relações humanas. Menegazzo e cols. (1995) lembram que, para Moreno, o ato é anterior à palavra, e a inclui. Assim sendo, questiona-se sobre o lugar do discurso oral (da entrevista, da narração, etc.) enquanto dado de pesquisa, na proposta moreniana.

Polkinghorne (citado por Bauer & Gaskell, 2002) lembra que a narrativa – especialmente relevante para histórias de vida que se enraízam em contextos sócio-históricos – tem sido considerada como “(...) (...) *forma primária através da qual a experiência humana se torna significativa*” (p. 115), estando organizadas, cognitivamente, como estrutura episódica, o que significa que o pesquisador deve lidar com as versões da narrativa enquanto episódio. Além disso, ao acessar os episódios enquanto dados, o pesquisador encontra ainda o desafio de superar a dualidade do papel de ouvinte e de observador, fazendo-se necessário também o compartilhamento de falas e ações em um contexto dramático e relacional, que mobilize a complementaridade dos papéis em jogo.

No Sociodrama (Monteiro & cols. 2006), o campo dramático se associa ao campo narrativo e a narrativa em jogo (no caso da presente pesquisa: a explanação da história de migração que os pesquisandos vivenciaram) se reveste de um caráter dinâmico, interativo e co-constutivo, em que as versões particulares entram em negociação, como um processo que não é primeiramente lingüístico-cognitivo, mas dramático-relacional, e que tem, na interação, a chave do desenvolvimento e da resolução do conflito dramatizado conjuntamente pelos atores envolvidos. Deste modo, se constrói e se reconstrói a narrativa por meio do arsenal dramático disponível (gestos, falas, emoções, movimentos), sendo os

próprios papéis postos em movimento co-criativo, em que se complementam, e são também transformados, recriados.

Por lidar com histórias de migração, e sabendo-se do valor contextual deste estudo, assume-se o valor dos acontecimentos compreendidos pelos seus significados afetivos, manifestos nas relações humanas, em que atos e inter-atos transcendem aos fatos históricos. Desta forma, a partir do que foi considerado até aqui, pode-se estabelecer a importância de se utilizar, para a presente investigação, um método que:

- Acesse a complexidade, dinamicidade e dialeticidade dos processos subjetivos e intersubjetivos, ampliando a percepção e compreensão da realidade em que os participantes (da história investigada e da pesquisa) estão inseridos;
- Promova, no contexto da própria investigação, o encontro e a co-criação entre pesquisadores e pesquisados, permitindo, no processo, a complementaridade de ambos, com vistas à reconstrução dos seus discursos e ações, e à co-criação do conhecimento;
- Acesse a história de migração tomando as ações, os gestos, os movimentos, bem como a palavra, o dado oral, a entrevista, a narrativa, o episódio histórico enquanto arsenal disponível à ação dramatizada e complementar entre os atores da história (“inter-ato”);
- Permita procedimentos de codificação temática que facilitem o acesso à contextualização da narrativa que a investigação pretende focar;
- Valorize os aspectos sócio-culturais e clínicos, emancipatórios e que indiquem possibilidades de reintegração social dos sujeitos da pesquisa.

Na prática, a realização das sociodinâmicas propostas por Moreno, se dá na seqüenciação das etapas de aquecimento, dramatização e compartilhamento. No aquecimento, as ações (gestos, falas, movimentos, etc.) de cada participante do grupo encontram espaço de liberdade à expressão da criatividade e da reciprocidade, no qual vai sendo desenvolvida a interação grupal e a co-criação das ações em jogo. O conteúdo dramático também vai emergindo no aquecimento. No chamado Sociodrama temático, o tema desejado é apresentado pelo diretor especificamente (Monteiro & cols. 2006).

O Sociodrama temático é um método que se utiliza de procedimentos de codificação temática com o objetivo de facilitar o acesso à contextualização da narrativa que a investigação pretende focar. No

entanto, todo o processo – desde a codificação dos temas até à narração da história a ser investigada – se dá em contexto dramático relacional. Na presente pesquisa, as temáticas específicas foram apresentadas em quatro sessões sociodramáticas, selecionadas a partir de estudo piloto.

Nas sociodinâmicas morenianas em geral, evidenciam-se três contextos relacionais específicos, a saber: 1) o contexto social, que não está presente fisicamente no *setting* dramático, mas inspira a dinâmica do grupo; 2) o contexto grupal, que inclui todas as pessoas do *setting* dramático, e do qual o protagonista emerge; 3) o contexto psicodramático ou sociodramático, que envolve os participantes da “inter-ação” dramática específica a cada intervenção, e no qual o protagonista atua.

Há alguns papéis específicos e complementares que promovem as dinâmicas propostas por Moreno (1983). O diretor, no seu papel, mantém a atenção sobre todos os contextos sociais significativos do *setting* dramático, estabelecendo ações e falas que, na relação específica com o protagonista, possibilita a este a percepção, expressão e dramatização de aspectos críticos de sua vivência e convivência. Sinteticamente, cabe ao diretor a direção das ações do grupo em busca da emergência e resolução das cenas dramáticas críticas, devendo estar alerta para converter as pistas que emergem do processo em ação dramática, que possam alimentar a compreensão das temáticas sociodramáticas. O ego-auxiliar assume a interação mais imediata com o protagonista, posicionando-se na interação entre o diretor e o protagonista, com vistas a trazer, para a co-atuação com este, os aspectos dramáticos evidenciados na ação daquele, e ainda permitir que o diretor mantenha a distância necessária ao seu papel. Assim, diretor e ego(s)-auxiliar(es), formam uma unidade funcional, possibilitando a ação espontânea, criativa e complementar do protagonista. Nesta pesquisa, o papel de diretor foi desempenhado pela pesquisadora e o de ego-auxiliar foi exercido por dois outros estudantes de pós-graduação da mesma universidade, também psicodramatistas (um do sexo masculino e outro do feminino).

Além da unidade funcional descrita acima, há ainda dois papéis específicos fundamentais nas sócio-dinâmicas de Moreno: o protagonista e a platéia. O protagonista representa a pessoa ou o grupo para o qual se dirige a intervenção dramática do diretor e dos ego(s)-auxiliar(es), cuja ação é complementada por outras pessoas ou subgrupos com os quais contracenam, no contexto dramático. A platéia é composta pelos demais participantes do grupo, podendo a qualquer momento serem solicitados a contracenar com o protagonista. No Psicodrama, tais participantes podem, individualmente, ser convidados ao contexto dramático, pelo diretor. No Sociodrama, todo o grupo tende a atuar como protagonista, e, neste caso, a unidade funcional pode atuar como ator-coadjuvante ou como platéia. Também é possível que a ação dramática se dê em atuações representadas por um subgrupo (que assume função de protagonista) enquanto o outro subgrupo tanto pode contracenar com o primeiro, como

assistir, como platéia, à sua apresentação (neste caso também, a unidade funcional pode estar desempenhando funções de platéia ou de coadjuvante).

Holmes e Karpe (1992) comentam que é “(...) dentro de um contexto lúdico, (que) a dramatização logo se torna intensa à medida que o processo de aquecimentos se desenrola” (p. 98). Em outras palavras, o grupo se organiza a partir da premissa de que as suas relações serão representadas com a liberdade de criação, e na reciprocidade destas relações. Há portanto, há uma ordem evolutiva esperada na expressão da espontaneidade e da criatividade nos três contextos sociodinâmicos. O contexto social, devido à conservação cultural dos papéis sociais nele desempenhados, permite a menor liberdade de expressão dos fatores espontaneidade e criatividade, enquanto o contexto dramático permite a maior expressão, encontrando na criatividade de seus participantes, formas inovadoras de desempenho de papéis. Neste sentido, o grupo toma uma dimensão intermediária entre o desempenho de papéis de forma mais conservadora e mais espontânea, criativa.

2. Contexto Social e Sujeitos da Pesquisa

O caráter interpessoal foi uma constante em todos os contextos fundamentais da pesquisa: na escolha do tema, da fundamentação teórica e dos pressupostos metodológicos; na formulação dos objetivos e das questões; nos procedimentos de coleta dos dados, com a participação ativa de pesquisadores e pesquisados em contexto relacional/vincular.

Consideram-se três dimensões relacionais na pesquisa (Figura 2): a relação entre pesquisados e pesquisadores, que representa o contexto grupal; a relação que envolve os participantes da pesquisa, dinamizada pela ação dos pesquisadores e definida como contexto sociodramático; e, por fim, o contexto sócio-cultural em que se inserem os pesquisados, e que se expressa nos dois outros contextos relacionais

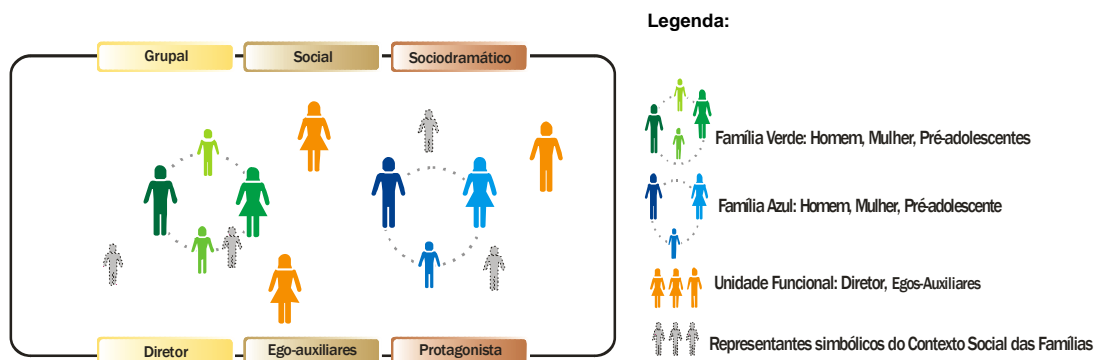


Figura 2. Contextos Relacionais da Pesquisa.

O contexto social em apreciação expressa a própria problemática da pesquisa, a saber, as famílias migrantes, especificamente, nordestinos, trabalhadores de classe média, que se deslocaram, em família, para a cidade de Brasília em busca de crescimento sócio-econômico.

O contexto grupal se expressa pela unidade funcional (diretora e egos-auxiliares) e pelas famílias participantes do estudo, ou seja, uma família com quatro componentes (aqui denominada de *Família Verde*) e uma família com três componentes (aqui denominada de *Família Azul*). A possibilidade de delimitar e diferenciar os papéis de cada participante e de, ao mesmo tempo, integrá-los, favorece a relação entre pesquisados e pesquisadores, bem como a expressão, percepção e compreensão dos conteúdos partilhados no grupo. É do contexto grupal que emerge o protagonista, que é o ator (pessoa ou grupo) principal, uma espécie de núcleo central (re)produtor da expressão dramática.

As cadeiras em círculo (onde se sentaram pesquisadores e pesquisados), no início de cada sessão, são um indicativo fundamental do contexto grupal. Em sua função de criar e dirigir cada etapa do Sociodrama, as ações do diretor, favoreceram a emergência dos atores sociais como protagonistas em contexto dramático, trazendo a um palco imaginário à sua vivência referente à temática social de cada sessão. Tais ações são complementadas pelos egos-auxiliares, os quais, como co-atores e investigadores sociais, complementam, por sua vez, as ações dos demais participantes, fornecendo unidade e continuidade ao processo sociodramático.

Diante dos contextos relacionais que a metodologia sociodramática mobiliza, a criação e apresentação da produção dramática do protagonista são consideradas uma reprodução da realidade sócio-cultural que o mesmo representa. Os intercâmbios interpessoais e intergrupais são fundamentais tanto para a emergência como para a atuação do protagonista no contexto dramático.

Os intercâmbios entre atores principais (protagonistas), atores coadjuvantes e platéia se desenrolaram, nesta pesquisa, das seguintes formas:

Situação 01 – cada grupo familiar (como *família-protagonista*) intercambiando com o outro grupo familiar (que assumia a função de *família-coadjuvante*), cabendo à unidade funcional a

função de platéia (e de coadjuvantes do processo, ao interagir com as famílias a partir de suas funções específicas).

Situação 02 – cada grupo familiar (como *família-protagonista*) intercambiando com outras pessoas do contexto grupal (os membros da unidade funcional, ou os integrantes das famílias), cabendo a função de platéia aos participantes que não interagiam diretamente com os interatores.

Situação 03 – os dois grupos familiares, como um só conjunto (assumindo função de *protagonista*), intercambiavam entre si, cabendo aos membros da unidade funcional (quando não envolvida neste intercâmbio), a função de platéia.

Como se tem dito, a Socionomia representa uma proposta de avaliação, compreensão e tratamento/intervenção das relações humanas. Como modelo de pesquisa a proposta interventiva submete-se à compreensão investigativa, enquanto, no modelo terapêutico, ocorre o inverso: a proposta investigativa submete-se à compreensão do tratamento. Isto quer dizer que, no campo da pesquisa, há uma seqüência de etapas investigativas em que se inserem as intervenções possibilitadas pelas metodologias sociodinâmicas de Moreno. Assim, as sessões de Sociodrama (que objetivaram a compreensão de histórias de migração, compartilhada dramaticamente) se inserem entre o estudo piloto que as antecederam, os compartilhamentos específicos da unidade funcional e a compreensão das vivências pela pesquisadora.

Brasília é uma cidade de migrantes desde a sua origem. Como tal, não é incomum o fato de que, todos os membros da unidade funcional (além das famílias protagonistas pesquisadas), sejam também migrantes, estando, a diretora, em situação semelhante a dos pesquisandos: saída do Ceará (mas não com a família) para estudar em Brasília, mas não chegando a residir nesta cidade, mantendo-se hospedada, semanalmente, por outra família de migrantes cearenses. Assim sendo, as contribuições desta família – aqui denominada de *família-matriz* – foram: 1) a escolha dos critérios da amostra; 2) a delimitação (através de entrevista) das temáticas específicas de cada sessão de Sociodrama; 3) a indicação dos participantes da pesquisa.

O critério da amostra foi pensado com base na condição sócio-familiar da *família-matriz*, a saber: família ingressa em Brasília no ano de 1999, e com cinco anos de residência em Brasília por ocasião da coleta de dados da pesquisa, sendo constituída por: um homem, bancário, de 44 anos, uma mulher de 46 anos, iniciando seu curso superior, um jovem, com 20 anos, concluindo universidade, e uma jovem, universitária, de 18 anos. Desta forma, seus integrantes, na chegada a Brasília, possuíam idade entre 39 e 41 anos (os adultos), e 13 e 15 anos (os adolescentes).

Foram realizadas três sessões de entrevista com a *família-matriz*, num total de cerca de duas horas e meia, consistindo em uma conversa informal (registrada em gravador) sobre os sentimentos da *família-matriz* no desligamento de Fortaleza e na vinculação a Brasília, a partir das observações não-sistematizadas possibilitadas pela convivência da pesquisadora com esta família. Teve-se como objetivo principal a elaboração de tópicos e perguntas, emergidas da própria entrevista, necessários à compreensão dos sentimentos familiares vivenciados. Além disso, com a finalidade de organizar uma visão de conjunto, a pesquisadora partiu da escuta individual sobre as percepções, os sentimentos e as experiências na migração de cada membro da família, estabelecendo, em seguida, comparações entre as respostas (ou solicitando-as dos próprios entrevistados).

De um modo geral, os tópicos abordados nas entrevistas, foram: a) os motivos da migração, a recepção em Brasília, a (re)construção pessoal e familiar na nova cidade e a situação atual; b) as perdas e os ganhos e os marcos emocionais na transição, e o significado e a condição emocional atual, pós-migração; c) as pessoas mais significativas nas relações em geral, o significado das duas cidades e as diferenças entre elas; d) as perspectivas futuras da vida pessoal e familiar; e) os sentimentos de família e as novas concepções de mundo marcados pelo processo da migração. A partir destes tópicos, a pesquisadora elaborou os sociodramas temáticos da pesquisa, a saber:

- 1) **“Dinâmicas de Pertencimentos e Imagens Idealizadas de Família”** (tópicos da entrevista: os marcos emocionais na transição da pertença social e os sentimentos de família);

- 2) **“Historiodrama da Migração”** (tópicos da entrevista: os motivos da migração, as perdas e os ganhos da mudança; a recepção em Brasília e as primeiras impressões; a (re)construção de vida na nova cidade e a situação de atual);
- 3) **“Sociometria da Migração”** (tópicos da entrevista: as pessoas mais significativas atualmente; o significado das duas cidades e as diferenças entre elas);
- 4) **“Perspectivas Futuras da Família Migrante”** (tópicos da entrevista: as perspectivas futuras da vida pessoal e familiar; o significado e a condição emocional atual, pós-migração; as novas concepções de mundo marcadas pelo processo da migração).

A indicação dos participantes da pesquisa foi feita, voluntariamente, pelo homem da *família-matriz*, que, tendo conhecimento da pesquisa e dos critérios de seleção da amostra, obteve a permissão de um conhecido do trabalho e um outro da igreja, para que a pesquisadora apresentasse, por telefone, a ambos, o convite para participar da pesquisa e a explicação dos seus objetivos. Durante o contato telefônico, estes foram efetivados formalmente, bem como a especificação da data, horário e lugar para a primeira sessão sociodramática, tendo-se obtida adesão, individualmente, de cada membro das famílias. Estas famílias (aqui denominadas de *famílias-protagonistas*) não se conheciam até a ocasião da pesquisa, mas eram conhecidas por alguns membros da *família-matriz*.

O critério de escolha da amostra foi ser uma família nuclear, de classe média, tendo o casal, heterossexual, nascido e constituído família no Ceará (com, pelo menos, um filho nascido no estado de origem), residindo em Brasília há cerca de cinco anos consecutivos, sem história de separação do casal e/ou de filhos.

Uma das famílias escolhidas (aqui denominada de *família-verde*) possuía quatro membros (homem, mulher e dois pré-adolescentes), e a outra (que será aqui referida como *família-azul*), compunha-se por três integrantes (homem, mulher e um pré-adolescente). O Quadro 1, abaixo, resume as informações básicas sobre os sujeitos. Os nomes mencionados são fictícios para preservar a identidade dos participantes. As iniciais dos nomes foram escolhidas em função do nome da cor que indica a família que cada participante compõe (V,

para *família-Verde*, e **A** para *família-Azul*), facilitando a associação entre membro e grupo familiar de pertença.

Quadro 1. Sujeitos: Idade e Ocupação na Migração e na Pesquisa.

FAMÍLIA Ano da chegada em Brasília	Componentes	Na chegada a Brasília		À época da Pesquisa (2004)	
		Idade	Ocupação	Idade	Ocupação
FAMÍLIA AZUL 1998	Artur	33	Bancário	39	Bancário
	Aline	31	Professora (1 turno)	37	(aguardando concurso)
	Alberto	5	Estudante (Ed. Infantil)	11	Estudante (5ª - Ens. Fund.)
FAMÍLIA VERDE 1997	Valter	35	Bancário	41	Bancário
	Vilma	33	(aguardando concurso)	39	Funcionária Pública
	Vinicius	7	Estudante (1ª - Ens. Fund.)	13	Estudante (7ª - Ens. Fund.)
	Vicente	5	Estudante (Ed. Infantil)	11	Estudante (5ª - Ens. Fund.)

A *família-Azul* é composta por: **Artur** (41 anos, bancário e professor universitário); **Aline** (39 anos, servidora pública); **Alberto** (11 anos, estudante do ensino fundamental). A *família-Verde* é composta por: **Valter** (39 anos, bancário); **Vilma** (37 anos, aguardando convocação de concurso público); **Vinicius** (13 anos, estudante do ensino fundamental); **Vicente** (11 anos, estudante do ensino fundamental). Todos os sete componentes (oriundos das duas famílias pesquisadas) participaram das quatro sessões sociodramáticas, uma vez que o foco da pesquisa não estava nos conteúdos individuais, mas na interação entre as duas famílias.

O principal motivo da migração de ambos os grupos familiares foi a busca por melhores condições de vida, relacionada ao emprego do homem. Ambos os homens – Valter e Artur – são bancários, sendo Vilma funcionária pública, enquanto Aline aguarda convocação de concurso. Há, ainda, outras características sócio-culturais similares, como: os adultos estão na faixa etária entre 37 e 41 anos; os três pré-adolescentes têm idades muito próximas: Vinicius, 13 anos, e, seu irmão Vicente, 11 anos, a mesma idade do único filho da *família-azul*, Alberto. Um diferencial profissional é o fato de Artur ter participação na vida acadêmico-universitária (é professor com pós-graduação), e de sua esposa, Aline, ter formação psicoterápica (especialização), explicitando ainda outros objetivos profissionais durante a pesquisa, não se observando o mesmo com Valter e Vilma. Por outro lado, outras diferenças se destacaram no decorrer da pesquisa, quanto a participações sociais da família: a *família-azul* tem casa de

praia em Fortaleza, mas, em Brasília reside em apartamento, enquanto à *família-verde*, que reside em casa e evidencia o prazer em receber visitas em casa, preparar churrasco em família, possuir animal de estimação. As inserções sociais em Brasília referem-se, prioritariamente, na *família-azul*, à vida profissional, e na *família-verde*, aos amigos.

3. Coleta de Dados: As Sessões Sociodramáticas

As sessões sociodramáticas aconteceram em uma sala convencional de atendimento psicoterápico em Brasília, com cerca de 4m x 5m de tamanho. Os objetos eram apenas cadeiras (que, postas em círculo a cada início de sessão, iam sendo reorganizadas no ambiente a partir da necessidade do uso do espaço) e almofadas (que foram utilizadas como assento em reuniões dos subgrupos e também como recurso simbólico para as produções dramáticas dos participantes). Havia ainda duas mesas de apoio – uma, não utilizada, com computador, e outra com o equipamento necessário ao registro da pesquisa: roteiros das sessões, fitas de gravador e de vídeo, gravadores, papéis e canetas. O espaço foi modificado pela montagem de uma câmera de vídeo utilizada para registro das sessões. A escolha de um espaço clínico para pesquisa com metodologia clínica favoreceu a participação dos grupos em contexto adequado à expressão de conteúdos emocionais íntimos, sob sigilo, e ao compartilhamento e registro mais detalhado destes conteúdos. A caracterização de pesquisa clínica se evidenciou no cuidado com os conteúdos e as dinâmicas emocionais dos pesquisandos especialmente mobilizadas nos sociodramas. Desta forma, a pesquisadora esteve atenta às indicações de atos catárticos emergentes durante toda a investigação, trabalhando dramaticamente estes conteúdos. Além disto, após o processo, a mesma dispôs aos participantes o acesso à sua pessoa, para apoio ou encaminhamentos que se fizessem necessários (o que não ocorreu).

Uma seqüência de ações foi desenvolvida em função de fatores clínicos e de investigação, em grande parte já previstos nas temáticas propostas a cada sessão. O registro do processo foi feito por uma filmadora e por gravadores individuais para pesquisadores e pesquisados, cujas fitas eram substituídas uma vez por sessão. A opção pelo recurso deveu-se à complexidade do objeto de estudo.

Todo o planejamento da pesquisa e estabelecimento do seu contexto de ação apoiou-se nas recomendações da Sociodinâmica moreniana (especificamente, o Sociodrama) a partir da proposta original de Moreno (1993b), em que o grupo de pesquisados é, primeiramente, despertado em sua espontaneidade e criatividade (Etapa de Aquecimento), para, em seguida, participar de modo co-criativo frente ao tema-foco combinado (Etapa de Dramatização), compartilhando, por fim, percepções e sentimentos relativos à própria criação, bem como ao processo criador (Etapa de Compartilhamento). Desta forma, durante todo o processo investigativo, o método promove um relacionamento complementar entre os participantes e uma ação espontânea contínua, permitindo que os conteúdos individuais sejam combinados criativamente em um campo complementar a partir do qual se reflitam os dramas e as tramas relacionais implicadas nas ações e interações emergentes.

Nesta pesquisa, a ação e os lugares sociais de cada participante foram ganhando, em contexto interpessoal, um contorno e um significado próprios nos encontros subseqüentes, marcados e seqüenciados por momentos específicos, a saber:

- 1) **Aquecimento:** com um aquecimento inicial, geralmente através da rememoração do último encontro e da apresentação do tema-gerador para a produção sociodramática da sessão em pauta; e o aquecimento específico em subgrupos, dirigido para o processo sociodramático propriamente dito.

- 2) **Momento Dramático,** geralmente vivenciado em três etapas: a) iniciado em subgrupos, cujas ações atendiam aos objetivos de co-construção e apresentação de produções sociodramáticas específicas; b) após pequeno intervalo, a inversão de papéis, entre o subgrupo protagonista (que apresentava a sua produção) e o subgrupo com função de platéia (que compartilhava suas percepções sobre a produção do outro subgrupo); c) transformações nas produções sociodramáticas construídas nos subgrupos, por parte de todo o conjunto de integrantes. As conversações espontâneas ou dirigidas mediaram o processo dramático.

- 3) **Compartilhamento:** através de conversação final das produções, de forma coletiva, espontânea ou dirigida e de gestos coletivos, sugeridos pela pesquisadora a partir da vivência do dia, com a finalidade de acolhimento e fechamento da sessão. Por fim, a atualização da agenda de encontros.

Os momentos descritos acima foram tomados como um único processo que seguiu, igualmente, as recomendações de complementaridade propostas por Moreno. Para tanto, foram reforçados elementos de continuidade e de unidade do processo, evidenciados tanto na combinação dos contextos intra e inter-sessão (busca de continuidade), como dos conteúdos pessoais e interpessoais (busca de unidade). Um aspecto importante do processo refere-se à “unidade funcional” (Moreno, 1983) dos pesquisadores, compostos pela diretora (pesquisadora) e pelos egos-auxiliares, que fazem parte de um modo especial da condição de grupo que vivencia o processo. Desta forma, seguindo a orientação psicodramática de que diretores e egos-auxiliares também vivenciam ações protagônicas na criação do processo terapêutico/investigativo, nesta pesquisa, a unidade funcional participou, antes de cada sessão, de um tempo de aquecimento e, após seu término, de um momento de compartilhamento. O aquecimento da unidade funcional – que durou cerca de 30 minutos antes de cada sessão – foi efetivado pelas seguintes ações e interações: 1) apresentação, por parte da diretora aos egos-auxiliares, da temática e dos objetivos específicos da sessão; 2) leitura, discussão e modificações do roteiro da sessão, a partir do compartilhamento por toda unidade funcional; 3) organização do ambiente e distribuição das funções de cada um, de acordo com as compreensões coletivas em relação ao objetivo da sessão. O compartilhamento final da unidade funcional aconteceu a partir da partilha de cada integrante em relação às suas vivências nas sessões e da co-construção de uma visão conjunta dos seus aspectos críticos à temática pretendida pela pesquisa. O tempo do compartilhamento final foi sendo ampliado, sessão após sessão, até a duração de cerca de 60 minutos, no último sociodrama.

As ações pró-registro dos dados ocorriam em um tempo entre o final do aquecimento da unidade funcional e o começo do aquecimento dos pesquisados (a saber, ligar a câmera de vídeo e os gravadores individuais) e um tempo entre o final do compartilhamento dos pesquisandos e o início do compartilhamento da unidade funcional (a saber, desligar os citados

aparelhos), o que representou mais uma “inter-ação” entre os pesquisadores e os demais participantes. Tal condição corresponde ainda à natureza contínua e progressiva da proposta sociodramática, em que as sessões se dão em um contínuo importante na revelação dos conteúdos ainda não elaborados cognitivamente.

Nessa dinâmica de pesquisa, também a complementaridade de papéis é fator primordial na promoção de transformações no próprio contexto interativo. Neste sentido, durante as sessões, o cuidado com o equipamento de registro audiográfico e videográfico, que os egos-auxiliares assumiram como uma tarefa sua, foi se tornando parte da ação dos participantes também (inclusive os mais novos). Assim, os pesquisados estiveram envolvidos, não só na produção do conteúdo dramático da migração, como ainda nas questões gerais ligadas ao procedimento de coleta de dados (em tarefas do tipo: avisar a ocorrência do *click* dos gravadores que indicava o término da fita para o registro das vozes; observar o campo da filmagem necessário à gravação das imagens; etc.). Percebeu-se um senso crescente de responsabilidade e valorização da participação durante toda a pesquisa. Mesmo que ela tenha tido uma carga horária de mais ou menos 12 horas (em quatro dias de trabalho e em um intervalo de 10 dias), não houve faltas, nem atrasos. Antes, pelo contrário, um prolongamento nos horários de término, para conversas informais. Considerando-se os relatos feitos pelos pesquisandos, a motivação para a participação adveio de fatos como: a identificação com a condição da pesquisadora (migração do Ceará para estudar em Brasília) e, mais diretamente, com o outro grupo familiar também migrante com o qual cada um teve a oportunidade de interagir; a possibilidade de organizar suas histórias em família, mediante técnicas ativas; e de co-produzir conhecimento científico. Como Holmes e Karpe (1992) prevêm, também “(...) *as crianças parecem estar conscientes do impacto psicológico da história delas (além do que,) o aspecto lúdico do psicodrama as atraí*” (p. 81).

As sessões sociodramáticas da pesquisa foram realizadas com aquecimentos verbais e não-verbais, seguidos das dramatizações (com imagens plásticas ou construção de cenas) acompanhadas de pontuações (compartilhamentos específicos durante a dramatização) de todo o grupo, bem como o compartilhamento final (que envolvia tanto aspectos do conteúdo temático dramaticamente produzido, como do processo vivenciado). Na prática, as duas

famílias, inspiradas por suas histórias de migração e envolvidas dramaticamente em interações intra e inter grupais, representaram suas experiências multiculturais.

A organização da ação sociodramática se deu através da escolha de temáticas que expressavam objetivos gerais da pesquisa e que funcionavam como temas-geradores da produção sociodramática, nas quatro sessões da pesquisa.

As sessões primeira e última cumpriram um objetivo específico no que diz respeito à efetivação deste trabalho, expressos em compartilhamentos entre pesquisadores e pesquisados sobre o contrato de pesquisa, os objetivos, os papéis de cada participante, as regras de conduta, o número de sessões, o cronograma, bem como a avaliação do processo, informações sobre a elaboração da pesquisa em tese e sugestões para a mesma.

Quanto ao caráter sociodramático, a primeira sessão (“Dinâmicas de Pertencimentos e Imagens Idealizadas de Família”) teve como objetivo a percepção dos sentimentos de família e das formas de vinculação vivenciadas pelos integrantes das famílias pesquisadas. Este sociodrama foi composto por um momento inicial de apresentações gerais e aquecimento do grupo frente à temática específica; um segundo momento (da produção dramática), em que os grupos produziram imagens representativas das figuras sociais de *pai*, *mãe* e *filho*, e as transformaram em imagens idealizadas de família, através de falas e ações compartilhadas. Além disso, houve um terceiro momento, quando foram compartilhadas as leituras das produções, além das pontuações já efetivadas durante as mesmas. Detalhadamente, a sessão foi seqüenciada da seguinte forma:

- 1) Foram apresentados aos participantes três lugares representativos na sala (indicados por um papel com o nome correspondente), a saber, *pai*, *mãe* e *filho*;
- 2) Os participantes foram convidados a se colocarem em um dos citados lugares, por escolha livre e pessoal, sem associação com funções que exercessem na família;
- 3) Os três subgrupos formados, após compartilhamento (aquecimento específico) formaram uma imagem plástica representativa do seu lugar escolhido, apresentando-a, em seguida, aos demais subgrupos;

- 4) Após o compartilhamento das percepções sobre os modos de se apropriarem dos lugares escolhidos e de os representarem, os participantes foram solicitados a fundirem as imagens apresentadas pelos subgrupos (guiados pela complementaridade dos papéis de *pai, mãe e filho*);
- 5) Foram formadas duas imagens pelos membros das duas famílias participantes da pesquisa tendo, cada uma, a seu turno, exercido o papel de *família-protagonista* (apresentando em um palco imaginário, as suas produções dramáticas), enquanto a outra complementava na função de *família-plateia* (compartilhando seus sentimentos, percepções, etc.);
- 6) As famílias foram expressando e transformando os modos de inserção de cada um dos participantes no todo do conjunto familiar (apresentando imagens idealizadas de família), a partir do compartilhamento de sentimentos e complementaridades experimentados nos lugares configurados no próprio contexto da imagem que criaram e na qual tomaram posição;

Os objetivos da segunda sessão (“Historiodrama da Migração”) foram: 1) a apresentação das histórias de migrações das duas famílias e, 2) a emergência e compartilhamentos a respeito das duas experiências de migração, enfatizando os marcos emocionais vivenciados como família na transição da pertença social. Os grupos familiares foram solicitados a organizarem suas histórias de migração em capítulos e imaginarem para cada um deles uma cena (aquecimento específico) que pudessem representar através da técnica de construção de esculturas (dramatização). Ao apresentar suas produções dramáticas, o outro grupo (*família-plateia*) atribuía títulos às imagens apresentadas, levando a um compartilhamento final sobre as duas experiências de migração.

O objetivo geral da terceira sessão (“Sociometria da Migração”) foi a confecção de um “mapa afetivo”, em que se pretendeu, especificamente, perceber o átomo social sinalizado pelas relações significativas apontadas por cada família, e os sentimentos decorrentes do

duplo-pertencimento (à cidade original, de Fortaleza e à cidade de Brasília, da residência atual). Os participantes da pesquisa foram solicitados a escolherem figuras de revistas que os representassem e às suas principais escolhas afetivas (aquecimento específico) e, em família, elaboraram um átomo social que representava sua condição sociométrica como famílias migrantes (dramatização), a partir do que compartilharam suas vinculações às cidades de Fortaleza e de Brasília.

A quarta sessão tratou de “Perspectivas Futuras da Família Migrante”, na qual se efetivou a elaboração e dramatização das expectativas familiares futuras e a percepção de sentimentos de expansão social direcionados pela dinâmica afetiva familiar constituída na migração, bem como as concepções de mundo que podem ter sido marcadas pelo processo da migração. A técnica “Projeção para o Futuro” (Monteiro, 1998), utilizada na sessão “Perspectivas Futuras da Família Migrante”, consiste em mobilizar o grupo para imaginar sua vida, suas relações, sentimentos, concepções de mundo, seus projetos dramáticos em algum tempo futuro. Os participantes foram solicitados a imaginarem uma cena de família cinco anos à frente (aquecimento específico), e a dramatizarem (tendo os integrantes da outra família como atores coadjuvantes), o que os levou a um compartilhamento sobre suas concepções de mundo e seus projetos dramáticos futuros.

Na dramatização, os papéis se expressam em suas complementaridades, conflitos, recriações (Moreno citado por Menegazzo & cols., 1995). A inversão de papéis permite a percepção do outro em complementaridade, favorecendo a emergência da reciprocidade (tele). Através desta, há o reconhecimento dos papéis idealizados, disfuncionais, que vêm sendo desempenhados sem espontaneidade e sem criatividade. A transformação possível não atinge apenas o desempenho de um papel específico, mas, o interjogo de papéis, dada a sua natureza complementar, implicando em um reposicionamento dos papéis em jogo. As imagens cênicas (em movimento ou como esculturas) e a inter-atuação, dirigida pela espontaneidade-criatividade, são o elemento-chave neste processo. Nas sessões sociodramáticas da presente pesquisa, utilizou-se tanto a dramatização cênica como a co-construção de esculturas, além de outras técnicas amplamente utilizadas, como, a “apresentação do átomo social” e a “projeção de futuro”.

A técnica de “Construção de Esculturas” (utilizada nas sessões “Dinâmicas de Pertencimentos e Imagens Idealizadas de Família” e “Historiodrama da Migração”) teve como finalidade a concretização de fatos, sentimentos e relações, em esculturas ou imagens, favorecendo, deste modo, a percepção e compreensão sobre os mesmos. O principal recurso na produção das esculturas é o corpo dos participantes, utilizado como material escultural. Na prática, através de gestos, posições físicas, expressões faciais moldadas, tanto no corpo individual, como no grupal (i.e., no conjunto de todos os corpos do grupo), o(s) protagonista(s) pode(m) expressar elementos dos processos vinculares ainda não elaborados cognitivamente. Por este motivo, Barberá e Knappe (1999) recomendam a escultura como técnica de representação simbólica da estrutura vincular de um grupo.

A técnica de “Apresentação do Átomo Social”, utilizada na sessão “Sociometria da Migração”, consiste na apresentação do espaço afetivo que confere as noções de subjetividade e intersubjetividade, associadas à identidade de uma pessoa, legitimando-a (Moreno, 1993a). O caráter afetivo das escolhas é evidenciado pela distância que o protagonista estabelece para as pessoas que escolhe, distribuindo-as em um espaço simbólico que corresponde a um campo afetivo específico, configurado dentro de critérios também específicos de afinidade que ele próprio define. A concretização das escolhas pode ser efetivada utilizando-se os próprios componentes do grupo, ou através de objetos (como almofadas, cadeiras, etc.) que representem as escolhas, ou ainda por meios gráficos (Monteiro, 1998). A organização do espaço em que as escolhas são concretizadas (por pessoas, objetos ou desenhos) é elaborada pela pessoa cujas escolhas estão sendo realizadas e pode ser representada em um palco, um tapete, uma folha de papel, etc. No caso da presente pesquisa, a representação ou apresentação do átomo ocorreu mediante algumas diferenciações específicas, a saber:

- 1) Ainda no contexto grupal em que os participantes reúnem-se em um só grupo, distribuíram-se revistas com gravuras para que os mesmos pudessem escolher figuras representativas de si mesmos, e, depois, figuras representativas de pessoas afetivamente significativas para cada um deles;

- 2) Depois, reunidos em famílias, os participantes receberam uma folha de papel (com cerca de 60 cm x 100 cm), na qual indicaram suas escolhas afetivas, representando-se no papel o espaço simbólico de Fortaleza a Brasília, e também a afetividade da família como um todo;
- 3) Durante a colagem dos recortes das revistas, foi efetivada por cada participante uma apresentação das figuras selecionadas, bem como um compartilhar sobre a escolha do seu lugar no “mapa afetivo da família” representado em papel.

A escolha do recurso gráfico (recortes de revista) na construção do átomo social se deu com o objetivo de permitir a criação livre de personagens, não limitar o número de escolhas, e permitir a execução concomitante por ambas as famílias. Durante as escolhas dos recortes foi associada à representação do átomo social uma outra técnica conhecida como “solilóquio” (Moreno, 1983), e que objetiva à revelação dos pensamentos do protagonista, sem censura deste, a partir da solicitação direta por parte da diretora, através de uma frase, como, “*pensa alto!*”, dirigida a um dos participantes.

A técnica “Projeção para o Futuro” (Monteiro, 1998), utilizada na sessão “Perspectivas Futuras da Família Migrante”, consiste em mobilizar o grupo para imaginar sua vida, suas relações, sentimentos, concepções de mundo, seus projetos dramáticos em algum tempo futuro. No aquecimento, os participantes receberam a proposta de imaginar alguma cena de família cinco anos à frente, em que os integrantes da outra família assumiriam – como atores coadjuvantes – papéis designados pelo grupo-protagonista, a partir da cena também definida por este. Após o compartilhamento de cada grupo familiar para definir a cena e o elenco, os membros do grupo-protagonista definiu o contexto da atuação dos atores coadjuvantes. Em ambas as cenas (*família-azul*, cena de aniversário da Aline recebendo os convidados, e *família-verde*, cena de um final de semana em casa recebendo os amigos), a família ou o casal iniciava a cena, seguindo-se da chegada dos convidados (representados pelos atores coadjuvantes). Desta forma, a encenação por si mesma (com aquecimento pela definição dos contextos, mas sem ensaio) traçou uma linha de ação para o grupo, permitindo, assim, a

expressão dramática nas relações sociais da família, bem como a emergência de seus projetos dramáticos.

Além destas, uma outra técnica – aqui denominada de “intitulação” – foi adotada com muita frequência, por ser de fácil utilização e bastante útil para registro de dados referentes a relações, situações, afetos. A mesma foi utilizada mediante solicitação da diretora aos subgrupos familiares (tanto ao grupo-protagonista, como ao outro grupo, que estaria, por sua vez, com função de platéia ou de grupo-coadjuvante) para que, através de uma ou duas palavras, elaborassem um título para a imagem cênica ou escultura que observavam. As intitulações servem como “espelho” (geralmente da *família-platéia* para a *família-protagonista*), que é uma técnica proposta por Moreno (1993a) que favorece a percepção da pessoa por ela mesma, a partir da imitação que o outro faz dela. Além disso, a rápida circulação da solicitação entre o grupo, permitiu a participação de todos, numa contínua reconstrução e co-criação, possibilitando um consenso sobre as percepções e compreensões.

Assim, em todo o processo de coleta de dados (ou seja, das vivências sociodramáticas) e no trato com as imagens (criadas na cena, na escultura ou como desenho/recorte), tanto as ações, como as falas foram dinamizadas pelas relações entre os diversos participantes da pesquisa, objetivando a “circulação” dos afetos e das ações e da falas no grupo. As técnicas de um modo geral foram utilizadas para favorecer a síntese e o consenso, mantendo as diferenças das experiências vivenciadas pelas duas famílias.

Várias pontuações foram feitas durante os processos construtivos do grupo, com a finalidade de provocar e esclarecer movimentos e conteúdos da interação. Monteiro e cols. (2006) consideram as pontuações um pré-requisito da pesquisa qualitativa sociodramática, estabelecendo que, cabe ao pesquisador “(...) *questionar, analisar desempenhos, cenas, tramas, não como quem esteve fora, mas como elemento implicado na construção daquela produção. (...) a questão norteadora será justaposta pelo vivencial*” (p. 74). Os autores argumentam ainda que

(...) na prática, o limite entre o intra e o inter fica bastante difuso. A pesquisa, seguindo essa linha, incide sobre as relações objetivas e/ou

imaginárias do indivíduo consigo mesmo, do indivíduo com o grupo, do grupo, do grupo com outro grupo (Monteiro & cols., 2006, p. 71).

Os dados obtidos foram registrados enquanto imagens e cenas dramáticas e foram analisados na inspiração do arcabouço teórico-metodológico da Socionomia, o qual indica que as interações em jogo sejam problematizadas enquanto processos dinâmicos de vinculação e grupalização. Bauer e Gaskell (2002) consideram o registro de imagens e sons especialmente útil quando se investiga um conjunto de ações humanas complexas, e por isso, o seu uso tem sido bastante freqüente em pesquisas qualitativas. As ações e falas em si mesmos, registrados em áudio e vídeo, não foram o objeto de análise do estudo e sim, as interações dramáticas que as produziram e, a partir das quais, significados foram atribuídos.

A temática proposta demandou por parte dos entrevistados, um nível bastante elaborado de percepção e comunicação (de si mesmo, do outro particularizado e do grupo como um todo), haja vista que os conteúdos a serem expressos se referiram à experiência do conjunto familiar vivenciada há um tempo relativamente longínquo (a cerca de cinco anos atrás, quando migraram para o novo lugar de pertencimento). Os sentimentos emanados no processo sociodramático diziam, pois, sentido a elementos ainda não óbvios para os participantes, como se pode perceber em relatos da *família-matriz*, como os seguintes: “*É difícil dizer*”, “*É mais difícil falar, ainda é muito fluido*”, “*Não sei ainda*”, “*Talvez*”, “*Não mudou muita coisa, não... não sei, não processei isso, não*”.

Desta forma, o levantamento dos dados visou a cumprir os objetivos de ampliar a percepção e compreensão da realidade em que os participantes foram inseridos e promover a complementaridade entre os conteúdos expressos individualmente, com vistas à reconstrução dos discursos e ações e à co-criação do conhecimento.

Em todos os momentos de análise, o foco da pesquisa aqui relatada foi a identificação das formações vinculares circulares nas dinâmicas interpessoais e sócio-culturais (especialmente as dinâmicas tencionais e suas resoluções durante a interação dramática dos protagonistas). O pressuposto teórico é o da afetividade enquanto mediadora (González-Rey, 2000) na constituição do sentimento de família (*familidade*) e da circularidade afetiva como o *modus operandi* desta constituição e do próprio processo investigativo.

Como se tem indicado, a pesquisa se funda em uma condição circular multidimensional, como pressuposto das ciências do homem a partir da compreensão do humano em sua condição essencialmente relacional em múltiplos contextos de pertencimento: (inter)familiar, (inter)grupar, (inter)regional, (inter)nacional, seguindo-se um *continuum* de análise das inserções (pertencimentos) comunitárias à planetária. O método sociodramático permitiu o acesso aos contextos familiar, grupar (duas famílias reunidas e mais três pesquisadores) e regional e às suas derivações inter-familiar, inter-regional e intergrupar que foram configuradas durante o processo investigativo. O contexto multifamiliar, que dinamiza as vinculações interpessoais, intrafamiliares, inter-familiares e sociais, favoreceu a emergência da afetividade das famílias migrantes frente aos contextos sociais de pertença de sua história, e a explicitação das expectativas sociais frente às possibilidades de novos pertencimentos sócio-culturais, identificando-se, assim, as condições afetivas da família em relação a si mesma e ao social mais amplo e mais distante (incluindo as suas concepções de si e de mundo).

A análise dos dados fundamentou-se no exame dos vídeos em que foram registradas as sessões sociodramáticas, a partir do que se buscou uma combinação entre o construto teórico do “pertencimento” (discutido à luz da teoria sacionômica de Moreno) e os achados da pesquisa (compreendidos à luz dos objetivos específicos de cada sessão proposta). Assim, o processo de pertencimento-diferenciação foi, progressivamente, sendo evidenciado nas sessões sociodramáticas, tanto em seus aspectos teóricos, como metodológicos. Metodologicamente, ressaltou-se a importância do senso de pertencimento ao grupo que compôs a amostra desta pesquisa, tanto por identificações sócio-culturais, como por identificações sociodramáticas. A pertinência sócio-cultural dos participantes ressalta-se no fato de serem pessoas e família cearenses morando em Brasília. A pertinência grupar e dramática se evidencia no fato de estarem revivendo em contexto coletivo (inter-familiar, grupar) os dramas de suas experiências familiares. No plano teórico-conceitual, o pertencimento se expressa no *sentimento de família* por parte de cada uma das famílias do estudo empírico.

O pressuposto moreniano de que compreender, avaliar e intervir são processos complementares foi aplicado tanto na coleta dos dados, como na sua análise, mantendo-se o caráter dinâmico, interativo e complexo da pesquisa. Os procedimentos de análise foram elaborados a partir das produções dos protagonistas, associando-se o processo específico das

sessões aos processos gerais seqüenciados da pesquisa e pela repetição exaustiva do contato com os sociodramas através das cenas e das vozes registradas.

Toda a análise foi desenvolvida a partir do trabalho de dissecar e condensar os significados emergentes das sessões sociodramáticas, através de quadros analíticos, a partir dos quais, os significados das ações/atos podiam ser percebidos. Partiu-se da transcrição das principais falas dos participantes, selecionadas a partir dos episódios críticos revelados nos vídeos registrados nas sessões, e, depois, com base nos objetivos específicos de cada sessão, criaram-se vários quadros ou figuras analíticas, os quais foram sendo transformados e sintetizados a partir da percepção de elementos críticos associados aos aspectos que se pretendia observar, condensando-se também os objetivos seqüenciados propostos pelos sociodramas.

Deste modo, os procedimentos específicos de análise em cada sessão foram definidos a partir dos próprios conteúdos revelados nas análises preliminares. Os quadros e figuras apoiaram a análise até ao final do processo (especialmente, os Quadros 2 a 4 e Figura 3).

A análise de cada sessão de sociodrama foi desenvolvida a partir da combinação de duas ou mais produções efetivadas pelos participantes. Assim, na primeira sessão (“Movimentos de Pertencimentos e Imagens Idealizadas de Família”), as esculturas sobre o ideal de família, transformadas progressivamente a partir dos sentimentos, percepções e complementaridades que os participantes experimentaram, foram associadas às suas pontuações, intitulações e compartilhamento dos participantes, chegando-se à análise dos sentimentos de família.

Na segunda sessão (“Historiodrama das Migrações”), as produções dramáticas integradas foram os capítulos-cenas das histórias de migração de cada família (significando a transição de pertencimento e os marcos emocionais) e os respectivos títulos fornecidos pela família-plateia, podendo-se desenvolver um construto de seqüência vincular básica para as famílias (vinculação, desligamento, transição, nova vinculação, duplo pertencimento) e ainda o compartilhamento e as pontuações apresentadas no processo sociodramático.

Na terceira sessão (“Sociometria da Migração”), as produções associadas foram os “átomos sociais” de cada família e as entrevistas, solilóquios e compartilhamentos efetivados

na sessão, estabelecendo-se as análises sociométricas das famílias, e demarcando-se modos de pertencimento ao lugar e a *familidade*.

Na última sessão (“Perspectivas Futuras da Família Migrante”), foram combinadas as dramatizações das famílias-protagonistas aos diálogos durante as mesmas, e com o compartilhamento final.

De um modo geral, foram focados os seguintes pontos de análise: 1) os sentimentos de família; 2) os pertencimentos e os marcos emocionais vivenciados como família na transição da pertença social; 3) o átomo social indicativo das relações significativas das famílias e a natureza do pertencimento social frente aos sentimentos decorrentes do duplo-pertencimento; 4) as relações sociais da família e a natureza da experiência de migração enquanto expansão social, e 5) as expectativas futuras, os projetos dramáticos e as concepções de mundo emergentes no/do processo de migração.

Desta forma, a pesquisa recortou a afetividade circular (*familidade*) e, dentro dela, avaliaram-se as dinâmicas desse tipo de pertencimento (e os vínculos da *familidade*) diante das transformações ocorridas na experiência da migração. Neste sentido, percebeu-se a importância de que a análise das produções (falas em geral, intitulações, diálogos, fotos, cenas, esculturas, etc.) estivesse pautada na busca específica de parâmetros dinâmicos e reveladores da afetividade circular na família, associados aos seus dramas de pertencimento, permitindo as análises subseqüentes.

Capítulo V

Análise dos Dados

“É possível que a história nos revele coisas que não coincidem com os critérios que inventamos. Em vez de tentar entender a ciência a partir de critérios lógicos ou metodológicos (...) (devemos) examinar a história e deixar que ela nos conte o que é a ciência, tal como ela se dá efetivamente, e compreender, a partir do comportamento dos cientistas, os mecanismos pelos quais suas decisões são tomadas”.

Rubem Alves

O Sociodrama, como uma pesquisa de ação, permite a criação do contexto adequado à expressão do tema/drama que se pretende investigar, mantendo o foco nas condições relacionais (vinculadas aos contextos dramático, grupal e social), as quais expressam questões sociais específicas. Neste aspecto, a problemática social que se pretendeu estudar emergiu dos contextos relacionais recortados e postos em interação pela pesquisa sociodramática.

O tema central da pesquisa é o pertencimento familiar e suas transformações nas histórias de migração. O contexto de investigação foi estruturado com o objetivo de fazer emergir as condições de pertencimento das duas famílias envolvidas no estudo, a partir do contato destas com as suas histórias de vida, bem como do contato entre as mesmas, no contexto relacional que as envolveu, promovido pelo método sociodramático. Buscou-se a identificação dos pertencimentos em contextos variados nos quatro dias de investigação: pertencimentos emergentes no grupo (1º dia), pertencimentos emergentes na história particular de migração (2º dia), pertencimentos emergentes nos átomos sociais de cada família (3º dia) e pertencimentos emergentes nos planos de vida projetados pelas famílias (4º dia).

A natureza contínua e progressiva dos sociodramas teve expressão nesta pesquisa da seguinte forma: na primeira sessão (“Movimentos de Pertencimentos e Imagens Idealizadas de Família”) enfocou-se principalmente na *circularidade afetiva* do grupo como palco para a emergência da expressão e compreensão da concepção de família; na segunda (“Historiodrama das Migrações”), nas transições do pertencimento social das famílias; na terceira (“Sociometria da Migração”), nas transformações afetivas demandadas pela dupla vinculação (ao lugar do qual partiram as famílias, e para o qual migraram) e, na quarta

("Perspectivas Futuras da Família Migrante"), enfatizaram-se os aspectos de continuidade relacional e identidade familiar.

1. Sessão Sociodramática I: "Dinâmicas de Pertencimentos e Imagens Idealizadas de Família"

A primeira sessão sociodramática, denominada de "Dinâmicas de Pertencimentos e Imagens Idealizadas de Família" objetivou a emergência de um contexto para a expressão e a percepção da *circularidade afetiva* dos participantes da pesquisa no contexto do próprio grupo multifamiliar, no qual, neste primeiro momento, estavam convidados a se inserirem, e a partir do qual, emergiriam os sentimentos de família e os pertencimentos vivenciados pelos participantes. Os grupos indicaram imagens representativas de *pai*, *mãe* e *filho*, transformando-as, dramaticamente, em imagens idealizadas de família.

No primeiro momento, cada participante escolheu livremente um dos três lugares possíveis, o *lugar de mãe* foi escolhido pelas mulheres (acompanhado pelo ego-auxiliar masculino), sendo produzidas duas imagens: a de "uma mulher grávida" e a de "uma mãe fornecendo o colo ao filho", diante do que, a diretora solicitou a fusão das mesmas, resultando em uma imagem bem semelhante à segunda ("uma mãe fornecendo o colo ao filho"). As pontuações, intitulações e compartilhamentos indicaram duas funções básicas ligadas à figura materna: "o amor incondicional pelo filho" e "a função nutridora e simbiótica entre mãe e filho", havendo sincronia entre o conteúdo expresso pelo subgrupo-protagonista e pelos demais (o do *lugar de filho* e o do *lugar de pai*).

O *lugar de pai* foi escolhido tanto pelos homens das duas famílias, como pelos dois pré-adolescentes da *família-verde*, sendo produzidas duas imagens diferenciadas por cada um destes pares, as quais foram fundidas no momento da apresentação. Os pré-adolescentes indicaram, no papel de pais, a relação pai-filho como uma relação assimétrica em que o pai oferece carinho, amor, proteção, segurança ao filho, igualando-a, neste sentido, à função materna. Outros aspectos emergiram como: o desejo de correspondência desse amor (o pai ser também amado pelo filho) e, ainda, a idéia de um pai que seria "*melhor*" que os outros, tendo prevalecido, na imagem plástica construída, a idéia de acolhimento do pai para com o

filho. Já os homens desse subgrupo apresentaram, inicialmente, a idéia de um pai como educador, seguindo-se a de pai como o “*melhor*” amigo do filho, tendo sido indicada, na imagem, a idéia de “um pai que ensina a partir de uma relação simétrica”. Os outros subgrupos perceberam como indicativo do lugar de pai o sentido de “*proteção*” e de “*diálogo*” e, na circulação da intitulação, o próprio subgrupo finalizou sua compreensão com os títulos de “*o melhor pai*” e o “*amigo que protege*”.

O *lugar de filho* foi escolhido apenas pelo filho único da *família-azul*, que reclamou o fato de estar sozinho neste lugar, sendo acompanhado pelo ego-auxiliar feminino, no aquecimento e na montagem da imagem plástica. Indagado se “*é bom ser filho*”, o pré-adolescente respondeu negativamente, justificando sua escolha por ser “*mais confortável*”, por dar “*menos trabalho*”, “*pra ficar mais folgado*” e “*ver os outros cuidando*” dele. Os demais subgrupos expressaram suas percepções – confirmando as intenções do autor da imagem – como um lugar de “*tranquilidade*”, “*despreocupação*”, “*proteção*” e “*colo*”, sendo finalizado o círculo de compartilhamento pela proposição do próprio integrante do subgrupo de que o lugar de filho era um lugar “*dependente*” e “*mais relaxado*”.

Todas as esculturas produzidas indicaram os papéis básicos de uma família nuclear (*pai, mãe, filho*) a partir das díades *pai-filho* e *mãe-filho*, não havendo representação do papel unitário (sem o seu complementar), nem da vinculação com outros integrantes da imagem que produziram⁵. As expressões se conservaram em torno de três conjuntos de idéias referentes aos papéis básicos propostos, tomados como idealizações iniciais da *família*: 1) o amor incondicional, a função nutridora da mãe, além da simbiose mãe-filho, considerada bela e desejável; 2) a função paterna de protetor e a busca de simetria na relação pai-filho; 3) o lugar protegido do filho e a sua condição de dependente.

Na continuidade desta sessão, iniciou-se a montagem da escultura do conjunto familiar. Após solicitação da diretora para a fusão das imagens, os membros de cada família foram, espontaneamente, tomando lugar em duas esculturas, a partir da imagem do lugar da mãe. Solicitados a nomearem o significado da imagem final que estavam apresentando, a *família-verde* utilizou as seguintes intitulações: “*afeto*” (Valter), “*apertado*” (Vicente), “*aprendendo*” (Vinícius) e “*o dom da vida, de dar a vida*” (Vilma). Já os membros da *família-azul* indicaram os

⁵ A vinculação entre dois filhos indicaria o papel de *irmão*, a vinculação entre pai e mãe traria à representação a parceria entre os dois na relação com o filho, além da vinculação do *casal*.

seguintes títulos, para a mesma escultura: “*confidente*” (Artur), “*o amor, a família*” (Alberto) e “*o cuidar*” (Aline). Cada grupo teve, a seu turno, a oportunidade de, a partir da primeira escultura, ir modelando, “no corpo da família” (i.e., nos corpos de cada membro da família que são tomados como um só corpo a ser modelado), as transformações que experimentavam sobre seus próprios sentimentos, percepções e complementaridades.

A transformação da escultura de família por parte da *família-verde* iniciou-se com a mudança de lugar do Vicente, que expressou “*apertado*” na primeira escultura (e que sustentava uma disputa de lugar com o Vinícius, que estava perto da mãe) e a conseqüente mudança do lugar do Valter, o qual estava sendo convidado (com insistência) pelos demais membros da família para tomar lugar mais próximo à sua mulher, protegendo-a. No processo de intitulação, em certo momento da co-construção da escultura, a *família-verde* apresentou expressões como: “*conforto*” (Vicente), “*amor, proteção*” (Vinícius), “*afeto, carinho*” (Valter), “*protegida, com o apoio do pai, e, ao mesmo tempo, dando amor e carinho*” (Vilma), sendo expresso pela *família-plateia* (*família-azul*): “*proteção, união*” (Alberto), “*a família mesmo*” e “*o sentido de família*” (Aline).

As intitulações indicaram no contexto da ação dramática dos protagonistas o sentido de “*desconforto*” para a posição do Valter, mobilizando todo o conjunto familiar em busca de novos posicionamentos, culminando com a compreensão de que Vicente estava ficando crescido para caber no colo de sua mãe. As novas esculturas da *família-verde* foram favorecendo a percepção de um conjunto familiar disfuncional, a respeito do que Vinícius compartilhou: “*Eu acho que (está melhor) pro meu pai, não é? E, por último, pra minha mãe porque ela está carregando esse bebezão aí (referindo-se ao irmão Vicente)*”. A este respeito, Vilma reforça: “*É, eu concordo*”, seguida pela imitação de choro de bebê por parte de Vicente, e pela declaração final de Vilma: “*Mesmo estando em posição desconfortável, a gente agüenta, a gente carrega*”. Aline concorda (“*Faz parte*”), enquanto Valter insiste: “*Eu acho que dá pra encontrar uma posição que seja confortável pra todo mundo...*”.

Seguem-se algumas pontuações de que “*a mãe é o centro*” da família, e que “*o colo é com a mãe, e, aí, precisa dividir*” (Artur); de que “*a galinha aninha todos os pintinhos debaixo das asas*” (Aline). As imagens plásticas denunciam o desconforto que é sustentar uma família desta forma: “*Ai! Pára de ficar me empurrando! Está me enforcando!*” (Vicente para Valter),

“Pai, seu joelho está batendo nas minhas pernas!” (Vinícius para Valter). Neste contexto, uma reflexão final segue-se por parte de Valter, partícipe da primeira *família-protagonista*:

O homem, ele tem uma renúncia muito grande com relação ao espaço que ele tinha dentro da família (...). A família, ela é constituída – presume-se – do amor de um homem e uma mulher. No momento em que vêm os filhos, começam as dificuldades, as responsabilidades, e tal. Então, muitas vezes, é colocado pra o homem um papel de mantenedor, de suportador, de apoiador e esquece que ele tem uma co-relação. A relação foi construída a partir do afeto que ele dava e que ele recebia (...), Quer dizer que eu não estou aqui só pra suportar, só pra estar atrás e dar apoio a todo mundo. Eu quero receber carinho. Eu quero estar no contato (...), Eu estava longe dos meus filhos. Eu gosto de estar junto deles também. E eu não quero só estar apoiando. Eu quero receber afeto. Eu quero receber carinho. Eu quero estar próximo (Valter, primeira sessão).

A *família-azul* passa, então, a protagonizar o sentido de família, reconstruindo a sua escultura inicial proposta na fusão dos posicionamentos de *mãe*, *filho* e *pai*. Alberto sugere, inicialmente, que deveria ser Artur o primeiro a alterar o seu lugar na escultura, sendo interrompido pela mãe, que propõe a mudança de posição do próprio Alberto (“*Não! É você (...)* Coloca aqui a cabeça no meu colo. Você fica quietinho aqui!”). Diante disto, Artur intervém junto a Aline (“*Não... Fique com ele assim... Fica assim de frente, senão, não vai ver*”), enquanto Alberto resiste às sugestões a ele recomendadas (“*Não! Está bom!*”). Por fim, os adultos refletem sobre suas posições: “*Acho que, para mim, é uma posição que eu me sinto confortável, de dar esse apoio (...). Dando apoio, mas também de estar um pouco mais próximo...*” (Artur) e “*Eu acho que é o nosso movimento, é o que acontece no nosso movimento* (referindo-se à dinâmica cotidiana da família). *A gente está sempre junto*” (Aline), enquanto Alberto continua a insistir em mudanças: “*Mais unido!*”.

No processo, a diretora sugeriu (como fizera com a primeira *família-protagonista*) uma reflexão específica sobre a cena representada na imagem e a sua aplicação ao dia-a-dia da família: “*Em que lugar da história de vocês isso acontece?... Em Brasília?*”. A primeira *família-protagonista (família-verde)* respondera “*muito à noite*” (Vinícius), “*na cama*” (Valter), “*aqui em casa (referindo-se a Brasília)*” (Vicente). Na seqüência, seguiu-se, na citada família, a constatação de uma mudança histórica em referência a Valter, a saber: “*antigamente meu pai era estressado*” (Vinícius), evidenciando o incremento da *familidade* que os membros desta família relatam virem experimentando.

Diante da mesma questão dirigida à *família-azul*, Alberto também denunciou – ratificado pela mãe – que a cena fotografada se revelava “*mais (no) fim-de-semana*”, o que fez emergir também, por parte de Artur, a reflexão seguinte:

na realidade, a gente tem aquele apoio, mas não é um contato sempre físico (...). Às vezes, eu na pós, tem dia que eu não vejo o Alberto (...). Mas sempre tem aquela história ou de dar alguma coisa ou de ligar (...). Eu nunca viajo... Então, é aquela coisa da presença, do apoio, mas não necessariamente físico, ou de muito. A gente acabou adaptando. Temos outra forma de mostrar que está junto, apoiando, e existe essa dependência um pouco, de um apoiar o outro (Artur, primeira sessão).

Na mesma linha, Aline, baseando-se em sua própria experiência de estar fora de casa à tarde (devido ao seu trabalho) complementa: É “*como se ele tivesse presente também (...). não estou sentindo que está faltando nada pelo fato dele estar trabalhando o dia todo e dar aula à noite. A gente está junto, ninguém está separado pelo fato dele estar fora de casa*”. Mas, após reticências em sua fala, questiona o filho: “*O que é que tu acha, Alberto? Como é que você sente? Tu acha que o fato de teu pai ficar o dia todo fora trabalhando, tu sente alguma coisa (...), tu sente falta dele?*”. Ao que Alberto respondeu: “*Sinto. Fora o dia todo, como é que não sente?*”. Mesmo efetivando, no diálogo, a denúncia, e confirmando – diante da interferência da diretora – que desejaria um “*outro lugar melhor*” na cena de família que

representaram (em que sua posição é próxima à sua mãe, a qual, por sua vez, está próxima ao marido), Alberto não transforma a imagem (“*Não! Deixa assim!*”), ainda que estimulado pelos seus pais para fazê-lo.

Primeiramente, evidenciam-se as formas de acolhimento, as complementaridades em busca da *familidade*, o modo grupal/circular da família se vincular. No entanto, as primeiras representações (diádicas) foram compostas pela via da continência incondicional da mãe, da busca de simetria na posição do pai e de conforto do filho. Na configuração familiar são indicadas (especialmente na *família-verde*, de quatro membros) as representações do casal e do irmão, e isto diante das forças competitivas da simbiose mãe-filho: Valter fora, insistentemente, solicitado a dar continência à mãe, possibilitando maior tranquilidade desta no ato de acolher os filhos, “*mesmo sendo pesado*” (como a mesma refere), suscitando a denúncia, por parte de Valter, sobre a falta de espaço para o casal. Da mesma forma, os filhos deste casal competem (enquanto irmãos) pela continência ou acolhimento da mãe. A atitude de Valter indica sua colocação entre, podar as solicitações dos filhos, por um lado, e investir no espaço do casal, por outro.

A imagem da segunda *família-protagonista (família-azul)*, embora semelhante à da primeira (“homem dando suporte e continência à mulher e esta ao filho, ou filhos”), mobilizou, de forma diferente, seus integrantes, observando-se a solicitação de Aline para que o filho, em seu colo, ficasse quieto, enquanto este esboçava ações e posições que indicavam seu desejo de conseguir mais continência por parte da figura paterna. Esboça-se também, a partir da fala de Aline, um sentido de “presença transcendente” (estando fisicamente ausente), a partir da qual afirma o encontro familiar cotidiano.

A referência básica da *familidade* se diferenciou nas diversas relações que entraram em jogo nas “Dinâmicas de Pertencimento” que se objetivou compreender nesta primeira sessão sociodramática. A busca do casal, a busca do pai, a busca da mãe, a rivalidade entre os irmãos e a busca do conjunto familiar em si foram dinâmicas próprias da vivência das famílias do estudo, indicativas da *familidade* migrante.



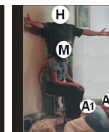





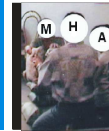


2. Sessão Sociodramática II: “Historiodrama da Migração”

A segunda sessão sociodramática objetivou a narrativa dramatizada das histórias de migração vivenciadas pelas famílias pesquisadas, possibilitando a compreensão dos marcos emocionais vivenciados como família na transição da pertença social, a partir do que foi possível compreender melhor os pertencimentos no processo migratório.

Como aquecimento específico para a produção dramática, foi solicitado a cada família da pesquisa que identificasse alguns momentos pontuais de sua experiência de migração a Brasília, traduzindo-os em “imagens ou cenas paradas” (esculturas), representando, na seqüência, “capítulos de sua história”. A compreensão sobre o significado das produções dramáticas e dos marcos emocionais vivenciados, foi sendo compartilhada entre as famílias, por meio de “intitulação” e de “pontuação” (tal como definidas anteriormente) conferidas às esculturas.

Cada família, por seu turno, protagonizou, através da produção dramática, a sua história de migração, em um palco imaginário, assumindo a outra família o papel de platéia, cuja função era atribuir, também conjuntamente, um título a cada uma das imagens plásticas apresentadas (conforme Quadro 2).

Quadro 2. Histórias Dramatizadas da Migração.

	Vinculação	Desligamento		Transição	Nova Vinculação		Duplo Pertencimento	Legenda: M – Mulher H – Homem A – (pré)Adolescente
	01	02	03	04	05	06	07	
	Em Fortaleza	Saída de Fortaleza	Primeira Migração	Indo para Brasília	Chegando em Brasília	Vivendo em Brasília	Indo para Fortaleza	
Família Verde		Tristeza e surpresa 	Não valeu a pena 	Ele assumiu o controle 	Mais família mais estável 	Esilo de vida em Brasília 	Indo para Fortaleza 	
Família Azul	Adaptado em Fortaleza 	Expectativa do Novo 		Unidos Construindo Alguma Coisa 	Acolhidos na Casa 	Recompensa de ter chegado 		

Numa primeira observação, tem-se que a *família-verde* compôs a sua história de migração enfatizando os seguintes fatos: 1) Saída de Fortaleza, 2) Primeira Migração (para Recife), 3) Migração para Brasília, 4) Chegada a Brasília e 5) Férias em Fortaleza; tendo, a *família-azul* enfatizado um fato a mais e dois a menos que a *família-verde*, a saber: a ênfase dada pela *família-azul* à sua moradia em Fortaleza, mas não às férias em Fortaleza; e a não experiência de uma segunda migração, tal como se deu com a *família-verde*. Tais fatos indicaram atos diferenciais ligados a perdas e ganhos vinculares e/ou à necessidade de transformação vincular, de adaptação ao novo, tendo sido tomada como chave-analítica, a *vinculação das famílias às duas cidades*.

Diante disso, chegou-se à seguinte compreensão (os capítulos das duas histórias referem-se a): vinculação antiga (a Fortaleza), desligamento (de Fortaleza), transição de pertencimento, nova vinculação (a Brasília) e, por fim, a possibilidade de um duplo pertencimento, em que as famílias teriam evidenciado vínculo com Brasília e que mantinham ainda ligação afetiva com Fortaleza. A partir do movimento/da dinâmica de *vinculação, desligamento, transição, nova vinculação, duplo pertencimento* estabeleceu-se o sentido de pertencimento para as histórias das migrações.

Nas esculturas produzidas (Quadro 2), não foi indicada a vinculação da *família-verde* com a cidade de Fortaleza, como acontece com a *família-azul*, embora na última imagem somente, a primeira família tenha representado as viagens de férias para a cidade natal, demonstrando manter um vínculo com a cidade de origem ao final do processo, enquanto a outra família, que indicara um maior apego a Fortaleza (tomando-se como base a primeira imagem do Quadro 2), não fez registro deste processo (nem mesmo no diálogo entre eles). De fato, a *família-azul* investiu as duas primeiras produções para indicar sua condição afetiva/emocional junto a Fortaleza, tendo que, na primeira imagem (Quadro 2), cada um dos três membros da família, demonstrou estar feliz na cidade e, depois, na segunda imagem, com a notícia da partida, a mulher e o pré-adolescente aparecem entristecidos, enquanto o homem assume uma posição indicativa de manter a família na direção de “ir em frente”.

A *família-verde* iniciou a representação das imagens pela sua saída de Fortaleza e investiu duas imagens para representar o desligamento de Fortaleza (enquanto a *família-azul*

investira apenas uma), até porque, a migração da *família-verde* se deu, historicamente, em duas etapas: de Fortaleza para Recife, de Recife para Brasília (êxodo que durou cerca de um ano). Como a *família-verde* não foi bem sucedida na primeira migração para Recife (segunda escultura do Quadro 2), o significado afetivo maior da passagem por Recife – tomando-se como referência o processo da migração como um todo – foi reforçar a saída de Fortaleza (desligamento do vínculo à cidade de origem) e despertar sonhos para uma nova cidade (uma nova vinculação), tal como foi compartilhado pela família no sociodrama. Neste sentido, pode-se dizer que este fato (a segunda migração) implicou em cenas de desligamento da cidade de Fortaleza por parte da *família-verde* que a *família-azul* não experimentou.

Observando-se ainda o Quadro 2, percebe-se que, no desligamento em ambas as famílias, as mulheres aparecem entristecidas por deixarem sua terra natal, enquanto os homens tomam a direção, talvez pelo fato de que a migração foi, nos dois casos, motivada pelo emprego dos homens. Além disso, a terceira escultura de cada família, representativa da fase de transição da migração, recebeu como intitulação: “*unidos, construindo alguma coisa*” (sobre a *família-azul*) e “*ele assumiu o destino*” (referindo-se ao homem da *família-verde*). O que se percebe é que a representação da *família-azul* associa-se ao trabalho coletivo e a *família-verde* a um clima familiar de confiança para o futuro, em que o homem teria assumido esse papel de dar segurança à família.

Também as vinculações à nova cidade se expressam de forma diferenciada: a *família-verde* manifesta uma vinculação ativa (a escultura representa um dia de lazer em casa, no Quadro 2) e, a *família-azul*, certa passividade, apresentando uma cena de “sono” (“descanso”, no mesmo quadro), como consequência do trabalho para chegar ao novo lugar.

Observando-se ainda as produções dramáticas da experiência desde a transição até a nova vinculação, percebe-se que a *família-azul* expressou a seqüenciação “trabalho-descanso-recompensa”: trabalho para viajar (transição), descanso da fadiga da viagem (nova vinculação) e recompensas pelo esforço empreendido (nova vinculação). Por outro lado, analisando-se as intitulações fornecidas pela própria *família-azul* à *família-verde*, tem-se que, a transição (terceira imagem do Quadro 2) foi intitulada “*ele assumiu o destino*” e a nova vinculação (quarta e quinta imagens do mesmo quadro) receberam como títulos “*mais família, mais estável*” e “*estilo de vida em Brasília*”. Desta forma, a seqüenciação da *família-verde* na

experiência de transição à nova vinculação, foi “segurança-estabilidade-adoção” (i.e., segurança que o pai teria oferecido à família na transição, estabilidade da família na chegada a Brasília e adoção do estilo de vida de Brasília).

Sintetizando-se a análise até o momento sobre as experiências das famílias em seus processos de migração, destaca-se o seguinte:

- **A família-verde:** experiencia um êxodo intermediário entre Fortaleza e Brasília, havendo um reforço do desligamento da cidade de origem e uma renovação de expectativa de nova vinculação, possibilitando, na passagem para a cidade destino: a renovação da confiança, a estabilização da família e a adoção do novo lugar; há a indicação de uma dupla vinculação.
- **A família-azul:** entra na migração com a experiência de vinculação a Fortaleza, entendendo-a como uma oportunidade de trabalho e, portanto, como uma equipe de trabalho enfrenta a transição de vida, recebendo o descanso e a recompensa merecidos ao ingressarem na nova cidade. Não houve oportunidades de vivenciar o duplo vínculo. Dessa forma, na sessão seguinte, diante da situação da família que ficou identificada como “*dualidade*”, Aline expressou a idéia de ter, como família, mais vivência em viagens Brasília-Fortaleza-Brasília.

Percebe-se também, na *família-verde*, um senso diferenciado de unidade, de convergência afetivo-familiar, notificado inclusive pela intitulação dada pela *família-platéia* (“*mais família, mais estável*”). A imagem da *família-verde* referente à vida em Brasília evoca mais uma vez o senso de *familidade* – algo como um dia de lazer em casa: o homem na churrasqueira, a mulher na piscina e os irmãos brincando juntos. Em contrapartida, a imagem finalizadora da *família-azul* evoca a idéia de recompensas individuais da *família-azul*, a saber: conhecimento para a mulher, dinheiro para o homem e descanso para o pré-adolescente. Isto também indica uma forma diferenciada de vinculação no próprio conjunto familiar, ou seja, a *família-azul*, trabalhado em conjunto (“*unidos, construindo alguma coisa*”) por recompensas individuais (conhecimento, dinheiro e descanso), e a *família-verde* expressando vivências em

conjunto ("*mais família, mais estável*") para obter recompensas coletivas (diversão em família). A primeira forma de *familidade* pode-se denominar unidade produtiva (tal qual uma equipe de trabalho), e à segunda, unidade afetiva.

O Historiodrama indicou ainda as respostas afetivas que as famílias expressaram em cada uma das fases da migração, observando-se, igualmente, seqüências esclarecedoras, extraindo-se dos fatos históricos, os atos de transformação pelos quais as famílias foram afetadas, do que se pode afirmar que a história dramatizada da migração favoreceu a percepção tanto dos pesquisadores, como dos participantes para o sentido de suas experiências.

Seguindo-se, então, as expressões reveladas nas esculturas da *família-verde*, percebem-se as seguintes seqüências de emoções: 1) ambivalência ("*tristeza x surpresa*"); 2) insatisfação ("*não valeu à pena*"); 3) segurança/confiança ("*ele assumiu o destino*"); 4) unidade afetiva ("*mais família, mais estável*"); 5) adaptabilidade ao novo ("*estilo de vida em Brasília*") e 6) vinculação ao antigo ("*indo para Fortaleza*").

De igual modo, seguindo-se as expressões reveladas nas imagens produzidas pela *família-azul*, pode-se compreender que a sua experiência foi marcada pela seguinte seqüência de emoções: 1) vinculação ao que foi deixado ("*adaptado em Fortaleza*"); 2) ambivalência, divergência de sentimentos ("*expectativa do novo*"); 3) unidade produtiva ("*unidos, construindo alguma coisa*"); 4) descanso ("*acolhidos na casa*") e 5) compensação ("*recompensa de ter chegado*").

De acordo com Moreno (1993a), as respostas afetivas nas escolhas sociométricas se dão dentro das seguintes possibilidades: aceitação, rejeição e ambivalência ou indiferença. A partir das possibilidades vinculares estudadas por Dias (1994), pode-se incluir ainda uma outra resposta específica, a saber, a compensação (i.e., substituir vinculação interpessoal por vinculações a situações que ofereçam algum suporte pessoal).

Aplicando tal compreensão à seqüência de imagens expressivas produzidas pela *família-verde*, obtém-se um sentido sociométrico para o movimento de respostas observado, que são: 1) ambivalência, 2) rejeição (insatisfação), 3) aceitação do papel paterno de dar segurança (segurança/confiança), 4) aceitação da afetividade interna, da própria família (unidade estabilizadora), 5) aceitação do novo (adaptabilidade ao novo), 6) vinculação ao

antigo. Aplicando as mesmas possibilidades à *família-verde*, compreende-se que a sua afetividade se expressou da seguinte forma: 1) vinculação ao antigo, 2) ambivalência (ou divergência interna de sentimentos na partida), 3) aceitação da afetividade interna, do que a família pode produzir (unidade produtiva), 4) indiferença (sono), 5) compensação.

Assim, e de um modo geral, as imagens indicaram que, embora as duas famílias tenham atravessado as fases de desligamento do antigo lugar, transição vincular e adoção do novo lugar, há diferenças marcantes na experiência. Alguns fatores gerais podem ser pensados para as diferenças observadas: a experiência mais dramática de desligamento da terra-natal por parte da *família-verde*; a conseqüente expectativa da migração a Brasília como segunda chance de superação de vinculação com a primeira; a decorrente vivência mais unificada como família na nova saída de Fortaleza. A opção de um menor vínculo com Fortaleza por parte da *família-verde* (devido à ausência desta imagem na produção dramática da família) não se sustenta frente às escolhas afetivas que eles fazem, com muito maior ênfase do que a *família-azul*. De fato, a *família-verde* não representou o apego à vida em Fortaleza, mas investiu em imagem de retorno à cidade (última imagem), enquanto o contrário se deu com a *família-azul*.

Percebe-se, na atribuição de títulos às imagens plásticas produzidas pela *família-protagonista*, que os mesmos guardaram íntima correspondência com os fatos históricos que subsidiaram a elaboração das cenas apresentadas, mesmo sem o conhecimento prévio destes por parte da *família-plateia*. Tal situação encontra apoio teórico na indicação de que os processos télicos (de incremento da reciprocidade nas expressões e percepções compartilhadas) são próprios da relação circular em emergência nos procedimentos de pesquisa aqui adotados, os quais aproximaram, pelo compartilhamento, as experiências vivenciadas.

Assim, o Historiodrama favoreceu a percepção tanto dos pesquisadores, como dos participantes do sentido de suas experiências, possibilitando que se extraíssem dos fatos históricos, os atos de transformação pelos quais as famílias migrantes foram afetadas. De modo prático, este método de análise forneceu foco sobre as respostas afetivas que as famílias expressaram em cada uma das fases da migração, bem como as seqüências vinculares vivenciadas na constituição de um novo pertencimento, apontando para o que poderia ser essa

condição atual (o senso de pertencimento frente aos lugares de origem e de destino). No caso da *família-verde*, que expressou sua experiência até a fase de duplo-pertencimento, foi possível perceber mais claramente esta condição. Entende-se, então, a necessidade de se definir as vinculações das famílias no que diz respeito às suas ligações afetivas concretas hoje, objetivo alcançado na terceira sessão sociodramática.

3. Sessão Sociodramática III: “Sociometria da Migração”

A terceira sessão sociodramática propôs a confecção de um “mapa afetivo” das famílias do estudo em que se percebesse o átomo social (Moreno, 1992b) indicado pelas suas relações significativas, esclarecendo a natureza do seu pertencimento social, frente aos sentimentos decorrentes do duplo-pertencimento (Fortaleza-Brasília). A sessão transcorreu na seguinte seqüência:

- Escolha e recorte de figuras de revistas representativas dos membros de cada família por parte da própria pessoa;
- Escolha e recorte individual de figuras representativas de três pessoas afetivamente significativas para cada membro de cada família (fora do núcleo familiar);
- Solilóquios individuais sobre a escolha das pessoas afetivamente significativas;
- Elaboração, por família, do átomo social atual da família, através da colagem dos recortes de revistas, em uma folha de papel de 100 x 60 cm (representativo do espaço simbólico de Fortaleza a Brasília – mapa afetivo);
- Solilóquios individuais antes da colagem final do recorte no mapa;

- Apresentação do mapa afetivo de cada família a uma platéia (formada pela unidade funcional e pela outra família);
- Entrevista da platéia (com cada família, a seu turno) sobre os vínculos afetivos revelados na apresentação do mapa afetivo;
- Intitulação dos mapas pelos próprios autores;
- Compartilhamento final sobre os sentimentos vivenciados na produção dramática.

Logo após o recebimento de uma folha papel para cada grupo familiar, para a representação do mapa afetivo, ambas as famílias escreveram de cada lado do papel, o nome das cidades referidas (Brasília e Fortaleza), tendo a *família-azul* traçado, com tinta, uma linha divisória, por sugestão de Alberto. Todos os integrantes desta família (a *família-azul*) escolheram dois ou três recortes de figuras para se representarem, identificando, assim, as diferenças que percebiam em si mesmos em cada uma das regiões do mapa: **Alberto**, no computador em Brasília, e desportista tanto em Fortaleza como na linha divisória; **Aline**, meditativa em Brasília, praiana em Fortaleza, e arrumada e serena na linha divisória; **Artur**, cantor em Fortaleza e sereno na linha divisória.

Da *família-verde*, somente Vilma usou este recurso, escolhendo duas representações para si: na praia (em Fortaleza) e no escritório (em Brasília) – lembrando que a mesma aguardava convocação de concurso prestado, na ocasião da pesquisa. Na Figura 3, estão indicadas as escolhas sociométricas das duas famílias do estudo (na cor cinza). A ocorrência de dupla ou tripla representação do participante na confecção do átomo resultou na repetição das cores designadas para cada um deles: azul para os homens, vermelho para as mulheres e amarelo para os pré-adolescentes (escuro para o mais velho e claro para o mais novo).

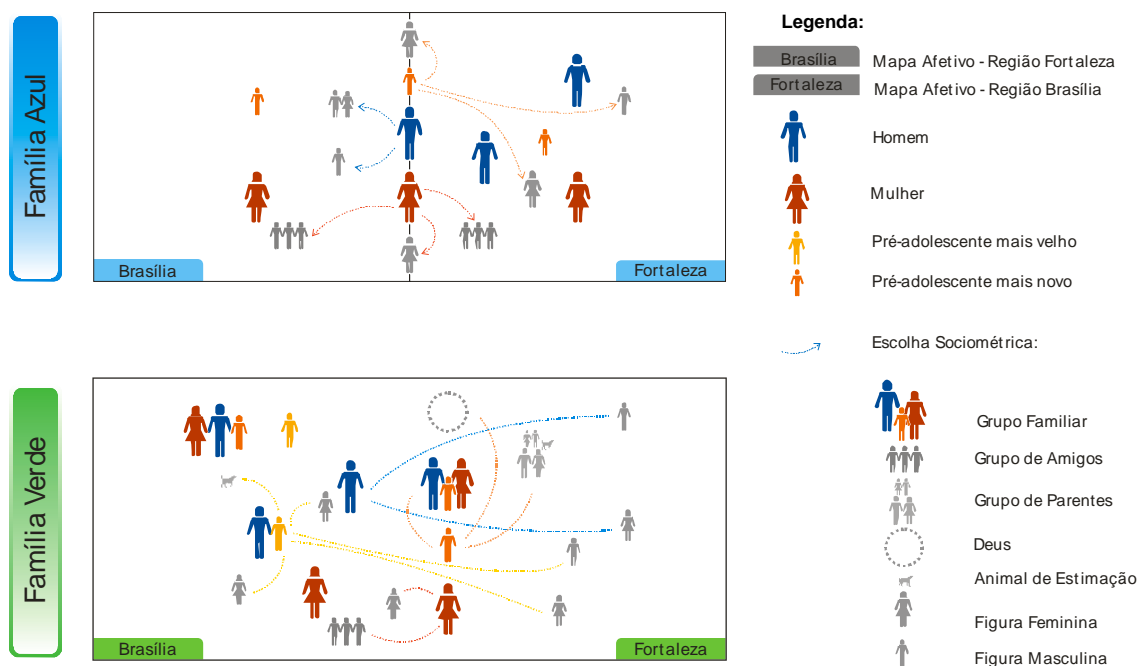


Figura 3. Escolhas Sociométricas das Famílias.

De um modo geral, todos os participantes escolheram parentes bem próximos como pessoas significativas, menos Aline, que declarou:

Antes eu ficava na ilusão de que ia mudar, agora a família não é mais coisa importante na minha vida... (o que é importante) é minha família (meu núcleo familiar), meu marido, meu filho e os amigos... minha madrinha, lá de Fortaleza, ela... tem um papel de mãe... me apóia, é meu porto seguro (Aline, terceira sessão).

Os amigos foram referidos apenas pelas mulheres e, estes, representados em grupos (da igreja, do curso de música, da especialização, etc.). Já os dois pré-adolescentes da *família-verde*, Vinícius e Vicente, escolheram a família e/ou pais (embora tenha sido dito que a escolha seria individual e em relação a pessoas fora da família), entendendo-se como uma atitude de marcação de seus lugares junto aos pais (concorrência sociométrica). Estes também escolheram seus cachorros. Deus foi referido por Vinícius. Artur escolheu seu primeiro chefe em Brasília (que também é uma figura religiosa).

A *família-azul* representou suas escolhas da seguinte forma:

⇒ **Artur**

Em Brasília:

- seu pai (embora resida em Fortaleza), apresentando como *“uma pessoa que esteve muito presente, eu acho que até demais”*;
- sua mãe (já falecida, apresentada na mesma gravura do pai, como casal), referindo que *“na questão de mostrar os caminhos, o pai foi bem mais presente”*;
- seu chefe quando da chegada a Brasília (*“que representa o trabalho me acolhendo”*).

Em Fortaleza:

- seu irmão (*“eu acho que o meu primeiro papel de pai foi com o meu irmão”*).

⇒ **Aline**

Em Fortaleza:

- os amigos (*“meus amigos têm um papel fundamental... substitui pai, mãe, irmão. Eu não tenho mãe nem pai. A irmã que eu tenho a gente não se dá bem e é bem velhinha... É só pra contar problema, pra pedir dinheiro”*).

Em Brasília:

- os amigos do curso especialização.

Na linha divisória entre Fortaleza e Brasília:

- a madrinha (um recorte com duas pessoas, em que ela mesma estaria ao lado da madrinha).

⇒ **Alberto**

Em Fortaleza:

- seu avô paterno, que *“fica sempre na fazenda”*;
- sua avó paterna (falecida), que *“fica muito na cozinha”*.

Na linha divisória entre Fortaleza e Brasília:

- sua tia-avó materna que *“gostava muito de fazer brincadeira”*.

A família-verde representou suas escolhas da seguinte forma:

⇒ **Valter**

Em Fortaleza:

- seu pai, e
- sua mãe: “*Só esses dois. São as duas pessoas mais significativas depois da minha família*”.

⇒ **Vilma**

Em Brasília:

- sua mãe (embora resida em São Paulo), referindo-se (com choro) que a primeira pessoa que lhe veio à mente foi o seu pai, falecido recentemente, mas que sua mãe “*está conseguindo substituir*”;
- as amigas (do Banco, da igreja, da escola de música) que “*são muito importantes na minha vida*”.

⇒ **Vinicius**

Em Fortaleza:

- seus avós, tios, primos e os cachorros (uma só gravura para todos; os cachorros residem em Brasília).

Na linha divisória entre Fortaleza e Brasília:

- seus pais (em uma só gravura, em que há um adolescente ao qual refere no primeiro solilóquio como seu irmão, mas ao final, como ele mesmo);
- Deus.

⇒ **Vicente**

Em Fortaleza:

- sua avó paterna;
- seu avô paterno;
- sua avó materna (embora resida em São Paulo; escolha repetida em Brasília).

Em Brasília:

- sua avó materna (embora resida em São Paulo; escolha repetida em Fortaleza);

- seu cachorro (desenhou durante a apresentação);
- sua família (desenhou durante a apresentação, representando-se distante dos demais).

Numa análise preliminar e geral, percebe-se uma forte seletividade nos membros da família, apresentando uma quantidade pequena de escolhas afetivamente significativas. Pelos comentários, observando-se rejeições afetivas (em que alguns parentes, por exemplo, são evitados), primando-se pela “a boa distância”. Segundo Singly (2007), esta ocorrência é comum nas famílias contemporâneas, decorrente da focalização concomitante nas pessoas e nas relações, em que a “*reapropriação voluntária dos laços de parentesco (acarreta) uma nova exigência no domínio das relações, que devem ser vividas como uma escolha e não como uma pressão*” (pp. 115-116).

Quanto à relação das escolhas com o lugar (Fortaleza, Brasília ou “a linha do meio”), a sociometria da *família-azul*, revelou o seguinte: **Artur** privilegiou Brasília, na medida em que colocou, nesta cidade, seu pai (que reside em Fortaleza) e sua mãe (já falecida), escolhendo uma terceira pessoa residente em Brasília (seu primeiro chefe), colocando apenas seu irmão em Fortaleza, onde este realmente reside. Artur não representou nenhuma escolha na linha do meio; enquanto **Aline** colocou a madrinha nesta região, expressa pela mesma como um lugar de indica maior aproximação afetiva: “*A linha do meio, não é Fortaleza nem Brasília. É a que está comigo, no dia-a-dia*”. Nas regiões de Fortaleza e de Brasília, Aline colocou um grupo representativo (respectivamente, os amigos da praia e os da especialização), indicando uma relação genérica, e não, pessoa a pessoa. **Alberto**, por sua vez, não escolheu os avós maternos (confirmando não ter tido a herança materna dessa vinculação), e sim, os avós paternos, mantendo-os no mapa em Fortaleza, cidade de origem dos mesmos. No entanto, na sua representação, trouxe uma tia-avó materna (de Fortaleza) para Brasília, indicando seu interesse em um representante materno afetivamente mais próximo.

A análise sociométrica da *família-verde* em relação ao lugar ao qual dirigiram suas escolhas destaca o seguinte: **Valter** se colocou em Brasília e escolheu seus pais, residentes em Fortaleza, onde também os manteve no mapa afetivo. **Vilma** se colocou em Brasília em uma gravura com contexto de escritório e se colocou também na região intermediária entre Fortaleza e Brasília, em um contexto de praia. Todas as suas escolhas foram colocadas em

Brasília, sintetizando-as em um grupo de amigos e na sua mãe, a qual representou afetivamente perto⁶. Vilma, no momento da pesquisa, processa o luto do pai e talvez a não escolha por Fortaleza indique um reposicionamento afetivo influenciado por esta perda, sendo ela a única da família que se colocou duas vezes no mapa: em Brasília e na região central.

Vinícius também revela não ter recebido herança significativa de vinculações em Fortaleza, referindo inclusive, no primeiro solilóquio, seu primeiro pensamento de ter escolhido “*uma pessoa que representasse um amigo meu... todos os amigos... em Fortaleza, eu não tenho amigos*”; mas, ao final, não os representou. Manteve os parentes de Fortaleza na cidade de origem, representando-os em conjunto (uma única gravura com dois adultos e dois jovens, e ainda um cachorro que inclui na representação de sua escolha, embora os seus residam em Brasília). A região mais reforçada por Vinícius é a região do centro na qual se coloca (sozinho e com os pais) e coloca Deus (representado pela natureza).

Vicente também se colocou em Brasília (sozinho, junto ao pai, distanciado de toda a família). Suas primeiras referências foram os avós paternos, localizando-os no lugar mesmo onde residem – em Fortaleza. A avó materna, no entanto, a colocou tanto em Fortaleza como em Brasília, embora esta resida em São Paulo. Suas escolhas de Brasília foram a família e o cachorro. A *família-verde* deixa claro que o seu lugar de referência é Brasília. Somente Vinícius não se coloca em Brasília (coerente com seus planos de ir para o Canadá, como indica na sessão seguinte) e sim na região central, onde sua mãe também se coloca (além de se colocar também em Brasília).

Analisando a auto-colocação dos participantes no mapa afetivo (bem como de suas escolhas afetivas), pode-se entender melhor o significado afetivo do mapa de cada família, frente aos significados expressos membro por membro. Para **Artur**, Fortaleza representa uma referência histórica (que suscita uma homenagem de sua parte ao seu pai, como uma pessoa presente “*até demais*”); encontrando, neste lugar também, o seu lazer; sendo Brasília “*a cidade que me acolheu*” (tendo referências próprias, como o chefe “*que representa o trabalho me acolhendo*”). Para **Aline**, Fortaleza suscita um sentimento de família que decepcionou (“*Eu não tenho mãe nem pai. A irmã que eu tenho a gente não se dá bem e é bem velhinha... só pra contar problema, pra pedir dinheiro. E a minha família é muito desorganizada... a do Artur*

⁶ A mãe de Vilma começou a residir em São Paulo após a morte do marido, tendo passado a visitar a casa de sua filha com muito mais frequência do que quando morava em Fortaleza.

também"); indica nos amigos, o sentido maior de núcleo de pertença ("*meus amigos... substitui pai, mãe, irmão*"), representados em grupo. Já Brasília significa um lugar de crescimento pessoal, a linha divisória é o lugar da referência maior (a madrinha), que independe das circunstâncias, o lugar da Aline serena, madura. Para **Alberto**, Fortaleza traz referências de lazer, de praia, do avô "*na fazenda*", da avó (mesmo falecida) "*na cozinha*" – de família que acolhe; Brasília é o lugar do computador – de estudar, de descobrir; e, a linha do centro é o lugar da liberdade, da tia-avó materna que gosta "*de fazer brincadeira*".

Resumidamente, para Artur, Fortaleza é passado, não pretendendo construir nesta suas relações, mas em Brasília; expressa também uma busca de centralização de si mesmo. Para Aline, Fortaleza é um núcleo em resolução (da família para os amigos) e Brasília, o lugar de crescer; expressa também uma busca de serenidade, maturidade. Alberto concebe Fortaleza como um lugar acolhedor; expressa Brasília como um lugar em descoberta; explicita uma busca pessoal de liberdade, espontaneidade.

Para **Valter**, Brasília é lugar das relações feitas a partir da família que constituiu e Fortaleza, o lugar das relações feitas pelos seus genitores ("*as duas pessoas mais significativas depois da... família*"). **Vilma** demonstra estar em trânsito: coloca a si mesma (em um escritório) e a todas as suas escolhas na cidade de Brasília, estabelecendo-a, desta forma, como o lugar das suas expectativas profissionais e relacionais; coloca-se também na linha divisória (numa praia), expressando um sentido de busca e de franca mudança de sentido em suas relações (está aguardando a convocação de um concurso público em que foi aprovada e, após a morte de seu pai, sua mãe o "*está conseguindo substituir*"). Para **Vinícius**, Fortaleza é a referência genérica dos parentes, não tem vinculações em Brasília e manifesta uma busca existencial (referente aos grandes pertencimentos: Deus e os genitores). **Vicente**, como o irmão, tem em Fortaleza uma referência pessoal aos parentes. Brasília é o lugar da busca concreta por aceitação familiar (indica necessidade de aproximação da família, na medida em que a desenha com todos próximos e, ele distanciado); a concorrência com o irmão é, várias vezes, explicitada (imitações, oposição, etc.).

Resumidamente, para Valter, Brasília é o lugar da sua família e Fortaleza o lugar de seus pais. Para Vilma, Brasília é o lugar de expectativas profissionais e relacionais, não expressando vinculação em Fortaleza. Para Vinícius, Fortaleza é o lugar de referência aos

parentes (em sentido genérico), não expressando vinculação em Brasília. Evidencia ainda uma significativa busca existencial (grandes pertencimentos: Deus e os pais). Vicente concebe Fortaleza como lugar de referência aos parentes (em sentido pessoal, com relações concretas) e, Brasília, como o lugar da família, vivenciando-o como uma busca concreta de aceitação familiar.

Numa análise da vinculação ao lugar, por família, têm-se as seguintes indicações: para a *família-azul*, **Brasília** é a cidade em que pretende construir suas relações, lugar de crescer, um lugar em descoberta. **Fortaleza** é um núcleo em resolução, é referência de acolhimento. Além disso, a *família-azul* expressa uma busca de: centralização de si, serenidade e maturidade, liberdade e espontaneidade. A intitulação dada pela própria família ao mapa produzido, seguiu na seguinte ordem: “*Eu sou feliz!*”, “*A vida como ela é*”, “*Na fronteira do amor*” e “*Dualidade*”. Tal sentido se confirma na fala final de Artur: “*Fortaleza-Brasília acentua diferenças. Esse equilíbrio de trazer Fortaleza pra cá ou levar Fortaleza pra cá é bem mais difícil* (referindo-se à busca de unificação dos afetos que o mapa expressou como dualizados)”.

Para a *família-verde*, **Brasília** é um lugar de expectativas relacionais (para construir as relações da família) e profissionais, mas sem grandes vinculações concretas além da própria família, indicando que, na prática, é um espaço para se efetivar aceitação pessoal nuclear. **Fortaleza** é o lugar dos parentes (ou em sentido pessoal ou genérico) – o lugar associa-se a um tempo de busca e transições, a uma busca forte (concreta ou existencial) por pertencimentos (Deus, os pais, a família). Os títulos apresentados pela família ao mapa afetivo que produziram foram: “*Amizade*”, “*A Família*”, “*Nossa História*”, “*A vida é Bela*”, indicando a presença destes elementos e significados na dinâmica familiar.

Fazendo-se ainda uma análise dos valores dos homens (que motivaram a migração familiar), frente às suas escolhas afetivas, e de lugar, tem-se que: Brasília é o lugar em que estes pretendem construir suas relações (Artur e Valter) e Fortaleza é o lugar de referência aos pais (Artur e Valter). Há uma busca de centralização de si mesmo, por parte do Artur. Para as mulheres, a concepção nuclear de relação é significativa (o grupo de amigos como núcleo); e, neste contexto, a relação com Fortaleza, indica uma resolução enquanto núcleo ou se mostra esquecida momentaneamente. Brasília é lugar de expectativas profissionais e relacionais (Vilma), de crescer em geral (Aline). Há um sentido de transição (para Vilma) e de busca

(serenidade e maturidade para Aline). Para os pré-adolescentes, Fortaleza é um lugar acolhedor (Alberto) e de referência aos parentes (Vinícius e Vicente) e Brasília, um lugar em descoberta (Alberto), ainda sem grandes vinculações (Vinícius), um lugar para se inserir na família (Vinícius). Há uma busca pessoal de liberdade e espontaneidade (Alberto); de um sentido existencial do pertencimento (Vinícius); de busca concreta por aceitação familiar (Vicente).

4. Sessão Sociodramática IV: “Perspectivas Futuras da Família Migrante”

A última sessão sociodramática objetivou elaborar, dramaticamente, as expectativas futuras dos pesquisadores, enquanto famílias, favorecendo a expressão das relações sociais de cada família e de seus projetos dramáticos, bem como do compartilhamento de sentimentos de expansão social e das concepções de mundo emergentes do processo de migração.

Através da técnica de “Projeção para o Futuro” (Monteiro, 1998), o grupo imaginou sua vida (relações, sentimentos, concepções de mundo, projetos) cinco anos à frente (correspondendo ao ano de 2009). No aquecimento, cada família se reuniu em subgrupo para escolher a cena a ser dramatizada e distribuir os papéis individuais (e planejar os papéis coadjuvantes a serem oferecidos aos integrantes da outra família), narrando-a, em seguida, aos demais participantes. Na dramatização, a família ou o casal iniciou a cena, a partir do que, uma linha de ação foi sendo traçada (sem ensaio), seguindo-se da cena inicial sob a direção da pesquisadora, que interveio solicitando solilóquios, acrescentando cenas, introduzindo novos personagens (através dos egos-auxiliares) etc.

A cena escolhida pela *família-azul*, foi “o aniversário da Aline recebendo os convidados”; e a da *família-verde*, foi “um final de semana do casal em casa, recebendo os amigos” (estando os filhos estudando fora e fazendo, durante a cena, contato com a família, por telefone). Ao final da dramatização, foi solicitada a paralisação (uma espécie de transformação de cena em imagem/foto) da cena de desfecho, maximizando, assim, a percepção sobre os aspectos da *familidade* frente às novas inserções sociais que as cenas de futuro projetaram para a família.

Contextualizando a cena da *família-verde*: o casal Vilma e Valter prepara um churrasco para receber uma família amiga (representada pela *família-azul*). Quando todos já estavam em casa, o telefone tocou: era Vinícius, ligando do Canadá, onde foi fazer sua faculdade de medicina. Depois, o telefone tocou novamente e era Vicente, ligando de São Paulo, onde se prepara para fazer o ITA (Instituto de Tecnologia da Aeronáutica).

Na cena, Vinícius, com a idade projetada para 20 anos, está longe da família, “*no frio*”, mas se concentra no retorno que terá por aprimorar o conhecimento. Seu sentimento é de “*saudade da família*”, mas para seu auto-consolo, refere como o que “*também tem os amigos*” e que, “*quando chega os 20 anos é a idade dos filhos se separarem...*”. Vicente, aos 17 anos, expressa que precisa concluir certo trabalho. Pensando sobre si mesmo, indica: “*Se eu já cheguei até aqui eu sou bom; eu ganho um salário bom, mesmo estudando*”. Revela sentir saudades dos pais, um pouco do irmão, e dos amigos de Brasília. Vilma declara sentir-se “*dividida*”: “*Feliz de estar ao lado do Valter nessa caminhada, continuando juntos. Feliz pela reforma da casa. Triste pelos filhos longe. Queria que estivessem aqui com suas namoradas... mas, (queria mesmo que estivessem) bem*”. Valter expressa “*Só felicidade! Ver os filhos realizando os sonhos. Vinícius fazer medicina, ajudar as pessoas. Não parecia ser uma expectativa possível! Brasília, local que me acolheu, resgatou a felicidade depois do exílio em Recife... São... 14 anos em Brasília!*”.

No desfecho da cena, o casal termina se beijando e, no diálogo:

– “*Só nós dois de novo...*” (Vilma).

– “*Casamos pra isso! (...) Brasília que me acolheu e me recebeu! Tem sido um sonho...*” (Valter).

– “*Começamos juntos e continuamos juntos na caminhada, na luta!*” (Vilma).

A cena da *família-azul* refere-se ao aniversário de Aline, recebendo amigos em sua casa, onde comentam os projetos que o casal está pensando: Artur, fazendo doutorado; Aline, ajudando pessoas com psicoterapia; Alberto, colocando em discussão seu projeto de aperfeiçoar a arte do desenho (denominado “mangar”), em Tóquio. Os demais, da *família-verde*, se integraram da seguinte forma: Valter é colega do doutorado em contabilidade,

Vinícius é aluno de Artur. Vilma e Vicente são alunos de um grupo terapêutico do qual Aline é facilitadora. Segue o diálogo em que Alberto conversa com a família sobre seu projeto de estudar no Japão, assunto desencadeado pelo ego-auxiliar que entrou em cena no papel de madrinha de Aline. O pai, inicialmente revela não ter “*sentimento pessoal*” a respeito do assunto. Depois, intervém buscando uma conciliação: que se ele tiver “*o apoio da mãe*” e “*um plano estruturado*” ele poderia ir, ressaltando a importância do equilíbrio emocional: “*Se você está pensando em ir, é porque está estável. Ninguém toma a decisão de sair da terra natal se não estiver estável*”. Artur encerra com a argumentação de que, por ser uma cultura totalmente diferente, se trataria de um projeto de curta duração. A este respeito Alberto discorda, enquanto Aline usa como apoio: “*... próximo ano, fazendo vestibular... se é pra felicidade dele, deixar ele partir... Ele volta... mas... é doloroso...*”. Na foto final da cena estavam os três abraçados.

Analisando-se as atitudes do casal da *família-azul* sobre o projeto de seu filho estudar fora do país, embora se perceba, por parte dos pais, o incentivo de que Alberto possa “*ir longe*” como ser humano⁷, a família em geral não revelou conhecimento da cultura japonesa, nem atitudes multiculturais. Pelo contrário, refere-se aos japoneses como feios e, à língua, como difícil. Ao desejo de Alberto estudar em Tóquio, o casal se referiu como um ato de coragem diante do mundo⁸, sem conseguirem, no entanto, relacionar-se com o mesmo como um ato da vontade do filho. O que se concluiu é que, para os membros desta família, a multiculturalidade é um valor que professam, mas que não têm ainda incorporados em seus afetos.

O que se percebe é que a sessão ora narrada trouxe ao palco da pesquisa dois fortes conteúdos sociodramáticos para o próprio casal da *família-azul*, a saber, as questões de “preconceito” e de “dualidade” na família, associadas aos sentimentos de *familidade* frente aos “processos de independência” do filho – elementos centrais que indicam as concepções de mundo e os sentimentos de expansão social, emergentes do processo de migração.

⁷ Minutos antes desta dramatização (no compartilhamento final da cena apresentada pela *família-verde*), Aline declarou: “Nós cortamos o cordão umbilical muito cedo. Eles agora são homens do mundo”.

⁸ Aline também indicara sobre eles próprios (os migrantes, participantes da pesquisa), quando questionada sobre o que imaginava que os dados da pesquisa iriam apontar, disse o seguinte: “têm coragem de sair da sua terra e buscar o melhor pra família (...) vale à pena ousar, arriscar” (...), entendendo que a experiência da migração “envolve coragem, determinação”. Chegou a elaborar uma crítica aos que não migraram: “ficam na mesmice, subemprego, ficam com a mãe perto, o pai perto”.

Singly (2007) estabelece que “(...) a independência da família (...) é mais difícil de ser negociada entre os filhos (...) e os pais, principalmente quando as questões identitárias, afetivas e econômicas são mais fortes” (p. 121). A esse respeito, sabe-se que a migração foi motivada por fatores profissionais, econômicos, especialmente indicados na *família-azul*. O autor destaca também que, na família contemporânea, o respeito à independência se dá na conjugação tanto dos desdobramentos financeiros, como dos fluxos afetivos. Deste contexto paradoxal, emergem os sentimentos de reciprocidade, em que os intercâmbios afetivos se estabelecem em função de outras trocas imediatas. Este modo compensatório (Dias, 1994) de relação foi bastante apresentado pelo casal da referida família.

Este parâmetro de análise associa-se à referência que Aline faz aos amigos, como relações substitutivas/compensatórias (à família), e não como relações singulares e recíprocas (téticas). O lugar de pertença (Brasília) também é indicado como lugar para compensações materiais. Nas questões de relações sociais, percebem-se, na *família-azul*, indicações de resposta intelectual anterior à afetiva: a importância dos amigos sem demonstração de envolvimento social significativo (estando associados a contextos de estudo e profissão), o pensamento sobre retorno à terra natal sem referência afetiva pelo lugar, a “cearensidade” como valor cultural e, Brasília como a escolha certa e não necessariamente afetiva. No entanto, o final desta sessão, foi marcado pela resposta afetiva, e, seguindo-se a uma reflexão sobre a aceitação frente às relações com povos bastante diferentes culturalmente, as novas afetividades em Brasília passam a ser percebidas e a cidade em si, como lugar para se aprender o desafio de ser “*anfitrião*”, de receber, de acolher outras pessoas. Há um reconhecimento do *tu*, diferente, e como processo diferenciador de si também.

Sob esta perspectiva, a atitude preconceituosa da *família-azul* foi alvo de convergência tética ao longo da experiência sociodramática. As questões deflagradas no início da sessão aqui relatada são aprofundadas no final da mesma, quando Artur retoma a reflexão sobre a dualidade que anuncia na sessão anterior (referindo-se, inicialmente, aos seus vínculos com Brasília e com Fortaleza), associando-a ao questionamento sobre se “*estaria bem em outra cultura*” que não fosse a brasiliense, evidenciando, assim, estar se dando conta de que, de fato, não incorporou ainda os afetos da multiculturalidade. Artur entende que o fato de Brasília ser um lugar “*de vários estados, de miscigenação*” faz com que se sintam menos forasteiros,

gerando superação de rivalidades entre diferenças regionais, culturais; referindo que Brasília “*tem espaço pra todo mundo*”, que “*ninguém jamais será discriminado*”. Assim, Artur discorre sobre os mecanismos de aceitação-rejeição que embasam as escolhas sociométricas e avalia os desafios da convergência afetiva a lugares em que a pluralidade não seja bem aceita, chegando à compreensão de que o multiculturalismo nos moldes de Brasília (uma cidade “*plural*”) traz um “*lado negativo*”, a saber, que “*ninguém (...) é anfitrião, porque ninguém está na sua terra*”. No entanto, a experiência de Brasília, para Artur, desafia seus afetos de ser humano, a qual ele expressa como uma janela que “*mostra a humanidade no futuro: todo mundo convive em harmonia, não tem diferença, não existe fronteiras. Você é você*”.

De um modo geral, a co-criação dramática das duas famílias frente às suas projeções familiares futuras, indica o sentido de família e do pertencimento a Brasília frente às possibilidades de expansão social (a outros lugares, outros povos, culturas) da família e de seus membros, aprofundando-se também a compreensão sobre as vinculações indicadas por cada participante e pelas famílias em conjunto, em suas escolhas sociométricas, na sessão anterior.

Os pré-adolescentes da *família-verde* imaginando-se no começo da vida de um jovem adulto (ou final da adolescência), revelaram a valorização da família, bem como, do núcleo dos amigos. Vicente, em São Paulo, sente saudades dos amigos de Brasília e, mesmo Vinícius, que não demonstrara vínculo com Brasília, refere-se aos amigos no Canadá aqui (como um núcleo substitutivo dos pais). Este último concentra-se no retorno profissional, no aprimoramento do conhecimento e no fato de que 20 anos já é idade para separar-se dos pais. Vicente, no seu estilo mais concreto, estimula-se com o salário, reforçando também a sua autoestima (lembrando a si mesmo que, os que chegam até onde ele chegou são os bons). Vilma expressa sua divisão em relação ao que construiu em Brasília (de ter continuado tanto tempo ao lado do marido, a reforma da casa) e ao fato de ter que abrir mão da presença dos filhos para que eles construam os seus próprios sonhos (com vontade de tê-los perto, acolhendo aos relacionamentos que eles construirão, mas com disposição de renunciar para vê-los bem, realizados). Para Valter, é “*só felicidade!*”, tanto pela realização dos filhos e a sua própria: ter conseguido um lugar que o acolheu e que resgatou a sua felicidade depois do exílio em Recife – e refere-se a um casamento duradouro: “*14 anos em Brasília!*”. Na cena final, a

comemoração (beijo) do casal pela vitória de terem terminado juntos em um lugar (Brasília) em que os sonhos se realizaram.

Em relação à *família-verde*, a cena escolhida confere a condição de protagonista a uma só pessoa (Aline) e não ao conjunto familiar ou ao casal. Da mesma forma, os papéis complementares distribuídos à família-coadjuvante posicionaram os participantes de forma individual, e não familiar (Valter o colega de doutorado de Artur; Vinícius, aluno de Artur; e Vilma e Vicente, alunos de Aline).

Na apresentação dos projetos pessoais, o de Alberto (aperfeiçoar o “mangar” em Tóquio), inicialmente, não suscita complementaridade dos pais, fazendo emergir um conflito intrafamiliar amenizado pelo clima de festa, pela presença dos convidados. Desta forma, o assunto avança: Primeiro pela palavra conciliadora de Artur a respeito de que, com “*o apoio da mãe*” e “*um plano estruturado*” Alberto poderia ir. Artur inicia um processo de consciência com a condição emocional da família. Primeiramente, quando ressalta para Alberto, a importância do equilíbrio emocional, da estabilidade, para uma decisão dessas (“*ninguém toma a decisão de sair da terra natal se não estiver estável*”). Depois, Artur retorna à discussão sobre a dualidade familiar expressa no mapa afetivo da família e, por fim, associa esta questão ao questionamento sobre se ele (e também a família) “*estaria bem em outra cultura*” que não fosse uma cultura plural, tão aceitadora de diferenças como a de Brasília. As reflexões de Artur indicam que o mesmo foi-se dando conta dos mecanismos de aceitação-rejeição que definem as escolhas de lugar, diante das novas adaptações que a sua família, certamente, ainda necessitaria viver.

Este desafio posto ao projeto de Alberto significaria viver em “*uma cultura totalmente diferente*”. A primeira sugestão de Artur é que esse fosse, então, “*um projeto de curta duração*”. Alberto discorda, mas Aline toma como fechamento à questão, lidando com a possibilidade de “*deixar ele partir*”, sabendo que “*ele volta...*”. Mesmo assim, emerge a inevitável dor da separação, ainda que esta se mantenha por pouco tempo: “*mas... é doloroso...*”. A “foto final” com os três abraçados evidencia o ato familiar que vivenciaram: a cena que começou com a protagonização focada em uma só pessoa, encerra com toda a família protagonista: “*Mais unido!*” – como insistiu Alberto, desde a primeira sessão.

A projeção de vida da *família-verde* indica que a geração dos filhos mantém o valor de família, avançou em seus projetos de expansão social, valorizando o núcleo afetivo dos amigos. Pode-se dizer que o colo materno começa a se abrir a um segundo parto, na consciência das dores de não manter os filhos junto a si, e do valor de ver cada protagonista vivenciando o seu próprio lugar no mundo.

A história com Brasília é comemorada por Valter como a de um casamento duradouro (“*14 anos em Brasília!*”) e a sua tomada de posição de no deslocamento de Fortaleza assemelha-se à história de Moisés (personagem bíblico, do livro de “Êxodo”) levando seu povo por um êxodo (de Fortaleza, passando por Recife e seguindo para Brasília), para resgatar a felicidade da família. Neste contexto, Brasília seria a “*terra prometida*” (aos pais).

Sobre o Ceará, no final da sessão, Vilma revela que, quando foi solicitada a projeção da família em cinco anos, o marido sugeriu pensar no sonho de uma casa de praia em Fortaleza, com os meninos estudando fora do país, e, ela disse que não queria ir pra lá. Aline explica que, durante a cena, pensou em si mesma como “*a galinha com os pintinhos*”, mas entendeu que os filhos têm o seu caminho. Neste momento, chegou a recordar o pai recentemente falecido (“*Meu pai tinha o sonho de fazer cinco casas, tendo os filhos ao redor dele. Os três moram com a mãe. Só eu que moro fora*”). Concluiu mostrando que “*Fortaleza vai estar sempre presente, mas vai ficando uma coisa mais distante. Não sei se eu queria me desligar totalmente. Ainda tem pessoas que eu queria manter vínculo*”.

Valter, por sua vez, recorda a forte ligação que tem com a mãe⁹, que está em Fortaleza, mas conclui “*foi melhor ir pra longe*”. Mais tarde, coloca a questão de três formas: 1) adora os lugares de compra de Fortaleza e diz que sempre será “*a minha cidade, eu vou sempre carregar dentro de mim*”; 2) sente-se acolhido em Brasília e em condições de acolher a qualquer um que venha de fora; gosta da organização da cidade, do clima; 3) tem uma relação afetiva com o mar que considera legado familiar (“*descobri que veio do avô materno, pra mãe, pra mim*”) que faz imaginar-se numa praia em Fortaleza. Ele próprio conclui que se trata de uma visão complexa, difícil de integrar: “*Você aprende a andar em Brasília em qualquer lugar (mas não sabe onde pode encontrar coisas mais baratas) – gosto disso, do jeito das pessoas, do clima*”, mas “*quero um dia estar longe das horas do relógio. Sou meio ermitão e adoro a*

⁹ Segundo Singly (2007), “uma boa parte das tensões conjugais deriva de uma ligação forte entre o homem e sua mãe” (p. 122).

natureza". Percebe-se que os membros desta família estão mais ligados às pessoas que à cultura do Ceará, todavia, de um modo geral, não desejam voltar a morar na terra natal (sendo Vilma mais taxativa).

Na projeção de vida futura, a *família-azul* protagonizou a saída do filho de casa de um modo semelhante à vivência da *família-verde*, só que a um nível primeiramente reflexivo e depois afetivo. Artur trouxe várias destas reflexões, pontuando a importância: 1) da convergência afetiva de Aline ao projeto do filho Alberto, uma vez atendidos os pré-requisitos de equilíbrio emocional e de planejamento adequado; 2) da superação da dualidade familiar; 3) da consciência das demandas de aceitação-rejeição frente aos desafios dos novos lugares onde se possa ainda ir (os membros da família ou o conjunto familiar como um todo) e 4) da responsabilidade do acolhimento ("*ser anfitrião*"), mesmo quando não se está "*na sua terra*", como uma atitude humana de aceitação das diferenças, em amplitude maior. Talvez Artur tenha sido despertado pelo fato de que o próprio filho possa precisar desse acolhimento em outras terras, diante dos planos de futuro deste.

Aline também elabora algumas reflexões, a saber: 1) sobre a inevitável dor da separação; 2) sobre o que significa, ao nível dos afetos, ver o filho "*ir longe*", cortar "*o cordão umbilical*" e 3) sobre ver os filhos como "*homens do mundo*". Pode-se, então, dizer que, para a *família-azul*, a *familidade* se despertou na motivação de se dar conta de "*gerar um filho para o mundo*"; neste contexto, Brasília é considerada um lugar de se sentir acolhido e de se enfrentar o desafio de aprender a acolher (ser "*anfitrião*").

Quanto a Fortaleza, o casal desta família (*família-azul*) fez várias menções à "*cearensidade*" (i.e., o jeito típico de ser cearense), tendo produzido e trazido para o sociodrama um texto, no qual eles estariam, na fala de Aline, "*pensando como cearense e sentindo Brasília*". Sabe-se que a família possui uma casa (de praia) em Fortaleza, mas não é considerada moradia, e sim, lugar de lazer, não havendo referência sobre suas viagens a Fortaleza. Ao final da última sessão, entretanto, o casal discute se voltaria a morar em Fortaleza, ocasião em que Aline avaliou:

No futuro, quando eu ficar mais velha, quero terminar a minha vida na praia, caminhando com o meu marido. Já que a gente veio, a gente

*tem que aproveitar tudo o que puder pra levar pra lá, com a família.
Mas, agora, não! Voltar agora é retrocesso (Aline, quarta sessão).*

Artur discorda, entendendo que isso não seria possível diante das diferenças culturais, a menos que o casal fosse viver isolado. Para ele, quanto mais se vive em Brasília “*mais as diferenças se acentuam*” e mais o Ceará se torna “*o outro lado*”. E, explica que as duas culturas precisariam ser incorporadas pelo casal para que pudessem se sentir pertencentes de novo ao Ceará, de forma que não estranhasse, por exemplo, a interferência das pessoas da terra no espaço familiar, referindo-se, explicitamente, à dualidade que percebe tanto na esposa como em si mesmo:

O meu papel é procurar levar harmonia pra família. (...) Ainda não existe só um Artur, e é difícil pra ela conviver com o outro Artur de lá (de Fortaleza) (...) enquanto a gente não tiver incorporado Brasília-Fortaleza, Fortaleza-Brasília como Artur-Aline sendo os mesmos (Artur, quarta sessão).

Esta mesma reflexão é empreendida por Aline, que passa a ver o lado negativo da dicotomia “Brasília, lugar de *trabalho*” e “Fortaleza, lugar de *farrear*”, buscando formas de superação por um contato mais amigável com Fortaleza:

Aqui (em Brasília) eu quero os amigos evolutivos e lá eu quero os amigos profanos (...). Aqui eu passo os onze meses zen, comportada no trabalho, profissão (...). E os dias que eu passo lá, eu não quero nem ler, eu quero praia, eu quero farra, quero dançar, comprar (...). Existe uma separatividade: a Aline de Brasília e a de Fortaleza. Eu gostaria que não houvesse essa separatividade, que eu pudesse viver um pouco daqui lá e um pouco de lá aqui (...). Isso me incomodou (...). Se eu pudesse viver mais tempo em Fortaleza, talvez eu pudesse viver essa mistura dos dois mundos (...), diluir mais (Aline, quarta sessão).

5. Processamento das Análises

De um modo geral, a análise socionômica e sociodramática efetivada na pesquisa permitiu a explicitação das transformações afetivas vivenciados pelos pesquisandos na migração, bem como dos sentidos destas, relacionados à compreensão de suas concepções de si mesmos enquanto família, e de suas atitudes frente ao mundo possível de suas relações sociais. Especificamente, as sessões sociodramáticas definiram quatro condições diferenciadas na observação da emergência do pertencimento, a saber, o grupo, o historiodrama da migração, os átomos sociais e nos projetos dramáticos de futuro das famílias. Destas condições efetivou-se a busca de significados específicos referentes aos seguintes aspectos: as imagens de família e as construções de *familidade*, os processos de transições vinculares e seus atos/marcos correspondentes, o pertencimento sócio-afetivo com os processos de adoções e filiações e continuidade vincular. A compreensão do estudo se firmou em torno de conceitos como: a circularidade afetiva, a transição/transformação vincular, a expansividade afetiva e a continuidade/identidade familiar.

Neste trabalho, destacaram-se duas construções finais: “*Familidade* e Concepções de Família” e “Diferenciações do Pertencimento e Concepções de Mundo”.

A primeira emergiu das concepções de família, dentro da relação “afetividade familiar”-“lugar social”, e a segunda, das noções de pertencimento sinalizadas nas transições do pertencimento social e nas transformações afetivas demandadas pela dupla vinculação. Os aspectos de continuidade relacional (a identidade familiar) podem ser considerados o último estágio de compreensão que este trabalho alcançou.

Família e Concepções de Família

A *família* foi identificada na pesquisa pela descrição do modo grupal/ circular da família se complementar (afetividade familiar), enquanto as dinâmicas de pertencimento foram explicitadas pela relação desta com o lugar social.

Na primeira sessão, revelaram-se algumas concepções idealizadas de família e as dinâmicas complementares básicas entre pais e filhos, a saber: 1) a continência incondicional da mãe para com o filho, 2) a simetria entre pai e filho e 3) o conforto do lugar de filho provido pelos pais. Também foram evidenciadas, na citada sessão, algumas tensões relacionais equivalentes:

– “*Mesmo estando em posição desconfortável, a gente agüenta, a gente carrega*” (Vilma).

– “*Eu acho que dá pra encontrar uma posição que seja confortável pra todo mundo...*” (Valter).

– “*A mãe é o centro*” da família, e que “*o colo é com a mãe, e, aí, precisa dividir*” (Artur).

Assim, as representações do casal e do irmão foram ganhando espaço diante, principalmente, das forças competitivas da simbiose mãe-filho, com posicionamentos pessoais, especialmente por parte dos homens, dirigidos a atitudes, como, conciliar relações (entre mãe e filho e entre irmãos), podar solicitações dos filhos e investir no espaço do casal. A partir da figura materna, e depois, do núcleo conjugal, foi-se encontrando sentido para os demais posicionamentos, na retração familiar de uma mãe sendo “protegida, com o apoio, do pai (i.e, do marido), e, ao mesmo tempo, dando amor e carinho (aos filhos)” (Vilma). O valor básico na família afirmado nessa busca foi “*proteção, união*” (Alberto).

Neste sentido, algumas convergências afetivas interpessoais e inter-relacionais marcaram as sessões sociodramáticas ou foram compartilhadas pelas famílias, no sentido de ser perceber a tele emergir. Vicente e Vinícius testemunharam que o pai, Valter, tornou-se mais próximo da família nos últimos três anos, após alguma atividade de cunho terapêutico: “*antigamente meu pai era estressado*” (Vinícius), evidenciando-se, assim, um incremento de *família* nos membros da *família-verde*. A respeito desse crescimento como família, Vilma declara:

como a gente não tem parente mais próximo, família nenhuma aqui, então a gente acaba se aproximando mais um do outro – o casal, a gente como família... E a gente conta um com o outro mesmo! Não tem pai, não tem mãe, não tem ninguém por perto, então acaba contando com a própria família... Tem os amigos, lógico que tem que ter os amigos, mas acaba ficando só o núcleo mesmo, fechado entre a gente (...). Acho que a gente cresceu muito mais aqui, de morar fora. Sente falta da família, mas a gente cresce muito com isso (Vilma, quarta sessão).

Durante as próprias sessões sociodramáticas também a *família-azul* pôde vivenciar convergências afetivas dos pais, ao filho Alberto. Desde a primeira sessão, Aline e Artur afirmaram o encontro familiar cotidiano através de um sentido de “presença transcendente” (i.e., quando estão fisicamente ausentes), enquanto Alberto insistia em uma relação mais próxima (“*Mais unido!*”): “*Temos outra forma de mostrar que está junto, apoiando (...)*” (Artur). Aline explica, por fim:

É como se ele tivesse presente também (...) eu não estou sentindo que está faltando nada pelo fato de ele estar trabalhando o dia todo e dar aula à noite. A gente está junto, ninguém está separado pelo fato dele estar fora de casa (...). O que é que tu acha, Alberto? (...) Tu acha que o fato de teu pai ficar o dia todo fora trabalhando, tu sente alguma coisa (...), tu sente falta dele? (Aline, primeira sessão).

Segue-se a resposta do filho: “*Sinto. Fora o dia todo, como é que não sente?*”. Este, por sua vez, sendo questionado se desejaria um “*outro lugar melhor*”, Alberto fica passivo: “*Não! Deixa assim!*”. Na última sessão, no entanto, dramaticamente, Alberto recebeu força protagônica, quando a madrinha, como ego-auxiliar, complementou um diálogo sobre o seu projeto de ir estudar em Tóquio. As reflexões dos pais sobre os filhos se tornarem cidadãos do

mundo e sobre a dor inevitável da separação, evidenciou a convergência afetiva, complementando a cena de ver o filho “*ir longe*”, de cortar “*o cordão umbilical*”, possibilitando o despertar da *familidade* ao nível de dar conta de “*gerar um filho para o mundo*”.

Estas transformações indicam uma abertura não só ao projeto do próprio filho, mas ao próprio filho, aos seus sentimentos. O abraço na cena final indica uma afetividade circular que emergiu logo após a discussão, tornando-os “*Mais unidos!*”, como solicitara Alberto. A *família-azul* explicitou ainda reflexão sobre sua disposição frente às relações com povos bastante diferentes culturalmente, bem como a novas afetividades em Brasília, percebida, nesta dimensão, como um lugar para se aprender o desafio de ser “*anfitrião*”, de receber, de acolher.

A *familidade* apresentou-se como um processo bastante diferenciado em relação às duas famílias pesquisadas. A *família-verde* valorizou, em todas as sessões, a sua moradia em Brasília e os pequenos prazeres em família (como: ter churrasco, piscina e cachorro em casa), com sonhos de melhoria da casa, do casamento, e da família, conferindo-lhe uma condição de se sentir “*anfitrião em Brasília*”, sentir que Brasília é “*sua casa*”. Além disso, as viagens a Fortaleza também são mencionadas como um evento de família prazeroso, o que indica a *familidade* associada aos sentimentos de lugar. A promoção da *conjugalidade* e da *familidade*, claramente, é objetivo da *família-verde*, a partir do qual são mencionados os objetivos profissionais dos filhos.

Neste sentido, também foi observado que os prazeres da *família-azul* tendem a ser concebidos de forma individualizada e, o planejamento de vida, valorizado pelo modo adulto de expressão. Não surgem planos de família e os projetos adolescentes não promovem diálogo, mas, apenas, instruções (unilaterais) por parte dos adultos.

Há, explicitamente, um senso diferenciado de unidade familiar e da forma de vinculação no próprio conjunto familiar. Claramente, a promoção do crescimento individual e profissional é objetivo da *família-azul*, enquanto, a promoção da *conjugalidade* e *familidade*, objetivo da *família-verde*. Assim, pode-se denominar a convergência expressa pela *família-azul*, de “*convergência produtiva*”, isto é, trabalhando em conjunto (cf., título de cenas de família na migração: “*unidos, construindo alguma coisa*”) por recompensas individuais (conhecimento, dinheiro e descanso – listados na segunda sessão). E, na *família-verde*,

observa-se uma “*convergência afetiva*”, uma vez que expressam vivências em conjunto (“*mais família, mais estável!*”) em que as recompensas são coletivas (como, a diversão em família).

Diferenciações do Pertencimento e Concepções de Mundo

A diferenciação da *familidade* implica também em diferenciação do pertencimento social. Por exemplo, enquanto a *família-verde* vê a valorização da moradia em Brasília, e dos pequenos prazeres em família, com sonhos de melhoria da casa, casamento e família e confere uma condição de se sentir “*anfitrião em Brasília*”, que Brasília é “sua casa”. Vê também as viagens a Fortaleza como um evento de família prazeroso, o que indica a *familidade* associada aos sentimentos de lugar.

Já o fato de, os prazeres da *família-azul*, serem concebidos de forma individualizada e, de o planejamento de vida, ser valorizado pelo modo adulto de expressão, implica em que os planos de família não promovem diálogo e que os projetos adolescentes suscitam instruções por parte dos adultos. Além disso, os planos de crescimento profissional e de desenvolvimento pessoal, não apareceram espontaneamente associados à expansão social. Por exemplo, a família não valorizou Fortaleza como um lugar de afetos, e sim, de emoções individuais, de lazer individual. Nesta dimensão, a “cearensidade” foi bastante comentada pela *família-azul*, que presenteou, inclusive, a todos os integrantes da pesquisa com um texto de autoria de Aline e Artur sobre “os direitos de um cearense em Brasília”, a partir do qual resgatam costumes do Ceará. Igualmente, a expansão social emergiu, na última sessão, como reflexão intelectual adulta. Além disso, a família não valorizou também a possível ida de Alberto a Tóquio em seus aspectos sócio-afetivos e a independência do filho não foi considerada uma questão de expansão de relações sociais. Sobre isto, Aline declarou: “*Até sobre um segundo filho, o Alberto me cobra (...): eu não tenho que dar um outro irmão pra o Alberto, uma família pra ele*” (Alberto retruca: “*eu quero uma irmã!*”, e Aline, continua: (...)) “*Eu tenho que fazer com que o Alberto descubra que ele não precisa de ninguém, ele não precisa de um irmão pra que o supra, ele pode suprir tudo dele!*” (Alberto insiste: “*Precisa!*”) “*Eu tenho que criar um ser independente!*”.

De fato, esta, é também a concepção de Aline sobre si mesma: “*Antes eu ficava na ilusão de que (a família) ia mudar. Agora a família não é mais coisa importante na minha vida (...). Antes eu ficava sempre correndo atrás do ideal (de família), mas é, está resolvido, é assim*”. E quando questionada pela diretora se estar em Brasília tinha sido importante para que este processo se resolvesse, Aline responde:

Foi! (...) Quando eu cheguei aqui em Brasília, os primeiros meses, a minha conta de telefone estava imensa, porque eu ficava ligando pra eles porque eu precisava escutar que a família existia (...). Aí, depois (há cerca de 3 anos atrás), foi que eu vi que não existe. Não vou lutar por uma coisa que não existe, eu tenho que lutar por mim (Aline, terceira sessão).

Nas colocações de Aline percebe-se que os amigos entram como relações substitutivas (à família), e não como relações singulares e recíprocas (télicas). Em outras palavras, há um sentido compensatório, substitutivo nas interações sociais e com o lugar de pertença, carecendo de processos genuínos de convergência afetivo-relacional (tanto à família, como ao lugar, ou aos amigos). Nas questões de relações sociais, a resposta intelectual da *família-azul* foi anterior à afetiva: a importância dos amigos sem demonstração de envolvimento social significativo (estando associados a contextos de estudo e profissão), o pensamento sobre retorno à terra natal sem referência afetiva pelo lugar, a “cearensidade” como valor cultural e, Brasília como a escolha certa e não necessariamente afetiva. No entanto, o final da última sessão foi marcado pela resposta afetiva logo após sua reflexão sobre a aceitação frente às relações com povos bastante diferentes culturalmente, bem como a novas afetividades em Brasília, percebida, nesta dimensão, como um lugar para se aprender o desafio de ser “*anfitrião*”, de receber, de acolher.

Já para a *família-verde*, o sentido de família é o de uma pertença que gera outras, um núcleo do qual se sai, que não se esquece, mas transforma e inspira outras inserções, como o grupo de amigos. Brasília é considerada o lugar que abriu as portas para a realização dos

sonhos (para alguns “ficarem” e para outros “irem”) e, a expansão social a outros lugares, como uma condição esperada e necessária no assumir de um lugar próprio.

Analisando-se a seqüência de respostas das famílias em seus processos migratórios, percebe-se a emergência de compreensão sobre tais processos, sendo denominados aqui da seguinte forma:

- Os “demarcadores” que têm a função de indicar a emergência de um ato afetivo ou interação ainda não efetivado(a), tal como comentários gerais ou expressões diversas sobre as interações em jogo;
- As “respostas afetivas propriamente ditas” que são efetivadas na vivência dos relacionamentos, e são expressas sociodramaticamente ou no compartilhamento dos participantes sobre suas vivências anteriores à pesquisa.

A seqüência de respostas vivenciada pela *família-verde* (conforme seu historiodrama, mapa afetivo ou sociodrama) foi:

- 1) Insatisfação/rejeição (Intitulação: “*tristeza x surpresa*”, “*não valeu à pena*”);
- 2) Aceitação do próprio papel paterno de resgatar a segurança/confiança (Intitulação: “*ele assumiu o destino*”);
- 3) Aceitação da afetividade interna, da própria família: convergência familiar estabilizadora (Intitulação: “*mais família, mais estável*”);
- 4) Aceitação do lugar novo/adaptabilidade (Intitulação: “*estilo de vida em Brasília*”);
- 5) Nova aceitação da vinculação ao lugar antigo/confirmação (Intitulação: “*indo para Fortaleza*”);

- 6) Aceitação do duplo-pertencimento (Valter se sente acolhido em Brasília, gosta da cidade, de acolher a qualquer um que venha de fora e sente Fortaleza como “*a minha cidade, eu vou sempre carregar dentro de mim*”);
- 7) Desligamento do apego com a mãe (Valter: “*foi melhor ir pra longe*”);
- 8) Aceitação da morte do pai (desligamento) e da aproximação da mãe (Vilma: choro, e mãe “*está conseguindo substituir*”);
- 9) Demarcação do pertencimento existencial (Deus) e familiar (sociometria de Vinícius);
- 10) Concorrência entre os irmãos (imitações e oposições entre Vinícius e Vicente);
- 11) Demarcação da relação entre os irmãos diante das forças competitivas da simbiose mãe-filho (Vinícius: “*ela (a mãe) está carregando esse bebezão aí (Vicente)*”);
- 12) Demarcação do espaço do casal diante das forças competitivas da simbiose mãe-filho (Valter: “*O homem... tem uma renúncia muito grande com relação ao espaço que ele tinha dentro da família... ela é constituída – presume-se – do amor de um homem e uma mulher... vêem os filhos, começam as dificuldades, as responsabilidades, e tal...*”);
- 13) Convergência conjugal (Vilma: “*Só nós dois de novo...*”; Valter: “*Casamos pra isso!*”);
- 14) Demarcação da dinâmica familiar (Processo de intitulação: “*Amizade... Família... Nossa história... A vida é bela*”);
- 15) Demarcação de novos significados e movimentos de circularidade afetiva na família (Valter: “*Eu acho que dá pra encontrar uma posição que seja confortável pra todo mundo...*” – “homem dando suporte e continência à mulher e esta ao filho, ou filhos”);

- 16) Convergência afetiva entre pai e filhos (Vinícius: “*antigamente meu pai era estressado*”; Valter: “*Eu estava longe dos meus filhos. Eu gosto de estar junto deles também. E eu não quero só estar apoiando. Eu quero receber afeto. Eu quero receber carinho. Eu quero estar próximo*”);
- 17) Aceitação do desapego (desligamento) dos e com os filhos (Vilma: “*Queria que estivessem aqui com suas namoradas... mas, (queria mesmo que estivessem) bem!*”);
- 18) Consciência do acolhimento recebido de Brasília (Valter: “*Brasília que me acolheu e me recebeu! Tem sido um sonho...*”);
- 19) Aceitação/adoção de Brasília (Valter: “*Brasília, local que me acolheu, resgatou a felicidade depois do exílio em Recife*”);
- 20) Confirmação de alianças/vínculos duradouros (Vilma: “*Começamos juntos e continuamos juntos na caminhada, na luta!*”; Valter: “*14 anos em Brasília!*”);
- 21) Nova geração demarcando duplo-pertencimento, associado ao protagonismo pessoal (Vinícius: “*saudade da família... também tem os amigos... quando chega os 20 anos é a idade dos filhos se separarem...*”; Vicente revela sentir saudades dos pais, um pouco do irmão e dos amigos de Brasília e “*se eu já cheguei até aqui, eu sou bom*”);
- 22) A família demarcando a continuidade da busca de outros lugares a se vincular (além de Vinícius e Vicente fazerem planos de ir além de Brasília, Valter se sente um ermitão, adora a natureza e quer “*um dia estar longe das horas do relógio*”; conclui que se trata de uma visão complexa, difícil de integrar).

Enquanto a experiência da *família-azul* pode ser apresentada na seguinte seqüência:

- 1) Vinculação ao antigo (Intitulação: “*adaptado em Fortaleza*”);
- 2) Ambivalência ou divergência interna de sentimentos na partida (Intitulação: “*expectativa do novo*”);
- 3) Aceitação da afetividade interna, do que a família pode produzir: convergência familiar produtiva (Intitulação: “*unidos, construindo alguma coisa*”);
- 4) Indiferença/sono (Intitulação: “*acolhidos na casa*”);
- 5) Compensação (Intitulação: “*recompensa de ter chegado*”);
- 6) Expectativas relacionais em Brasília (Artur: “*a cidade que me acolheu*”);
- 7) Aceitação da não-existência do núcleo familiar (Aline: “*Antes eu ficava na ilusão de que ia mudar, agora a família não é mais coisa importante na minha vida... é minha família, meu marido, meu filho e os amigos...*”);
- 8) Consciência e rejeição da “presença transcendente”, do vínculo “teórico” (Alberto: “*Sinto. Fora o dia todo, como é que não sente?*”);
- 9) Demarcação da realidade de não-investimento afetivo no projeto do filho (Artur assume não ter “*sentimento pessoal*” a respeito);
- 10) Aceitação do desapego do filho (Aline: “*Ele volta... mas... é doloroso...*”);
- 11) Convergência entre mãe e filho (Aline: “*se é pra felicidade dele, deixar ele partir...*”);
- 12) Demarcação para a convergência triádica, entre pai, mãe e filho (o abraço final dos três na última sessão);

- 13) Reflexão sobre a superação da dualidade da família (Processo de intitulação: *“Eu sou feliz!... A vida como ela é... Na fronteira do amor... Dualidade”*);
- 14) Incômodo com a rejeição da dualidade (Aline: *“Eu gostaria que não houvesse essa separatividade... Isso me incomodou... Se eu pudesse viver mais tempo em Fortaleza, talvez eu pudesse viver essa mistura dos dois mundos... diluir mais”*);
- 15) Consciência do acolhimento recebido de Brasília (Artur: *“a cidade que me acolheu”*);
- 16) Demarcação do valor de se adotar Brasília (Artur questiona se *“estaria bem em outra cultura”*);
- 17) Consciência do valor do duplo-pertencimento (Artur: *“é difícil... conviver... enquanto a gente não tiver incorporado Brasília-Fortaleza, Fortaleza-Brasília como Artur-Aline sendo os mesmos”*);
- 18) Demarcação do valor do vínculo intercultural a partir de Brasília (Artur: *“a humanidade no futuro: todo mundo convive em harmonia, não tem diferença, não existe fronteiras... Você é você...”*, *“lado negativo... ninguém... é anfitrião, porque ninguém está na sua terra”*).

O que se percebe são movimentos vinculares das famílias em relação aos seus processos de *família* e de pertencimento ao lugar sócio-cultural (Fortaleza, Brasília, ou outro). Na *família-verde* houve demarcadores de simbiose materna, de relação fraterna e conjugal, de novos significados e movimentos na família, de pertencimento existencial e familiar. Foram apresentadas várias respostas afetivas nesta família: de aceitação e de desligamento (do papel paterno, e de desligamentos das figuras materna e paterna); de concorrência efetiva entre os irmãos e, de todos pela mãe. No contexto do processo sociodramático, tais respostas significam a superação de mitos familiares expressos na primeira sessão: a função nutridora da mãe, a simbiose mãe-filho, o lugar protegido e confortável (dependente) do filho.

Além disso, vários atos dramáticos se realizaram ou se confirmaram durante os sociodramas e que são denominados de convergência afetiva por se tratar de efetivação de encontro entre díades, tríades ou o grupo, a partir de resolução de conflitos (concorrência, rejeição, indiferença). Na *família-verde* realizaram-se algumas convergências afetivas envolvendo a família, o casal e a relação entre pais e filhos. Um outro ato que foi considerado bastante fortalecedor dos vínculos foi denominado de confirmação de convergência, em que as alianças de pertencimento foram reafirmadas.

Sobre suas respostas dirigidas ao lugar, a *família-verde* pôde demarcar a consciência de acolhimento recebido em Brasília, tendo havido várias respostas afetivas, como: rejeição (à migração anterior a Recife), aceitação – inclusive ao nível da adoção (em que Brasília é considerada “a sua casa”) – e de duplo-pertencimento (em que mantém a vinculação tanto com Brasília, como com Fortaleza). Ressalta-se que os dois últimos são atos de convergência afetiva. Também houve confirmação de convergência do pertencimento a Brasília, representado como um casamento que está dando certo e é celebrado. Observou-se ainda que a nova geração (os filhos do casal) demarcou o duplo-pertencimento (Brasília e o novo lugar ao qual migraram, em suas projeções de futuro), associado à busca de realização pessoal. A família, em geral, demarcou, ainda, a continuidade da busca por outros lugares a se vincular (denominado aqui de “Pertencimento Estendido”).

Na *família-azul* houve diversos demarcadores: da “presença transcendente” (i.e., da crença de que os estavam presentes mesmo passando o dia todo fora de casa), do não-investimento afetivo dos pais no projeto do filho, da não-aceitação do desligamento do filho, da consciência e incômodo da dualidade da família, além de uma demarcação final dirigida à convergência triádica (pai, mãe, filho), a qual foi efetivada pela imagem dos três membros da família abraçados, em casa, após a conversa sobre o projeto de Alberto, ao final da última cena sociodramática. Algumas respostas afetivas foram apresentadas nesta família: de ambivalência ou divergência interna de sentimentos e de aceitação de desligamento do núcleo familiar original (com substituição dos amigos), por parte de Aline.

A *família-azul* se destacou ainda com reflexões sobre a afetividade. Algumas destas tornaram-se mobilizadores afetivos para a família, enquanto demarcadores de atos de convergência afetiva. Tomando-se como base o momento dramático em que foram suscitadas

as reflexões, que foram consideradas dentro de um compromisso afetivo/vincular explícito ou implícito (respostas afetivas discretas emergentes). Destacam-se duas interações: Primeiramente, envolvendo Aline e Alberto, em que ela evidenciou novas respostas verbais a respeito da saída de casa de Alberto para realizar seus projetos pessoais. Outro exemplo são as reflexões tanto de Aline como de Artur a respeito da “dualidade da família”, à qual indicaram rejeição e busca de superação por novas compreensões e análise de novos posicionamentos. As respostas da *família-azul* na sua relação com lugares de pertença social envolveram aceitação ou adaptação, indiferença e compensação em relação às formas de vinculação com Fortaleza e/ou Brasília. Várias demarcações foram apresentadas: com respeito às expectativas relacionais em Brasília, à consciência do acolhimento recebido nesta cidade e de ser a cidade ideal para a família ter migrado; e ainda, à importância do duplo-pertencimento e do vínculo intercultural.

Tais demarcadores – como se disse – não se manifestaram como atos vivenciados nas relações às quais a pesquisa teve acesso, mas enquanto direcionamento a atos, interações e possíveis convergências afetivas, especialmente nas questões de dualidade da família, as quais foram associadas à própria dualidade na vinculação com Fortaleza e Brasília. As reflexões se deram como uma avaliação da própria família sobre sua condição afetivo-social de enfrentar, por exemplo, novas expansões, inserções, tendo em vista as demandas de futuro (como: a realização de projetos do filho único e a aposentadoria dos adultos).

Neste sentido, enquanto a *família-verde* evidencia a um “pertencimento estendido contínuo” (para além de Brasília), a *família-azul* está em busca de especificar o seu pertencimento, oferecendo indicativos de ter adotado, conscientemente, Brasília como a cidade ideal para gerar neles próprios a visão de mundo que acreditam, bem como os recursos afetivos necessários. Pertencer a Brasília nestas condições pode ser denominado como um “pertencimento específico congruente”, no qual o migrante adota especificamente o lugar em que se sentiu acolhido.

Os modos de pertencer das famílias estudadas e as suas vivências afetivas na migração foram analisados na mesma dinâmica de destrinchar e condensar os significados em novas categorias, com os objetivos de identificar dinâmicas de pertencimento na migração e de compreender aspectos identitários da família migrante.

A partir dos conflitos e transformações afetivas demandadas pela dupla-vinculação e evidenciados na experiência do pertencimento social sociodramatizadas, foram observadas as possibilidades sociométricas indicadas nas vivências dos participantes da pesquisa, a partir das quais se pôde estabelecer uma referência para a experiência do pertencimento de famílias migrantes.

Moreno (1993b) indica, inicialmente, quatro possibilidades sociométricas, marcadas por cada uma das seguintes respostas ao pertencimento: aceitação, rejeição e indiferença ou ambivalência. Em se tratando da família migrante, há, pelo menos, dois lugares envolvidos: o de partida/de origem, e o de chegada/de destino. Lugares, tal como pessoas, envolvem afetividade e escolhas sociométricas. E, como nas escolhas interpessoais, é fundamental a capacidade de lidar com características interculturais diferenciadas e de se ampliar os critérios de escolha que possam favorecer não somente a percepção recíproca, mas também a mutualidade. A pesquisa associou dois pertencimentos fundamentais: à família e ao lugar.

Das quatro respostas vinculares possíveis previstas por Moreno, duas são anteriores a uma decisão vincular (a indiferença e a ambivalência) e duas marcam a decisão em si (aceitação, rejeição). A experiência dos protagonistas da pesquisa revelou três dimensões da vinculação ou inserção sócio-afetiva: a dimensão da contigüidade relacional (referente à combinação afetiva entre os parentes/antecedentes, a própria família e o lugar de pertença), a dimensão transitiva em que as transformações e as decisões vinculares estão sendo elaboradas e a dimensão continuada, que indicam posicionamentos diante da história da família pregressa da família atual e da família gerada pelos filhos (em que se observam aspectos de geratividade e de identidade familiar). Os sociodramas mobilizaram a revelação destas dimensões acessando três momentos da sociometria familiar (anterior à migração, atual e pretendido para o futuro) e três lugares de pertença da família (com os parentes, em Fortaleza; em Brasília, desafiada ao relacionamento com novos amigos e na possibilidade de estender a outros lugares). O Quadro 3 combinou as possibilidades sociométricas e de escolha de lugar tendo como referência de tempo a migração. Incluiu-se ainda um quarto lugar, da família consigo mesma, referente a um momento de transição, em que as escolhas pelo novo lugar não estão efetivadas enquanto atos afetivos e que, no quadro, se localiza entre o tempo

em que a família estava relacionada a Fortaleza e o tempo em que estaria se relacionando em Brasília.

Quadro 3. Aspectos Afetivos e Sociométricos nas Diferentes Pertencas Sociais.

Família Sociometria	Família com Parentes em Fortaleza	Família consigo mesma não-vinculada ao lugar	Família em Brasília, fazendo amigos	Família se estendendo a outros lugares
Sociometria anterior à migração	Indiferença aos antecedentes	Individualismo	Expectativas relacionais	---
Sociometria Atual	Resolução de Ambivalências	Incremento da circularidade	Convergências Afetivas	Expectativas Sonhos Projetos
Sociometria pretendida para o futuro	Rematrizações com antepassados e/ou nova família sociométrica	Incremento da capacidade de extensão vincular	Decisão vincular com lugares	Incremento de capacidades relacionais

As famílias, ao deixarem a sua terra natal, deixaram também os seus parentes. Percebe-se que o tempo em Fortaleza, com parentes, tende a ser representado como uma escolha de indiferença, até porque “família não se escolhe”, como lembra Moreno (1992b). Daí a importância das convergências afetivas intrafamiliares que conferem à interação neste grupo, o caráter télico. Assim, neste processo, o distanciamento do lugar de origem pode desencadear ambivalências e seus processos de resolução, possibilitando relocalizações dos familiares (que Moreno denomina de “rematrização”), bem como novas escolhas sociométricas, de novos núcleos de pertença (que Moreno chama de família sociométrica, família escolhida). A situação de trânsito afetivo, com a ausência de relações afetivas nucleares (sem os parentes que ficaram na terra natal e sem os amigos íntimos que ainda não foram encontrados) permite à família um tempo consigo mesma, em que vivenciam experiências, desde um individualismo e a sua transformação pelo incremento da circularidade afetiva na família, até o incremento da capacidade de extensão vincular, a relações e lugares ainda não assumidos afetivamente. A vinculação com o novo lugar (no caso, Brasília) diz respeito às expectativas iniciais quanto aos novos relacionamentos, às convergências interpessoais e à decisão vincular em relação aos lugares de pertencimento. A situação seguinte, a família estendendo-se a outros lugares, envolve a demarcação de expectativas, sonhos e projetos, bem como o incremento das novas capacidades relacionais da família.

Isto indica o que está em jogo no deslocamento das famílias: a protagonização de histórias de vida e de (re)construção ou co-construção destas histórias. Ser protagonista (como pessoa ou como grupo familiar) é participar de uma história maior que começou antes, em um lugar do passado (com suas relações sócio-afetivas específicas), a qual tem continuidade em um futuro do qual o protagonista participa de forma diferenciada, com reflexos tanto no lugar atual, como nas relações interpessoais que se mantém. Isto quer dizer que todos ingressam em uma história anterior às suas vidas, participam dela e a complementam de várias formas.

A vinculação a um novo lugar representa a protagonização em um novo cenário, em que se continuará a escrever a história, expressando crenças, valores, desejos e escolhas (de lugar, de propósitos e de relações) e em que a tele, a percepção e a reciprocidade relacional implicam na capacitação do ator na efetivação da sua história. Cabe ao protagonista a participação concomitante em vários “textos”: o seu e o de cada subgrupo ou grupo em que venha a desenvolver convergência afetiva. O migrante tanto lida com a noção de que pertence (faz parte), como com a de que é (como pessoa, como família) singular, segundo a dinâmica “pertencimento-diferenciação”, proposta por Moreno (1993b). O que se viu é que a migração maximiza esta dinâmica, pois o deslocamento territorial implica em um descolamento histórico-afetivo, em que o indivíduo pode perceber melhor a sua própria história e, em se tratando da migração em família, pode perceber também o seu núcleo de pertença como núcleo co-criador dessa história, favorecendo a protagonização individual e familiar (em díades, tríades e no grupo). A migração das famílias do presente estudo foi motivada, inicialmente, pela protagonização dos homens, contextualizada no ganho profissional, tendo alguns outros membros do grupo visualizado também as suas próprias possibilidades de crescimento, além do desenvolvimento da história da família no contexto da experiência – e que foi maximizado no contexto da pesquisa.

Os desafios das conciliações e das convergências afetivas foram sendo postos em ação, a partir de necessidades pessoais de realização, ou pela necessidade existencial de se rever pertencimentos em geral, ou ainda pela demanda social imposta de se ter referência histórica quando se está entre pessoas desconhecidas. A dinâmica *pertencimento-diferenciação* permitiu novos afetos, novas convergências afetivas, novas adoções de lugar.

Percebeu-se que a retomada histórica do lugar de origem (de onde se veio) até o lugar atual onde se está, tende a antecipar a percepção da continuidade histórica frente aos novos pertencimentos. Diante disto, abriram-se as seguintes possibilidades: o retorno ao lugar de origem, a permanência no lugar atual ou a continuidade da migração a um terceiro lugar. Tais antecipações são acompanhadas da necessidade de relocalizações afetivas, seja em relação aos antepassados ou diante do novo mundo que se lhe apresenta, mobilizando aspectos de rematrização afetiva e/ou de extensão vincular aos novos pertencimentos, favorecendo também novas concepções de família e de sociedade, conforme foram explicitadas pelas famílias do estudo. Tomando-se tais reflexões como “zonas de sentido” sobre as diferenciações do pertencimento sócio-afetivo, sugere-se ainda a construção de um último quadro de análise (Quadro 4). Sabe-se que as possíveis respostas afetivas da família migrante diante do desafio de pertencimento ao novo lugar social podem ser estabelecidas em duas grandes categorias: a partir da rejeição ao lugar de destino, ou da eleição (aceitação/adoção) da cidade-destino como lugar de pertença.

A rejeição ao lugar de destino, se dá associada às respostas frente aos demais vínculos em jogo. Assim, pode-se: 1) rejeitar a cidade-destino e também a cidade-origem, e ainda generalizar a rejeição para outros possíveis lugares; 2) rejeitar aos lugares de destino e de origem, mas manter-se aberto para investir afetivamente em um terceiro lugar ainda não especificado; 3) a mesma situação de rejeição aos dois lugares, mas assumindo um outro lugar específico como eleito; 4) rejeitando-se o lugar-destino e mantendo-se o sonho de voltar ao lugar de origem.

A eleição (aceitação/adoção) da cidade-destino como lugar de pertença, pode acontecer: 1) como uma eleição única, sentindo-se pertencente apenas a este lugar; 2) como uma eleição concomitante a outros lugares de pertença. Neste caso, têm-se três possibilidades: 1) que o vínculo de pertença tenha sido estendido até a cidade-destino, sem desfazer o vínculo com o lugar de origem (duplo-pertencimento); 2) que o vínculo afetivo se estenda da cidade-origem até a cidade do atual destino; 3) que o vínculo ainda possa ser dirigido a outros lugares, com os quais a família esteja em contato ou venha a estar.

No contexto de rejeição ao lugar de destino, o processo de escolha de lugar de pertença nas três primeiras situações é baseado em uma rejeição básica ou na indiferença

(Moreno, 1992b). Quando se impõe à família responder aos afetos, tanto da cidade de moradia atual, como da moradia passada, a escolha comprometida de lugar (ou seja, realizada mediante a decisão de estabelecer vínculos afetivos em um novo lugar) evidencia-se em uma forma de pertencimento específico (com lugar definido) e assumido (congruente ou não).

Como se viu, compreender as diferentes formas de pertencimento ao lugar pode facilitar a retomada histórica para pessoas e famílias migrantes, permitindo a valorização dos protagonismos individual e familiar, interdependentes. Neste aspecto, propõe-se o quadro seguinte (Quadro 4), das atitudes diferenciadas em relação ao pertencimento da família migrante, elaborado a partir do processo de desligamento das famílias de sua terra natal (Fortaleza) e das vinculações que estabeleceram com a cidade-destino, Brasília.

Quadro 4. Análise do Pertencimento.

Diferenciações no Pertencimento	01	02	03	04	05	06	07
	Negação de Pertencimento	Busca Generalizada de Pertencimento	Busca Específica de Pertencimento	Pertencimento Específico Não-Congruente	Pertencimento Específico Congruente	Pertencimento Estendido Específico	Pertencimento Estendido Generalizado
Escolha do Lugar	REJEIÇÃO/ INDIFFERENÇA		ESCOLHA/ CONVERGÊNCIA AFETIVA		ACEITAÇÃO/ VINCULAÇÃO		
	Rejeição Generalizada com negação generalizada de pertencimento	Rejeição Específica Com busca generalizada de pertencimento Com busca específica de pertencimento		Não-congruente	Congruente	Específica	Generalizada
Continuidade Vincular	Não-filiado	Filiado ao Futuro Inespecífico		Filiado ao Passado como Futuro Específico	Filiado ao Presente	Filiado ao Passado e ao Presente (Dupla Filiação)	Filiado ao Passado, ao Presente e ao Futuro (Múltipla Filiação)
Ligação Afetiva	Desvinculado	Buscando vínculo com lugar inespecífico	Buscando vínculo com outro lugar específico	Quer voltar a Fortaleza	Adotou Brasília	Adotou Brasília e quer continuar vinculado a Fortaleza	Adotou Brasília, quer continuar vinculado a Fortaleza e quer outros vínculos

Sucintamente, as atitudes frente ao pertencimento incluem as seguintes possibilidades:

- 1) Não se ter tomado ainda a decisão afetiva de pertencer a qualquer lugar (“Negação de Pertencimento”);

- 2) A ocorrência de atos afetivos interpessoais, com valor sociométrico (e que são preparatórios para as decisões de convergência afetiva interpessoal e de adoção de algum lugar de pertença), não se tendo, todavia, uma definição específica do possível lugar a ser eleito (“Busca Generalizada de Pertencimento”);
- 3) A ocorrência de atos afetivos já tendo definido lugar específico em relação ao qual se vivenciarão as convergências afetivas e a escolha da nova pertença social (“Busca Específica de Pertencimento”);
- 4) A ocorrência das convergências afetivas dirigidas ao retorno ao lugar de origem, que não é aquele no qual se precisa viver atualmente, sendo, por isso, uma escolha não-recíproca, não-congruente (“Pertencimento Específico Não-congruente”);
- 5) A ocorrência de convergências afetivas dirigidas para o lugar em que se está e se precisa viver atualmente (“Pertencimento Específico Congruente”);
- 6) O duplo-pertencimento, aos lugares de origem e de destino (“Pertencimento Estendido Específico”);
- 7) Afetivamente, a família está “aberta ao mundo” para novas relações e culturas (“Pertencimento Estendido Contínuo”).

O que se percebe ainda é que a experiência de pertencimento se associa à elaboração dos vínculos nos tempos passado/presente/futuro, numa seqüenciação possível que culmina em um estado continuado de vinculação, o que corresponderia ao *pertencimento estendido contínuo*.

Propõe-se aqui que os processos que subsidiam estas vinculações são processos de filiação, que vinculam histórias de gerações e que tomam expressão em uma lógica de contigüidade e continuidade relacionais. A contigüidade relacional fundamentou a compreensão dos tipos de pertencimento (apresentados no Quadro 4), em que foram descritas

possíveis combinações de escolhas de lugar de pertença na experiência de migração. Tais escolhas estão associadas ainda a um padrão de continuidade relacional e histórica, tanto a nível pessoal, como familiar e social – dimensão esta que implica na compreensão de aspectos de geratividade e de identidade familiar, em que valores relacionais, sociais e de família são descobertos, assumidos e transmitidos.

A geratividade, a transmissão dos valores, na pesquisa, apresentou-se como fruto também das vivências dramáticas destas famílias, ressaltando-se: filhos que mantêm o valor de família, mas avançam para seus projetos (suas histórias, suas outras famílias); mães divididas em três histórias: a sua própria, a dos filhos e a do seu casamento; pais que podem celebrar a própria migração, a dos filhos, a convergência dos lugares e que percebem a responsabilidade de serem “*anfitriões*”, mesmo quando não estão “*na sua terra*”, numa atitude humana e intercultural, de aceitação de diferenças, em amplitude cada vez maior.

Na condição de *busca de pertencimento* (seja de uma forma *generalizada* ou *específica*), o pertencimento não é negado, mas também não se dirige a qualquer lugar específico. Em termos de busca pode-se dizer que se dirige a um tempo inespecífico, o que corresponderia, na lógica da geratividade, ao exemplo de um casal que deseja vir a gerar filhos, mas não está agindo para que isso aconteça, não investiu afetividade para concretizar esta relação, não enfrentou as convergências relacionais e suas implicações conflituosas e transformacionais.

Já o *pertencimento específico não-congruente* pode ser referido como uma busca de lugar que já foi eleito, mas cujo investimento afetivo é dirigido a um futuro específico (a partir de uma referência a um passado vivido): por exemplo, “*um dia, voltar a Fortaleza*”. Por isso, esta situação se reveste de grande possibilidade de vínculo transferencial, como foi previsto na discussão do casal da *família-azul* no final da última sessão.

O *pertencimento específico congruente*, por sua vez, diz respeito à filiação no tempo presente, em que a escolha se dá a partir do contexto relacional vivenciado no cotidiano da vida familiar. Isto é, o *pertencimento estendido específico* refere-se à sintonia entre filiações passada e presente, e o *pertencimento estendido contínuo* acontece quando se obteve tal condição e, de alguma forma, se está pronto a estendê-la ainda mais à frente: a pessoas e lugares que podem vir a participar do transcurso da história de suas vidas, implicando em uma

filiação no mundo, cada vez mais circular e ampla. Estes são aspectos de continuidade e identidade familiar acessados pela presente pesquisa.

Capítulo VI

Considerações Finais

“De fato, não se pode negar a arrogância do cientista e sua pretensão de saber mais que os homens comuns. No Massachusetts Institute of Technology (...) considerado a maior escola de engenharia do mundo, existe um enorme mural, em seu grande refeitório, que chama a atenção. É uma alegoria da ciência. No alto, a face aústera da deusa Ciência. Logo abaixo, seu sumo sacerdote, com suas vestes rituais, o cientista e seu avental branco. À direita, uma ânfora rodeada de anjos e pela deusa da abundância. À esquerda, coberta pela sombra, outra ânfora, ao lado da qual se podem ver a cabeça de um lobo e uma feiticeira. No primeiro plano, a congregação dos cientistas e seu mote: ‘(...) e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal...’.”.

Rubem Alves

A pesquisa *“Afetividade da Família Migrante: Um Estudo Sociodramático”* teve três objetivos principais. O primeiro relacionado às contribuições do conceito de circularidade afetiva (*familidade*) na compreensão do pertencimento social e da diferenciação de famílias em seus processos migratórios. O segundo diz respeito ao significado histórico e contextual, atual, da migração em geral, e de famílias nordestinas dentro do Brasil. O terceiro sobre as contribuições da Socionomia no estudo da afetividade de famílias em geral e de famílias migrantes em particular.

Tais objetivos orientaram a busca de sentido nos processos sociodramáticos, os quais, por sua vez, levaram às categorias de análise, cujos significados sugerem reflexões em três campos discursivos distintos, a saber: 1) A *familidade* na compreensão do pertencimento-diferenciação de famílias Migrantes, 2) O significado histórico e contextual da migração contemporânea, e 3) As contribuições da Socionomia no estudo da afetividade de famílias migrantes.

1. A *familidade* na compreensão do pertencimento-diferenciação de famílias migrantes

A maior parte dos objetivos e questões específicas, postos ao longo deste trabalho, dirigiu-se ao tema da *familidade* e do pertencimento social. Neste campo, especificamente, a pesquisa proveu reflexões sobre:

- 1) **A relação “pertencimentos-*familidade*”** – em que se discutiu a experiência da migração familiar em relação aos processos de pertencimentos sociais (o que aconteceu nas referências sócio-culturais, antes e depois da migração) e o sentimento de *familidade* (o que acontece na própria relação familiar).
- 2) **A afetividade na migração (transição, reconfiguração, identidade das famílias)** – em que se buscou entendimento sobre a afetividade familiar e social na transição vincular, na reconfiguração do lugar social e na identidade familiar.
- 3) **O deslocamento do protagonismo individual para o familiar e a conjugação entre o protagonismo individual e o familiar** – em que se perceberam elementos na experiência de migração que indicam a valorização do conjunto familiar, bem como da conjugação dos lugares individuais dos atores da família, associados aos lugares sociais vivenciados pelo grupo como um todo (a reorganização da família pós-migração e a busca da autonomia dos seus membros).

A compreensão moreniana (Moreno, 1992b) de que os padrões de afetividade, os vínculos relacionais e as inserções sócio-culturais se expressam em “(...) *dinâmicos agrupamentos sociais de crescimento histórico*” (p. 183), conferiu à categoria da afetividade o lugar de fator mediador, catalisador, possibilitando a organização da compreensão, intervenção e análise da pesquisa (González-Rey, 2000). Assim, o conceito de circularidade afetiva levou à construção da idéia de *familidade*, a qual dirigiu as percepções sociodramáticas e a busca de significados frente ao processo de pertencimento social e de diferenciação das famílias em seus processos migratórios. Esta busca foi sustentada teoricamente pelo arcabouço da

Sociometria, particularmente, a teoria da matriz de identidade, o conceito de átomo social, os princípios sociométricos e a compreensão sobre co-criação de papéis. Nesta abordagem, a *familidade* foi identificada pela descrição do modo grupal/circular da família se complementar (afetividade familiar) e pela sua relação com o lugar social.

Assim, as dinâmicas de pertencimento puderam ser percebidas e as concepções idealizadas de família puderam ser explicitadas. A *familidade* se mostrou uma ferramenta conceitual rica na medida que, indicou movimentos dramáticos da circularidade afetiva na família, possibilitando a sua descrição processual.

Além deste, o conceito de *convergência afetiva* foi proposto como ferramenta de análise importante para acompanhar a produção de conhecimento em relação a vinculações grupais/familiares. Destaca-se ainda a utilização que se fez da categoria “*convergência*”, frente a caracterizações como “*produtiva*” ou “*afetiva*”, possibilitando a percepção do grupo familiar nos moldes de uma equipe de trabalho (*convergência/ unidade produtiva*), ou enquanto grupo vinculado afetivamente (*convergência/unidade afetiva*). Como destacou este trabalho, tais categorias fundamentam-se no estudo das vinculações compensatórias de Dias (1994).

A convergência interpessoal traz relevo aos processos ocorridos no interior da tele, indicando os elementos afetivos – além dos elementos perceptivos, cognitivos e culturais – que estão em jogo na vinculação interpessoal, na complementaridade dos papéis, na resolução das ambivalências afetivas em diversos âmbitos da relação humana. No contexto da migração, o conceito traz relevo ainda às questões de adoção de lugar e da expansividade afetiva frente aos desafios da multiplicação dos pertencimentos sócio-culturais.

A presente pesquisa seguiu o posicionamento epistemológico de que há uma “potencialidade disruptiva” (Demo, 2004) quando os limites do conhecimento são confrontados pela busca de novos significados. Através do Sociodrama, produziu-se conhecimento implicando os *atos* da migração aos seus respectivos *atos* psicossociais (i.e., aos seus significados), bem como maximizar, pelo uso de técnicas sociodramáticas específicas, a percepção destes atos e a emergência de seus significados. Assim, o Sociodrama se estabeleceu como método promovedor tanto da reprodução da história de migração, como da construção do campo intersubjetivo de atribuição de sentidos à mesma.

Conjugou-se ao *método sociodramático* de J. L. Moreno (1992a) a organização de *quadros analíticos* fundamentais ao processo investigativo. A partir destes foram estudadas as referências sócio-culturais antes e depois da migração, com a própria relação familiar, possibilitando a compreensão sobre a experiência de migração familiar em relação aos processos de pertencimentos sociais e à *família*. Especificamente, os processos de reconfiguração de lugar social e de identidade familiar foram explicitados na Figura 3 e nos Quadros 2, 3 e 4, os quais apresentam: “Histórias Dramatizadas da Migração”, “Escolhas Sociométricas das Famílias”, “Aspectos Afetivos e Sociométricos nas Diferentes Pertenças Sociais”, “Análise do Pertencimento”. Estes quadros analíticos do processo sociodramático possibilitaram a reedição dos atos dramáticos em níveis progressivamente mais ricos de análise, favorecendo também a clareza teórica do trabalho. O valor do presente estudo não repousou, pois, na generalização dos dados, mas na construção de categorias específicas de análise indicadas nos quadros analíticos propostos, os quais podem ser tomados como ferramentas de análise para uso em temáticas e contextos semelhantes de análise.

Associou-se à amplitude no tratamento do tema a força do princípio-motor das investigações, no plano teórico, a saber, a dinâmica *pertencimento-diferenciação*, estabelecendo o processo migratório em uma dimensão de natureza dramática e dialética, contemplando elementos paradoxais e ambivalentes da experiência dos sujeitos.

Vários aspectos do processo migratório e da reconstituição dos laços familiares e sociais – compreendidos como *família* e pertencimento social – foram percebidos e discutidos, tal como se apresentou no capítulo anterior. Resumidamente, a pesquisa possibilitou identificar diferenças de pertencimentos nas famílias, como se pode perceber nos seguintes relatos de conclusão:

- A *família-verde* demonstrou estar desenvolvendo, não só o duplo pertencimento (Fortaleza-Brasília), mas também um “pertencimento estendido” que a capacita a continuar expandindo sua rede sociométrica. Este modelo de pertencimento projetou-se para a geração dos filhos, enquanto os pais se voltaram para o investimento no fortalecimento de seu núcleo conjugal.

- A *família-azul* genericamente manifestou uma busca de pertencimento e, ambivalentemente, manteve referências no passado (em Fortaleza); a relação com Brasília foi manifestada como compensatória (com consciência do acolhimento recebido), e com algumas expectativas relacionais, demarcando-se um início de processo de duplo-pertencimento e vínculo intercultural.

Em relação à dinâmica intrafamiliar, percebeu-se que, de fato, a migração promoveu um novo deslocamento do sentimento de família da valorização individual para a do grupo familiar como um todo, tendo em vista o desenvolvimento da *familidade* ocorrido tanto no processo migratório em si, como no processo sociodramático de investigação/intervenção (o que foi demonstrado especialmente nos Quadros 2, 3 e 4).

Sobre os modos das famílias conjugarem a reorganização da família pós-migração e a busca da autonomia dos seus membros, deve-se considerar, primeiramente, as noções de independência que foram explicitadas na pesquisa, a partir dos seguintes compartilhamentos: “*Eu tenho que fazer com que o Alberto descubra que ele não precisa de ninguém (...) ele pode suprir tudo dele! Eu tenho que criar um ser independente!*” (Aline), “*Antes eu ficava sempre correndo atrás do ideal (de família que cuida, protege)...*” (Aline).

Singly (2001) distinguiu “autonomia” (autoridade fundada na razão e na vontade; indivíduo dono do seu próprio destino) e “independência” (indivíduo auto-suficiente; atitude excessivamente autocentrada) e, identificou como marca maior da família contemporânea a busca de liberdade, autenticidade e independência, sendo o papel da família a provisão do espaço protagônico para cada um de seus componentes.

Nesta referência, Aline segue a sua fala, mencionada acima, declarando explicitamente que, estar em Brasília (e, portanto, expor-se a um outro pertencimento social, além da terra de origem), foi importante para mudar sua atitude de “*correr atrás do ideal*” de família, deflagrando uma nova atitude de independência, talvez anterior à de autonomia. Além disso, a pesquisa evidenciou que a mudança territorial (a migração) promoveu um descolamento histórico-afetivo, em que os indivíduos percebem melhor os aspectos críticos (atos psicossociais), tanto da sua história particular, como da familiar, favorecendo sua protagonização nos dois níveis (conforme Quadro 3).

Além disso, Singly (2007) também apontou a valorização da independência pelo e duplo fluxo financeiro e afetivo, cuja implicação é a compreensão dos intercâmbios afetivos como trocas materiais (Singly, 2007). Neste contexto paradoxal, as dívidas emocionais encontram um campo frutífero (Bucher, 1986; Boszormenyi-Nagy & Spark, 1994)¹⁰. Exemplo disso é o cuidado dos filhos com pais idosos como obrigação/dívida, mesmo vivendo distanciados destes por muito tempo; isto indicaria que alguns atos familiares podem estar relacionados mais à restauração de uma unidade identitária ameaçada do que a afetos propriamente ditos (Dias, 1994; Singly, 2007).

Neste sentido, a hipótese segundo a qual “a *dinâmica “pertencimento x diferenciação” vivenciada pelas famílias migrantes promoveria uma dificuldade de convergência afetiva, de adoção mútua entre família e o novo contexto sócio-cultural, de reconhecimento das singularidades (diferenciações) envolvidas (a saber, família e cidade)”*, não se confirmou neste estudo. Ao contrário, observou-se que o processo migratório maximiza a dinâmica “pertencimento-diferenciação”, permitindo a retomada histórica do lugar de origem até o lugar atual, o que tende a antecipar a percepção da continuidade histórica frente a novos pertencimentos.

Por outro lado, houve evidências positivas para a hipótese referente à qual “os *processos intrafamiliares de dinâmica afetiva circular possibilitam novas formas de ocupar o lugar social e do grupo se definir como família*”. Neste sentido, na *família-verde*, constatou-se o incremento da *familidade* e a adoção do novo lugar antes do processo sociodramático (especialmente por meio do Historiodrama). Na *família-azul*, observou-se, durante a intervenção sociodramática, tanto o incremento da *familidade*, como da vinculação a lugares de pertença. De um modo geral, percebeu-se que a dinâmica “pertencimento-diferenciação” permitiu novos afetos, *convergências afetivas* e novas atitudes frente à adoção de novos lugares de pertença.

2. O significado histórico e contextual da migração contemporânea

¹⁰ A cultura familiar tem sido expressa no terreno do trabalho terapêutico com famílias (Bucher, 1986; Boszormenyi-Nagy & Spark, 1994) como *códigos de lealdade, aliança familiares, carta de legados* referindo-se a um conjunto de obrigações e dívidas, construídas ao longo do tempo e que necessitam ser cumpridas por algum dos membros do grupo familiar.

No campo do significado histórico-contextual atual dos processos migratórios, a pesquisa proveu reflexões a respeito dos seguintes pontos

- 1) **Das evidências cultural-ideológicas a partir de aspectos sócio-afetivos** – em que foram discutidos elementos afetivos, sociais e culturais da família migrante como base de compreensão sobre sua condição relacional e ideológica.
- 2) **Da natureza dos processos, das atitudes e das concepções do pertencimento** – em que foram descritos processos de reorganizações sócio-afetivas e de (re)construção de atitudes sócio-culturais da família migrante.
- 3) **Dos processos constituídos afetivamente e o papel das dinâmicas compensatórias** – em que se discutiu o papel das dinâmicas relacionais compensatórias geradas em contexto de migração em relação aos processos constituídos pelas relações afetivas.
- 4) **Da relação entre pertencimento social e noções de transculturalidade** – em que se discutiram processos de reformulações nas concepções de homem, de família e de mundo engendrados na migração em família.

Tal como o relacionamento com pessoas, a vinculação aos lugares (“*o lugar que me acolheu*”, como menciona Valter) desperta ambivalências, demanda investimento e convergência afetivos, pode ser tética ou transferencial, ganhando significado a partir de um eixo histórico de adoção. Neste parâmetro, os aspectos cultural-ideológicos evidenciam-se pelos aspectos afetivo-sociais, na medida em que os processos que subsidiam as vinculações são esclarecidos como processos de filiação e, portanto, processos históricos. Assim, também ficam evidentes as dinâmicas relacionais compensatórias geradas em contexto de migração que descaracterizam os processos constituídos pelas relações afetivas, a saber, a adoção de lugar, o duplo pertencimento, o pertencimento estendido, etc. Estas considerações, igualmente, oferecem explicação a respeito da natureza dos processos de inclusão em que se deram as

reorganizações sócio-afetivas das famílias dos estudos, bem como a construção de atitudes de inclusão e de noções de pertencimento à família e ao lugar social.

A contemporaneidade trouxe um confronto entre possibilidades da vida psicossocial como: a expansão sócio-afetiva *versus* a estabilidade pessoal, a unidade familiar/comunitária *versus* o fortalecimento da identidade pessoal, a fusão interpessoal *versus* a autonomia dos indivíduos. Geralmente, a busca de segurança e liberdade são marcos das relações familiares e sociais hoje (Bauman, 2003), os quais Singly (2007) caracteriza como o aumento no “(...) grau de liberdade na escolha das modalidades dessa segurança” (p. 177), ou seja, do pertencimento social, e não como a negação do desejo de pertencer.

Além disso, a migração também evidenciou paradoxos do processo de *família*, apontados por Singly (2007) como características em transição da família contemporânea. Primeiramente, foi constatada a diminuição dos laços de dependência entre as gerações (e entre os sexos) e a busca por uma qualidade melhor das relações como um todo. Segundo, evidenciou-se a personalização das relações entre cônjuges e entre pais e filhos, ao lado de uma maior socialização da vida privada. O que se observou é que a desterritorialidade e reterritorialização favoreceram a reunião, no mesmo palco (da família), de experiências previstas por Singly (2007) como modos típicos do sentido de família hoje. Desta forma, os casais da pesquisa demonstraram parceria na produção da individualidade e da coletividade, investindo na compatibilidade entre forças individuais e coletivas, entre processos afetivos e de independência, entre a descontinuidade entre as gerações e a busca pela continuidade histórica da própria família, com uma consciência emergente sobre o valor da dimensão afetiva e do contexto social mais amplo na construção de suas histórias.

A pesquisa apontou ainda (conforme Quadro 3) que as escolhas sociométricas de lugar associaram-se a um padrão de continuidade relacional e histórica, a nível pessoal, familiar e social, promovendo a noção de geratividade e de identidade familiar, processo em que valores relacionais, sociais e de família são descobertos, assumidos e transmitidos. A *família-verde* protagonizou esta relação, em que se observaram filhos mantendo o valor de família, e, ao mesmo tempo, avançando para os seus projetos pessoais (suas histórias, suas outras famílias).

Observou-se também que estes aspectos foram acessados na intervenção dramática, ou seja, em contexto de percepção télica, recíproca, quando se pôde fechar o paradoxo de responsabilizar-se pelo acolhimento de outros, ao mesmo tempo em que se percebe a si mesmo como estrangeiro (ser “*anfitrião mesmo não estando na sua terra*”), promovendo, assim, a aceitação de diferenças em uma amplitude ao mesmo tempo fortemente afetiva e intercultural. Neste sentido, segundo Dinicola (1994), “(...) *a minha responsabilidade com os outros é o que me mantém humano*” (p. 61).

O que se percebe é que o Sociodrama põe em ação tanto os afetos como as histórias, e ambas se interpenetram (como Moreno prevê em sua tricotomia social). É nesta síntese que a vinculação ao lugar e às pessoas se integra, demarcando os processos identitários dos protagonistas. Assim, como no caso da “*mãe dividida*” na pesquisa, a relação afetiva pode favorecer a percepção do eixo histórico em três histórias: a sua própria, a dos filhos e a do seu casamento, possibilitando, no núcleo materno (referente ao ego-auxiliar primeiro), a proliferação de vários protagonistas ao mesmo tempo.

A ênfase nos processos inter e intra-grupais (familiares) no contexto em questão foi evidenciada considerando-se as motivações paradoxais emergentes dos tempos pós-modernos reveladas na concomitância entre o individualismo extremo e a busca intensa por novos modos de pertencimento, com todas as possíveis conseqüências para os processos interacionais, afetivos e identitários em jogo (Bauman, 2003).

Assim, a hipótese de que “*há uma nova compreensão de homem, de família e de mundo mobilizada pelas experiências de migração em família*” se confirma.

Em relação ao significado histórico e contextual do processo migratório, convém lembrar que o contexto da migração evidenciado na pesquisa foi a experiência de nordestinos/cearenses que migraram em família para a multiculturalizada cidade de Brasília. No entanto, as famílias do estudo parecem só terem se dado conta do reflexo afetivo deste fato, nos atos dramáticos da investigação. Então, a pesquisa indicou que as famílias designam Brasília como lugar “de crescimento”, “expectativa”, “descoberta”, “oportunidade”, e, Fortaleza, como “passado”, “núcleo de resolução”, “lugar dos parentes”, “lugar que sempre vai “carregar” consigo” (na memória).

Como lembra Santos (1996), a noção do lugar de origem do migrante não se esvai. Todavia, é como se sua memória se tornasse inútil, pois é na inserção social ativa/ consciente e mais vinculada à descoberta do que à experiência prévia (ou seja, mais ligada à tele do que à transferência), que o estranhamento ao lugar pode ser desfeito e a relação estabelecida.

Percebe-se o processo constitutivo da relação com o lugar, pelo caráter resolutivo e até conflituoso destas designações atribuídas pelas famílias, implicando-as na construção das relações em jogo. Neste contexto, o argumento (por parte da família que teve sua identidade dividida, dualizada) de que mais idas e vindas a Fortaleza desenvolveriam um duplo pertencimento, encontra fundamento. No entanto, Santos (1996) lembra que a memória é coletiva, enquanto o esquecimento é individual. Neste sentido, as vivências com o lugar só fornecem identidade se forem pautadas em relações interpessoais também, e não somente com o lugar (ou amistosas, ou massificadas), mas aquelas em que seus atores protagonizem cenas de vida, escrevendo suas histórias coletiva e dramaticamente. Em outras palavras, é a *contigüidade relacional* que “(...) funda a escala do cotidiano e seus parâmetros de co-presença, vizinhança, intimidade, emoção, cooperação e socialização” (Santos, 1996, p. 272).

Os sociodramas, enquanto fomento à dramaticidade relacional, promoveram a percepção/compreensão de aspectos vivenciados na migração sobre os quais as famílias ainda não tinham se dado conta, pelo menos, não coletivamente. Uma destas foi a noção de transculturalidade considerada enquanto aceitação daqueles a quem se considera “ *muito diferentes*”. Observou-se que tal noção pode alterar as formas e o significado do pertencimento social, e vice-versa.

Sobre o significado das novas condições multiculturais na retomada do vínculo social por parte do migrante, deve-se ressaltar, a partir da presente pesquisa, que, se o significado ao qual a questão se refere é uma noção intelectual de multiculturalidade esta não imprime uma realidade multicultural, mas antes, uma condição etnocêntrica, “(...) *um sentimento suspeito* (que) (...) *determina uma linha divisória sutil entre os que estão de fora e os que são de dentro*” (Dinicola, 1994, p. 59), uma “curiosidade da diferença” como base de familiaridade com os estranhos.

Sobre o significado histórico e contextual da migração de nordestinos, especificamente, emergiram aspectos que podem ser associados ao ideário da migração de resistência. Por

exemplo, imaginou-se que os comentários que se fariam aos dados coletados seriam que eles (os migrantes) “*têm coragem de sair da sua terra e buscar o melhor pra família*”, lembrando a noção do “retirante nordestino”, lutando contra as más condições de vida em seu estado, o que não corresponde ao perfil econômico dos pesquisandos.

Uma outra observação diz respeito à “migração de retorno”, à condição de “eternos peregrinos” e aos “rompimentos familiares” (com a família de origem, a qual continuaria residindo no lugar de origem), mencionados anteriormente como aspectos culturais das migrações nordestinas (Carvalho & Almeida, 2003), os quais foram evidenciados entre os dados coletados. Pode-se compreender, aqui, uma associação entre a influência da cultura de migração nordestina e as experiências afetivas vivenciadas no desenvolvimento do pertencimento estendido, tal como a pesquisa indicou.

Das características previstas à migração global (relativa à era da Globalização), a saber, intenso movimento de diversidade e sincretismo cultural, “cidadania internacional”, “mundo sem fronteiras”, “migração por escolha e desejo” (sujeito de seu próprio destino, protagonista), bem como o fim da migração forçada, emergiu principalmente a idéia de se “ser dono de seu próprio destino”. As noções de “mundo sem fronteiras” e de sincretismo cultural acompanham uma consciência inicial em relação à aceitação de povos diferentes, no contexto de se ver um membro da família entre eles. Pode-se concluir que estas características da migração global não foram incorporadas aos migrantes da pesquisa.

3. As contribuições da Socionomia no estudo da afetividade de famílias migrantes

Quanto ao alcance da Socionomia no estudo da afetividade de famílias, pode-se considerar que foi confirmada a hipótese norteadora de que “*os recursos conceituais e técnicos da Socionomia podem revelar categorias fundamentais de natureza psicossocial para a dinâmica do grupo familiar em geral, e da família migrante, em particular*”. Especificamente, a pesquisa deu relevo às seguintes discussões:

- 1) **Sobre os fatores sócio-emocionais na relação indivíduo-sociedade** – em que se partiu do pressuposto de que há um “(...) *continuum sócio-emocional de relações* (...)” (Moreno, 1994, p. 120) que relaciona indivíduo e sociedade.
- 2) **Sobre a visão de homem em Moreno e propostas psicossociais** – relacionando-se o olhar e a construção conceitual, de Moreno, sobre o Homem e a Humanidade.
- 3) **Sobre o valor emancipatório do Sociodrama** – em que se discutiu o alcance do método sociodramático em sua dimensão participativa e emancipatória.

Assim, a pesquisa, ao tratar a temática da (re)organização dos laços intra-familiares e sociais de famílias migrantes enquanto processos mediados pela afetividade (aspecto interpsicológico), referendou a partir de um contexto dinâmico e dialético de investigação, as dinâmicas sicionômicas de pertencimento-diferenciação relacional.

No método moreniano, a ação de seus integrantes é considerada mediação/ interação dramática, estabelecendo-se a interdependência entre os contextos grupal, social e sociodramático na investigação. No primeiro contexto (grupal) conferiu-se uma base interpessoal a todas as ações dos envolvidos (as famílias pesquisadas, a pesquisadora e os egos-auxiliares), permitindo, assim, que os elementos afetivos e sociais pudessem emergir em um campo coerente com a natureza histórica (cultural) e social (relacional) da temática investigada.

No acesso ao dado, a natureza processual e relacional do contexto grupal permitiu que a história da migração fosse explicitada, e os seus significados ganhassem o incremento da expressividade e da percepção por parte do narrador/protagonista da história. Além disso, a organização inter-papéis do contexto grupal (representada nas funções especificadas de unidade terapêutica, *família-protagonista* e *família-plateia*) conferiram ao grupo, a hierarquia necessária aos processos de grupalização, conforme apontados pelas proposições sobre evolução dos grupos (Moreno, 1994b).

O contexto social se expressou, primeiramente, no fato de os pesquisandos serem representantes vivenciais da temática em questão (migrantes), como as seguintes falas demonstram: “*eu acredito que (...) acontece com a gente e (...) acontece com eles*”, “*cada*

família teve uma adaptação diferente, mas depois chega no mesmo ponto". Além disso, as famílias explicitaram, em contexto vivencial/relacional também, os aspectos da experiência recortados pelos temas-geradores de cada sessão, os quais foram estruturados com a participação (entrevista) de um outro grupo representante social da mesma experiência (a *família-matriz*), tornando cada vez mais presentes as vozes sociais da pesquisa. Também a condição da própria pesquisadora, de "quase-migrante" (i.e., residente em Fortaleza, estudando em Brasília), explicitou a *reflexividade* "(...) *das intenções, características pessoais, história e projetos existenciais dos pesquisadores (e que) constituem-se em elementos centrais para as escolhas metodológicas nas pesquisas qualitativas*" (Monteiro & cols., 2006, p. 44).

A metodologia fenomenológica (Holanda, 2001) indica que o dado coletado esteja em relação com o pesquisador, contato este necessário à compreensão do dado. No Sociodrama, este contato é atendido quando pesquisadores e pesquisados estabelecem condições inteligíveis de percepções e compreensões na geração de sentidos consensuais, podendo-se, então, aplicar o termo "*convergência afetiva*" também à relação pesquisador-pesquisando. Além disso, no Sociodrama, a elaboração de análises e busca de compreensão dos dados é efetivada a partir da ação dramática e protagônica da unidade terapêutica (diretor e egos-auxiliares) sobre o conteúdo proposta na própria interação entre pesquisadores e pesquisandos.

O contexto sociodramático permitiu a demarcação de cenas, no sentido estrito em que se aplica o termo "marcação" no teatro tradicional, indicando, ao ator, a sua melhor posição no cenário, de acordo com a cena e as relações em jogo. A discussão sobre as "demarcações" dos pesquisados em relação ao processo de construção (por exemplo, de atos de *convergência afetiva* indicados em ações anteriores), torna-se uma contribuição específica da pesquisa, no contexto dos recursos técnicos da investigação. Além disso, os recursos sociodramáticos favoreceram a condição de "realidade suplementar" (Moreno, 2001), possibilitando a emergência de processos interpessoais. No contexto das co-produções sociodramáticas, as zonas de sentido e a técnica de intitulação ganharam maior legitimidade na representação da construção intersubjetiva dos participantes, agregando uma distinção na metodologia investigativa da pesquisa.

Em geral, o método permitiu a “(...) *amplificação de cenas críticas emergentes em histórias sociais dramáticas protagonizadas pelos pesquisandos (...) (de tal forma que) as interações são exploradas não como relatadas, mas como reatuadas, corporificadas em tempo e espaço, no espaço em que os eventos ocorreram*” (Moreno, 1992, p. 98). Nesta perspectiva, as produções dramáticas fornecem e maximizam esta condição. A projeção de futuro, por exemplo, incrementou ainda mais a extensão processual – de tal forma que, quando se falou de “demarcação” e de “pertencimento estendido”, indicou-se a construção deste processo específico.

Nos contextos relacionais da sociodinâmica moreniana (grupal, social e sociodramático, tal como indicado na Figura 2), as ações do pesquisador ganham significado sócio-cultural, na medida em que se aprofunda o plano da investigação pela intermediação dos egos-auxiliares, possibilitando ao diretor-pesquisador, a proximidade interativa do seu papel (intermediado pelos primeiros), permitindo também, lidar com o conhecimento em movimento, na ação co-construída e coerente com o enfoque relacional, revelador das reciprocidades entre sujeito e mundo social, e fundamentado na inseparabilidade entre teoria e experiência.

A seqüência intra e inter-sessões permitiu a emergência de um *continuum* de construções históricas e relacionais, possibilitando confirmação e maximização do campo perceptivo/compreensivo, evidenciado especialmente nas co-criações do grupo como um todo. Estabeleceu-se valor ainda maior para este modo de procedimento quando se considerou a duplicidade (ou multiplicidade) da experiência de vinculação (em lugares geograficamente distantes e culturalmente diversos). Desta forma, as relações em jogo ingressaram em um *continuum* de desenvolvimento, e, nesse contexto, os aspectos¹¹ objetivados na pesquisa foram sendo acessados e significados numa percepção, consciência e interatividade afetiva crescentes, como expressam os seguintes recortes que revelam as opiniões dos participantes sobre os dados reveladores da pesquisa: “*não é surpresa (...) é só confirmação*”, “*um retrato ou um espelho do que exatamente o que acontece com você*”, “*apesar de ter consciência, ninguém tinha visualizado*”, “*as imagens revelam*”, “*a gente começa a perceber que as pessoas também vêm com a gente*”.

¹¹ A saber: a ligação com Brasília, Fortaleza e outros lugares, os sentimentos de família, os processos constitutivos do núcleo familiar, o papel dos amigos, os modos de vinculação e expansão social.

Assim, na vivência mútua entre pesquisadores e participantes, estabeleceu-se o sentido das vivências dos pesquisandos. Do contato com os dados registrados, emergiram os parâmetros de análise, a partir dos quais, os aspectos pertinentes às questões básicas da pesquisa ganharam sentido. Buscou-se, assim, a coerência entre as bases teórico-conceituais, o modo de acessar a realidade e, também, de utilizá-la reflexivamente.

As questões teórico-conceituais que sistematizaram a busca de conhecimento permitiram focar sobre aspectos vinculares, sociais e culturais, no estudo da migração familiar. Em toda a pesquisa, evidenciou-se a importância de utilizar uma abordagem que favorecesse tanto o valor afetivo, como o sócio-cultural. Especificamente, em se tratando da família migrante, percebe-se a associação de tais fatores como condição necessária à compreensão da natureza cultural e ideológica dos seus processos, em que se mobilizam aspectos de continuidade (histórica) e contigüidade (geográfica) relacional.

A contribuição da Socionomia no estudo da afetividade de famílias migrantes, revela-se nos seguintes pontos da pesquisa: 1) a concepção sicionômica de grupo e o seu alcance na análise de famílias; 2) as implicações teórico-metodológicas da investigação sociométrica de famílias; 3) os eventos migratórios de famílias como questão social e psicológica; 4) o construto da *afetividade circular* como elemento mediador e constitutivo da *familidade*.

A importância desse quadro conceitual de análise aplicado ao estudo de famílias migrantes se expressa, pois, enquanto possibilidade de análise do modo singular e processual como as famílias se reorganizaram afetivamente a partir de seus processos específicos de grupalização. A inserção do pesquisador na comunidade de pesquisados e vice-versa, foi desenvolvida pela sua interação frente aos elementos temáticos próprios da experiência de migração, através dos sociodramas propostos. Assim, os recursos teórico-metodológicos propostos por Moreno marcaram a pesquisa de modo inovador, profundo e coerente, mobilizador, participante e de ação interventiva.

O contexto da *ação sociodramática* tornou-se o espaço de encontro para que o grupo como um todo (formado pelas duas famílias pesquisadas e pela equipe de pesquisadores) pudesse se tornar lugar de emergência de vínculos e relações, ampliando percepções e maximizando o potencial revelador das ações e interações. Sob esta ótica, a proposta moreniana representou uma força no trato de fenômenos psicossociais, pautada em uma

concepção e em uma forma interventiva de mesma natureza. A ação dos pesquisados buscou integrar as dimensões de unidade (pertencimento grupal) e diversidade (diferenciações pessoais, intrafamiliares) referentes à sua relação enquanto grupo de pesquisa, e a ação dos pesquisadores foi desenvolvida pela busca de integração entre as dimensões avaliativa, interventiva e compreensiva.

“O sociodrama tem sido definido como método profundo de ação que trata de relações intergrupais e de ideologias coletivas” (Moreno, 1992b, p. 188). Através do encontro, da co-criação e dos atos fundantes, a obra moreniana constitui uma via de conhecimento e superação, no que diz respeito à possibilidade de uma condição integrada do homem ao mundo, inaugurando, na dimensão pessoal, uma nova forma de ser, de se expressar, de se vincular, de participar.

Assim, o método permitiu: 1) ampliar a percepção e compreensão da realidade em que os participantes estavam inseridos; 2) acessar a história de migração e todo um arsenal disponível à ação dramatizada e complementar entre os atores da história, propiciando o “interato”; 3) reconstruir discursos e ações pela significação emergente dos processos de co-criação do conhecimento; 4) estabelecer procedimentos de codificação temática que facilitaram o acesso à contextualização da narrativa focada na investigação; 5) valorizar os aspectos sócio-culturais, emancipatórios, indicando possibilidades de reintegração social dos sujeitos da pesquisa (tal como sugerem os níveis de pertencimento propostos à família migrante).

Referindo-se ao conjunto da obra moreniana, Martin (1978) valorizou-a em três dimensões, as quais, o autor considera “(...) métodos de validação científica para suas técnicas terapêuticas” (p. 109). Primeiro, a valoração existencial, tendo o seu enraizamento na vida, “(...) onde as criações no encontro são únicas e imediatas” (p. 109). Segundo, a valoração estética, pois esta desenvolveu “(...) princípios estéticos na psicoterapia a partir da herança do teatro e do drama literário” (p. 109). E, terceiro, a valoração científica, a qual se refere ao fato de que “o valor experimental dos métodos psicodramáticos de grupo já tem sido investigado com máxima amplitude e se tem mostrado verificável” (p. 109).

De fato, Moreno exerceu grande criatividade em relação aos paradigmas científicos, rompendo com os limites impostos à ciência por concepções em que as relações sócio-afetivas eram tratadas como um epifenômeno, ou o aspecto social do homem se definia por questões

socioeconômicas. Ao buscar uma definição para o conceito de *grupo*, como comenta Fox (2002) Moreno ofereceu uma “(...) *resolutividade entre o individualismo de Freud e o sociatismo de Marx*” (p. 41).

Knobel (2001) elenca dentre os principais conceitos e práticas sociométricas: a expansividade social e afetiva, os critérios sociométricos, as redes sociométricas, as correntes afetivas, as estruturas relacionais; todos estes foram explicitados na pesquisa de migração do grupo familiar. Os temas que Moreno suscita são considerados por Freitas (2006) “(...) *um campo todo aberto a explorações técnicas e teóricas, pois muito ainda há para ser pesquisado*” (p. 51). Percebe-se, pois, a riqueza da aplicação da visão moreniana a temáticas de migração familiar, como se objetivou neste estudo, permitindo a avaliação e compreensão do grupo familiar a partir de sua concepção enquanto grupo social de pertença marcado pelo desafio da protagonização concomitante entre pessoas (os membros da família), subgrupos (as organizações do grupo familiar em pequenos grupos, ou seja, em relações diádicas, triádicas, etc.) e o próprio grupo familiar.

O tema protagônico desta tese (a afetividade da família migrante) está, pois, aqui apresentado dentro do olhar escolhido pela autora-pesquisadora-diretora, a saber, as diferenciações do pertencimento da família migrante, enquanto exercício de reflexão. O objetivo áureo desta obra é que venha a sofrer, por parte de outros autores-pesquisadores-diretores, *multiplicação dramática ampliada e revista* (Mascarenhas, 1997), inspirando um círculo de criatividade com o ingresso de outras discussões teóricas sobre o mesmo tema, de outros aspectos para a mesma temática, etc.

Este estudo limitou-se, pois, à organização teórico-metodológica de conceitos e dinâmicas que visam a promover um olhar clínico-social à condição afetiva de famílias migrantes, sugerindo-se a continuação dos estudos em vários aspectos temáticos e técnicos iniciados na presente investigação, a saber:

- 1) O valor sacionômico e técnico-investigativo das “intitulações”;
- 2) Os mecanismos de produção identitária de grupos (familiares e em geral) a partir do recurso do “historiodrama”, transformando “fatos” históricos em “atos” protagônicos;

- 3) O aperfeiçoamento do “mapa afetivo” como instrumento de avaliação-compreensão das relações decorrentes do duplo-pertencimento;
- 4) A “análise do pertencimento” (Quadro 4) discutida como matriz de identidade da pessoa ou da família migrante (enquanto fases evolutivas grupais propostas por Moreno, 1993b).

Além disso, indica-se ainda o aprofundamento teórico-conceitual das seguintes proposições:

- 1) A concepção de família, a partir da relação “afetividade familiar-lugar social”;
- 2) A análise da vinculação das famílias a várias cidades, a partir das etapas de vinculação, desligamento, transição, nova vinculação, duplo pertencimento;
- 3) As diferenciações do pertencimento, a partir das transições do pertencimento social e das transformações afetivas demandadas pela dupla ou múltipla vinculação;
- 4) A identidade familiar, a partir da análise de elementos de continuidade relacional;
- 5) A relação entre as dimensões da vinculação ou inserção sócio-afetiva e os momentos da sociometria familiar (Figura 3);
- 6) A caracterização da migração global pelos recursos da Socionomia.

Pelo que se considerou, pode-se dizer que a hipótese de que “os recursos conceituais e técnicos da Socionomia poderiam revelar categorias fundamentais de natureza psicossocial para a dinâmica do grupo familiar em geral, e da família migrante, em particular” se confirmou, neste estudo. Além disso, o “continuum sócio-emocional de relações” proposto por Moreno

(1994a, p. 120) como ponto unificador do encontro indivíduo-sociedade, evidenciou-se em toda a pesquisa. O alcance do método sociodramático no estudo da afetividade de famílias, em sua dimensão participativa e emancipatória, pode ser avaliado principalmente a partir da proposição do Quadro 4, aplicado a questões de reintegração do migrante. Porém, o mesmo merece maiores discussões, especialmente no que diz respeito ao pressuposto da evolução do grupo enquanto rematrização da identidade grupal (familiar etc.).

Por todos os pontos referendados ao longo deste trabalho, entende-se que “(...) o legado de Moreno para o mundo foi (...) importante no seu tempo e poderá se tornar ainda mais importante no futuro” (Marineau, 1992, p. 162). Os pressupostos morenianos podem orientar pesquisas relacionadas à construção do conhecimento sobre o Homem e a Humanidade, mas convém ressaltar que a riqueza desta orientação teórico-metodológica está na associação das categorias científicas às vivenciais, na qual se incluem: a implicação de cada um como protagonista, as relações tomadas como vivência afetiva e o senso da existência humana compreendido como uma cadeia de filiação (de pertencimento), desde a criação do homem. Pessoalmente, no exercício de articular conceitos de natureza tão vivencial, dinâmica e existencial, cabe “um compartilhamento final”, integrando conhecimento, vida e a compreensão de que

Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia. De longe trarei o meu conhecimento e ao meu Criador atribuirei a Justiça. Como sabes aconselhar ao que não tem sabedoria e revelar plenitude de verdadeiro conhecimento! (Bíblia Sagrada, Jó 42:3b, 36:3, 26:3).

Referências Bibliográficas

- Alves, R. (2000). *Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e a suas regras*. São Paulo: Edições Loyola.
- Aguiar, M. (1990). *O teatro terapêutico: escritos psicodramáticos*. Campinas: Papirus.
- Barberá, E. L. & Knappe, P. P. (1999). *A escultura na psicoterapia*. São Paulo: Ágora.
- Barbier, R. A. (2002). *A pesquisa-ação*. Brasília, DF: Plano Editor.
- Barbosa, I. R. B. (2003). Existe terapia familiar psicodramática? *Revista Brasileira de Psicodrama*. 11 (2), 117-124.
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Beauvoir, S. de (1949). *O segundo sexo* (V.1). São Paulo: Círculo do Livro/Nova Fronteira.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (2003). *A construção social da realidade* (23ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Bíblia Sagrada*. Edição Revista e Atualizada do Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. (Trad., Almeida, J. F.).
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. M. (1994). *Lealdades Invisíveis: reciprocidad en terapia familiar intergeneracional*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Bruschini, C. & Sorj, B. (Orgs.) (1994). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas.
- Buber, M. (1995). *Eu e Tu*. (2ª Ed.). São Paulo: Editora Moraes.
- Bucher, J. S. N. F. (1986). Mitos, segredos e ritos na família II: uma perspectiva intergeracional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2 (1), 14-22.
- Bustos, M. D. (1990). *Perigo... Amor à vista! Drama e Psicoterapia de casais* (2ª ed. ampliada). São Paulo: Aleph.
- Buzzi, A. R. (1992). *Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo* (2ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

- Cardella, B. H. P. (1994). *O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica*. São Paulo: Summus Editorial.
- Carvalho, I. M. M. de & Almeida P. H. de (2003). *Família e proteção social*. São Paulo: Perspectiva. 17 (2).
- Castro, M. F. de (2005). *Política e Relações Internacionais*. Brasília: Editora UnB.
- Centro de Estudos Migratórios (SP) (1986). *Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra*. São Paulo: Paulinas.
- Cervený, C. M. de O. (Org.) (2006). *Famílias e... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Charlot, B. (1979). *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Costa, R. P. (Org.) (2001). *Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI*. São Paulo: Ágora.
- Cuckier, R. (1998). *Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto*. São Paulo: Ágora.
- Cuschnir, L. (1997) (Org.). *J. L. Moreno: autobiografia*. São Paulo: Saraiva.
- Demo, P. (2004). *Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos*. Brasília: Líber Livro Editora.
- Dias, V. R. C. S. (1994). *Análise Psicodramática: Teoria da Programação Cenéstésica*. São Paulo: Ágora.
- Dieese. (2001). *A situação do trabalho no Brasil*. São Paulo.
- Dinicola, V. F. (1994). A linguagem pós-moderna da terapia: a ligação entre cultura e família. *Revista Família: Temas de Terapia Familiar e Ciências Sociais*. (1) 6: 55-65.
- Ferreira, A. B. de H. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fleury, H. J. & Marra, M. M. (2006). *Práticas Grupais Contemporâneas – a brasilidade do psicodrama e de outras abordagens*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca Filho, J. (1980). *Psicodrama da Loucura*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca Filho, J. (1996). Ainda sobre a Matriz de Identidade. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 4 (II): 21-34.

- Fontaine, P. J. (1986). Famílias sadias. *Família: Temas de Terapia Familiar e Ciências Sociais*. I (1): 25-42
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas* (8ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Fox, J. (2002). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo: Ágora.
- Freire, J. C. (2002). *O lugar do Outro na Modernidade Tardia*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult.
- Freitas, A. P. de (2006). Transformações da expansividade afetiva de idosos com transtornos psiquiátricos como avaliação dos resultados do acompanhamento terapêutico. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 14 (2): 47-63.
- Fundação IBGE (2001). *Síntese de Indicadores Sociais 2000*. Rio de Janeiro.
- Geertz, C. (2000). Os usos da diversidade. Em *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A.
- Gohn, M. G. (Org.) (2003). *Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- González-Rey, F. (1999). *La investigación Cualitativa en Psicología: Rumbos y desafios*. São Paulo: Educ.
- González-Rey, F. (2000). O emocional na constituição da subjetividade. Em S. T. M. Lane & Y. Araújo (Orgs.), *Arqueologia das emoções*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Gould, S. J. (1987). *Darwin e os grandes enigmas da vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- Guimarães, L. A. (2006). *Teoria Evolutiva dos Grupos e Metodologia Sociodinâmica*. São Paulo: Ágora.
- Guyotat, J. (1980). *Mort/naissance et filiation: études de psychopathologie sur le lien de filiation*. Paris: Masson.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: E. P. & A.

- Holanda, A. F. (2001). Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: elementos para um entendimento metodológico. Em M. A. de T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs.), *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Ômega Editora.
- Holmes, P. & Karp, M. (Orgs.) (1992). *Psicodrama Inspiração e Técnica*. São Paulo: Ágora.
- Holston, J. (1993). *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Houston, J. M. (2003). *Mentoria Espiritual: o desafio de transformar indivíduos em pessoas*. Rio de Janeiro: Editora Sepal.
- Jablonski, B. (1996). Papéis conjugais: conflito e transição em Féres-Carneiro, T. (Org.). *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. 1 (1), Set.
- Knobel, A. M. A. C. (2001). Átomo Social: o pulsar das relações. In: Costa, R. P. (org.). *Um homem à frente do seu tempo. O Psicodrama de Moreno no século XXI*. São Paulo: Ágora.
- Knobel, A. M. A. C. (2004). *Moreno em ato: a construção do psicodrama a partir das práticas*. São Paulo: Ágora.
- Lèvy, P. (2000). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lynch, K. (1999). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marineau, R. F. (1992). *Jacob Levy Moreno 1889-1974: Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo*. São Paulo: Ágora.
- Martin, E. G. (1978). *J. L. Moreno: Psicologia do Encontro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Mascarenhas, P. H. A. (1997). O Psicodrama de Adolf Hitler: Um paradigma do Psicodrama e a sua relação com a multiplicação dramática. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 5 (1): 43-50.
- Menegazzo, C. M., Tomasini, M. A. & Zuretti, M. M. (1995). *Dicionário de Psicodrama e Sociodrama*. São Paulo: Ágora.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamentos e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, R. F. (Org.) (1998). *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Monteiro, A. M. (2002). *Sociometria Diádica: Considerações Teórico-Práticas*, Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília.

- Monteiro, A. M., Merengué, D. & Brito, V. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Motta, M. C. J. (1998). O teatro recíproco com a Família de Moreno. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 6 (1): 75-82.
- Moreno, J. L. (1977). *Psicomúsica y sociodrama*. 2ª ed. Buenos Aires: Hormé.
- _____, J. L. (1983). *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus Editorial.
- _____, J. L. (1984). *O Teatro da Espontaneidade*. São Paulo: Summus Editorial.
- _____, J. L. (1992a). *As palavras do Pai*. Campinas: Editorial Psy.
- _____, J. L. (1992b). *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. V.1, Goiânia: Dimensão Editora.
- _____, J. L. (1993a). *Psicodrama* (9ª ed.). São Paulo: Cultrix.
- _____, J. L. (1993b). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Campinas: Editorial Psy.
- _____, J. L. (1994a). *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. V.2, Goiânia: Dimensão Editora.
- _____, J. L. (1994b). *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. V.3, Goiânia: Dimensão Editora.
- _____, Z (1992). Tempo, espaço, realidade e família: psicodrama com uma família reconstruída. Em P. Holmes & M. Karp (Orgs). *Psicodrama Inspiração e Técnica*. São Paulo: Ágora.
- _____, Z., Blonkvist, L. D. & Rützel, T. (2001). *A Realidade Suplementar e a arte de curar*. São Paulo: Agora.
- Morin, E. (1977). *O Método. A natureza da natureza*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2ª ed.). São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO.
- Moscovici, S. (Orgs.). (1991). *La Influencia Social Inconsciente*. Barcelona: Anthropos.
- Munnè, F. (1995). *La Interacción Social: Teorías y Ámbitos*. Barcelona: Promociones y Publicaciones, S.A.
- Neubern, A. M. S. (2000). *As emoções como caminho para uma Epistemologia Complexa da Psicologia*. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília.

- Nery, M. da P. (2003). *Vínculo e Afetividade: Caminhos das relações humanas*. São Paulo: Ágora.
- Nery, M. da P., Costa, L. F & Conceição, M. I. G. (2006). O Sociodrama com método de pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 2006, 16(35), 305-313.
- Oliveira, S. K. de M. (2000). *Jogo discursivo e produção de histórias: análise da produção narrativa em contexto*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco: Recife.
- Oliveira, S. K. de M (2003). Circularidade Afetiva em famílias hoje. *Trabalho completo. IV Congresso Norte/Nordeste de Psicodrama*. Recife, 2003 (CD Room).
- Oliveira, S. K. de M. (2004). Psicologia: Lugares e Relações. Em Vasconcelos, F. E Barros, R. (Orgs.), *Diversidade cultural e desigualdade: dinâmicas identitárias em jogo*. Fortaleza: Ed. UFC.
- Paviani, A. & Gouvêa, L. A. de C. (Orgs.) (2003). *Brasília: controvérsias ambientais*. Editora Universidade de Brasília, Brasília.
- Perazzo, S. (1994). *Ainda e sempre Psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Pichon-Rivière, E. (2000). *Teoria do vínculo* (6ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Sachs, J. (2000). A voz de J. L. Moreno. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 8 (2): 11-27.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Sawaia, B. (Org.) (1999). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Seixas, M. R. D´A. (1992). *Sociodrama familiar sistêmico*. São Paulo, Aleph.
- Selosse, J. (1988). A evolução das marginalidades e dos desvios dos adolescentes na articulação do psiquismo com o social. Conferência na Associação Francesa de Centros Médio-psico-pedagógicos. Em Pain, J. et Villerbu, L. M (Orgs.). *Jacques Selosse – Adolescence, violences et déviances (1952-1995)*. Vigneux: Éditons Matrice (trad. Sudbrack, M. F. O.).

- Serviço Pastoral dos Migrantes, Centro de Estudos Migratórios, Setor Pastoral Social da CNBB, Laboratório de Geografia Urbana, Centro Scalabrimiano de Estudos Migratórios (Orgs.) (1998). *O Fenômeno migratório no limiar do 3º milênio*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Sigelman, E. (1986). Aspectos epistemológicos em Gregory Bateson: sua relevância para a psicologia clínica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2 (2): 179-188.
- Singly, F. de (Org.) (2001). *Famille et individualisation*. Paris: Harmattan.
- Singly, F. de (2007). *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV. Tradução Clarice Ehler Peixoto.
- Souza, M. J. L. de (1996). *Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual*. São Paulo: Ática.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Valter, M. M. (1998). *Adoção Tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vitale, M. A. F. (1997). Separação e Ciclo Vital Familiar: um enfoque sociodramático. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 5 (1): 29-41.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H. & Jackson, D. D. (1993) *Pragmática da comunicação humana* (9ª ed.). São Paulo: Cultrix.